



Universidade da Amazônia

Ao Entardecer

de Visconde de Taunay

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Ao Entardecer

(contos vários)

de Visconde de Taunay

POBRE MENINO!

CAPÍTULO I

Em dia fresco e de chuva miúda, viajava eu na estrada de ferro Central.

Vinha de S. Paulo para o Rio de Janeiro em trem que parecia, contra inveterados hábitos, dever chegar á hora regulamentar.

A locomotiva como que se aprazia a devorar o espaço — na frase consagrada — por tempo tão grato que dispensava calor, poeira e grandes atrasos, e o jornadas, calculado por tabela oficial de paradas certas, inflexíveis, sempre as mesmas, era relativamente agradável.

Na estação do Cruzeiro, onde desde largos anos — ia dizendo séculos — imperam o porte dominados, a alentada bengala, a enérgica gesticulação e as barbas medievais e enchumaçadas do major Novaes, entrou uma família, regressando de Caxambu.

Pai, mãe, bastante moços, esta ainda vistosa, bonita, um filho de 12 para 13 anos, visivelmente doente, duas criadas, uma branca, outra preta, e um molecote, vestido de pagem, muitas malinhas de mão, chales, cobertores, travesseiros, garrafas de leite e águas minerais, embrulhos com restos, sem duvida, da matolotagem, comida á descida da serra.

Tudo aquilo ás carreiras se arrumou nos bancos vazios ao lado e ao redor de mim.

Afinal, apitou a máquina e partiu o barulhento comboio.

Cansado de ler, esgotados os jornais de S. Paulo, parques de novidades, e um tanto aborrecido com um romance de Charles Merouvel comprado no Garraux, que não me interessava, nem merecia interesse, pus-me a observar os recém-chegados.

No rosto de todos, a inquietação, concentrada no menino que, apenas sentado, pedira para se deitar.

—Sinto-me tão fraco! Exclamou dolente. Não tenho mais forças!...

E com muita solicitude, criadas e molecote, auxiliando apressados os amos e obedecendo-lhes ás indicações, arranjaram os meios de dar melhor cômodo ao doentinho, cujos pés iam além do banco e se contraíam de cada vez que passavam os empregados do trem.

Sim, doente, muito doente até. E tão simpático, tão meigo, uma expressão de tanta doçura na fisionomia, nos olhos bem rasgados, pestanudos, negros, cintilantes, mais do que há vida normal, uns olhos de sofrimento e febre!.... Os lábios como que reviam sangue, de tão rubros; em compensação, as orelhas, muito grandes, desgraciosamente apartadas, da cabeça, umas orelhas desmarcadas, como as do malogrado Napoleão IV, mostravam-se brancas, diáfanas, num grão de deplorável e significativo descoramento.

Impressionaram-me logo de princípio os modos e as observações do menino.

A cada momento, sorria para os pais com imensa ternura, repassada de melancolia, ainda que n'essa continua e comovedora carícia transparecesse a vontade de lhes inculcar coragem e esperanças.

— Apesar de tudo, disse todo superexcitado, estou mais valente do que homem. Assim mesmo não posso ainda estar olhando pela janela. Que pena! Tinha tanto que ver! Apenas ficar bom havemos de viajar a valer, não é? Levarei os meus cadernos de estudos e lucrarei muito. Não deve haver melhor modo de aprender do que viajar. O livro vai sempre aberto diante dos olhos... E eu, que fazia outra idéia da Mantiqueira... mais sombria, mais cheia de buracões e pedras. Tão catita, que ela é!...

E buscando outra posição, gemeu surdamente.

— Sentes muita febre, boi? Perguntou a mãe com angústia.

— Muita, não... já disse á mamãe, menos do que ontem; assim mesmo tenho cá dentro em fogo!... Mas que bonita a serra desde o túnel até ao Perequê!...

— Talvez a frialdade da água te tivesse feito mal, observou o pai; dous copos cheios...

— Que mal, papai? Nunca bebi com tanto gosto, nunca! Eram uns copinhos... parecia que aquela água devia curar-me afinal...

E como que em subdelírio:

— Que bonita a descida! Como o céu estava puro! Eu quisera poder, como um passarinho, atirar-me de cabeça para baixo, voando, voando, por cima de todas aquelas montanhas e dobras e matarias! E o sol como brilhava, com um calor tão bom, de saúde; não como calor de febre! Lorena, não é papai? Já em baixo, na várzea, uns pontinhos brancos. Quanto é boa a vida, a vida... a gente sentir-se valente, robusto... sem necessidade de tanto remédio amargo!

— Vamos pôr-lhe o termômetro? Propôs a mãe para o marido com uma lagrima a cair-lhe da pálpebra.

Recalcitrou um pouco o pobrezinho.

— Não, mamãe; sempre esta maçada! Ficar parado um tempão... e para que, afinal? Esta febre não quer me deixar... bem feliz se puder ir vivendo com ela... me acostumando aos poucos.

Resignou-se, porém, com gracioso amuo e ficou se imóvel e silencioso, com o braço esquerdo bem encostado ao peito.

E os olhos negros, pestanudos, cintilantes, giravam de um lado para outro, enquanto a ponta da língua em continua vaivém, molhava os lábios recequidos e gretados pelo ardor da terrível consumpção.

Cruzaram-se os seus olhares com os meus e tiveram como que um sorriso de simpatia e cordialidade, com uma pontinha de vexame por estar assim doente, aniquilado, n'aquela inferioridade da moléstia triunfadora, invicta.

Embora um tanto casmurro na viagem e nada propenso a entabular relações com adventícios companheiros de caminho, não me contive e, inclinando-me para o lado em que estava a mãe, perguntei-lhe, abaixando a voz:

— Desde muito enfermo este interessante menino?

Respondeu-me e senhora com verdadeiro açodamento de quem acha uma válvula de expansão a constante e incompreensível sobressalto.

— Muito não... uns quarenta dias. Nem o senhor imagina como boi era forte e são... dormia como um chumbinho... bom apetite sempre, ávido de movimento... Boi não parava..., travesso como um cabritinho, muito bonzinho porém, sempre...

E boi isto e boi aquilo. Chamava-o assim desde criancinha. A madrinha, muito dada a leituras inglesas, lhe pusera essa apelido familiar...

— De que não gosto nada, interrompeu o menino com engraçada seriedade. Eu me chamo Alberto.

Mas a mãe continuava:

— Haviam feito, no mês anterior, um passeio fatal á chácara de uns amigos para os lados do Jardim Botânico, ele se agitara de mais com os camaradas n'umas correrias sem fim, se resfriara...

— Brincaram perto de uma vala aberta de pouco, explicou o pai...

— A noite, perturbação de digestão, e desde ai uma febre tenaz, rebelde, que nada pudera atalhar. Tomara já quinino... um despropósito!... um horror!... Depois continuas mudança, Gávea, Engenho Novo, Cascadura, Barbacena, Caxambu, tudo sem resultado...

— Não há tal, contraditou o pequeno, já estive pior... E não desanimarmos. Olhem, façam tudo para não me deixarem morrer... Tenho tanto que aprender e estudar!... Que atraso este tempo todo em pura perda! Como o Cardoso e o Souza devem ter-se adiantado nas aulas!... Quando é que hei de pegá-los agora?...

Não pensava n'outra cousa, ia-me dizendo a mãe, enquanto as lagrimas, como que já por habito, lhe corriam a fio. Tão boa crença, tão estimada de todos, estudioso... tanto estímulo! Uma ambição insaciável de saber... Muitas vezes se levantara ela da cama para apagar-lhe a vela e fazê-lo deitar-se... Ardendo em febre, pedia os livros, queria seguir as lições, ouvir os professores... Nunca se vira cousa igual... Tirara já bonitos prêmios... livros muito dourados, com gravuras...

— Já mamãe está falando de mim, interrompeu Alberto com ligeiro tom de repreensão. Este senhor há de desculpar... é de toda a mãe. Não sou melhor do que tantos outros...

E o seu rosto ensombreceu-se.

— Pelo contrario, valem mais do que eu, muito mais...

— Porque, meu amiguinho? Perguntei comovido.

— Oh! Eles têm saúde; eu nunca mais hei de tê-la, ainda que escape d'esta... Também, d'ora em diante saberei arredar-me sempre de valas abertas... Verdade é que me diverti tanto!

E recomeçava o sub-delírio:

Cada qual nascera com a sua sorte. O Carlinhos, que caíra dentro do fosso e se molhara dos pés á cabeça não tivera nada... e ele!... Quanto se rira, que boas gargalhadas dera, vendo o companheiro atolado... Saíra sujo de lama, que era uma miséria... E a borboleta azul que estavam perseguindo fugira, fugira; subindo muito alto... E as azas tinham-se aberto largas, imensas, como um manto... tomando d'ali o pouco o céu todo, de ponta a ponta... Também, que lembrança, querermos pegar o céu... o céu!

Ai, fazendo um esforço sobre si, perguntou impaciente:

— Papai, não é tempo de tirar o termômetro? Está me incomodando. Além da febre e sede... esta *caceteação!*...

Era tempo.

— Quantos graus? Indagou a mãe com dolorosa sofreguidão.

— 38° e 8, respondeu o pai. Hoje, bem melhor d o que ontem, pois a esta hora Alberto tinha 39 e 2.

Via-se porém, que encobrira a verdade, pois destoavam as aquietadoras palavras com o ar de desalento que simultaneamente se lhe estampava no rosto. Ao guardar o termômetro no estojo de metal, fez-me imperceptível sinal.

Levantei-me e fingi que ia refrescar o rosto no cubículo ao lado, poeirento e sujo *toilette* do vagão.

D'ai a pouco, chegava o homem.

— 39 e 8, foram as suas primeiras palavras, pontuadas de terror.

E, acabrunhado, pôs-me a contar o caso, banal, diário, tão comum, mas sempre pungitivo da sua imensa desgraça. Esse menino, a alegria da sua vida, a vida da sua mulher, ricos eles, sem mais objetivo algum na existência. Agora, aquela febre invencível, que zombara de tudo e lhes estava matando a adorada criança, debaixo dos olhos, dia por dia. Mudem de ares, era o incessante conselho dos médicos; o recurso único que lhes restava. E não faziam outra cousa; de um lado para outro, semanas inteiras. Para onde mais ir? E os terrores em lugares distantes, ermos, sem recursos, sem para quem apelar, quando vinham acessos de estupenda violência!...

Ao tomar então nos braços o filho, parecia que o tirava de um braseiro... queimava... Como poderia por mais tempo resistir organismo tão delicado?... Que cruel expiação era essa? E expiação porque? Afinal, nem ele, nem a mulher tinham culpas ou crimes a pagar? Porque os esmagava, tão dura, a mão de Deus? De que o acusava a justiça eterna? Confessava Ter sido sempre bastante orgulhoso dos haveres herdados e sobretudo d'aquela filho tão perfeito... Mas quem o fizera assim? Não fora a própria natureza? Casara-se por amor com uma moça pobre, rejeitando propostas de enlaces ricos. Nunca se arrependera, porém... haviam, até pouco, sido

tão venturosos! Parecia que a felicidade era um crime. A vida devia ser triste, agoniada, passada em lágrimas e travada de amargos desgostos...

E ao dizer tudo isso, apesar de violento esforço, tinha as pálpebras molhadas. Via-se que aquele homem sofria cruelmente, sobretudo na altivez inata, ao ter que abrir o peito, por irresistível impulso, a um desconhecido que arvorava, na conturbação da sua dor, em amigo e amigo íntimo.

Pouco se importara, a principio, com a tal febre, não pelas afirmações, sempre tranquilizadoras, dos muitos médicos consultados, a mestrança, portanto, graças a Deus, podia pagá-los generosamente; mas afigurava-se-lhe impossível, fora de toda a ordem, lei e justiça, que a vida do seu Alberto pudesse perigar. Nem de leve lhe passara isso pela mente... nunca!...

Um menino destinado a tanta cousa! Havia de ser, por força, homem excepcional, conquistar as mais altas posições no Brasil, dando prestígio á enorme fortuna que lhe era destinada... Herdeiro universal do avô riquíssimo, com duas tias solteironas, de que era o ai-Jesus, ambas com muitas posses, quem podia contar com futuro mais brilhante?... Eles, os pais, tinham de renda mensal nada menos de cinco contos e gastavam-na com regra e prudência, fazendo ás vezes apertadas economias, para que o Alberto na sua carreira política jamais se preocupasse com o dinheiro, encontrando-o sempre á mão... Tudo isso, tudo seria debalde? Arredava do espirito á possibilidade de irremediável desastre...mas...

E a custo lhe saíam as palavras... mas a morte a nada atende... a nada! É inexorável!

Prorrrompendo então em soluçoso pranto, agarrou-se a mim, convulsivamente.

— Ah! Meu filho, Alberto! Quanto é castigada a minha soberba! Está perdido... perdido!... E por quanto tempo, por quantos dias ainda o hei de possuir?

Sacudi-o com certa energia:

— Silêncio! Sua senhora pode ouvi-lo! Olhe, lave o rosto; esconda os sinais da sua comoção. Naturalmente exagerava o perigo...

O desconsolado pai abanou a cabeça; mas obedeceu-me opresso e alquebrado.

CAPÍTULO II

Quando voltamos aos nossos bancos, parecia Alberto presa de agitado sono. Pelo menos, tinha as pálpebras caídas, como que prostradas por vontade alheia ao organismo.

Via-se que febre intensa lhe trabalhava nas veias — faces escarlates, beijos rubros, estremecimentos repetidos por todo o corpo, fulgurantes. Relâmpagos de frio — assim nos dissera — lhe zigzagavam pela espinha dorsal, contraíndo-lhe, de cada vez, os bracinhos magros, descarnados.

— Água, água, murmurou a custo, depois de algum tempo e abrindo com sofreguidão os lábios secos, ávidos.

O molecote, Apresentou-lhe rápido um copinho de leite, cortado com água mineral.

— *Mió*, nhonhô? Perguntou baixinho com expressão de tocante e inquieto interesse, *miósinho*.

Com um gesto de dedo, respondeu não o pobre do menino.

Em extática e inexcedível desolação, o contemplava a mãe, achegando os cobertores, quando um movimento mais impaciente e vivo do doente os atirava ao chão, n'aquelas crudelíssimas alternativas de algidez e de inaturável calor.

— Apenas chegarmos ao Rio — disse ela para o marido, que, sorumbático, olhava pela janela a fugitiva paisagem — devemos logo embarcar, fazer uma longa viagem de mar, talvez até á Europa...

Entreabriu Alberto os olhos e, em tom de ligeira malícia, objetou:

— Ora, a malvada embarcará conosco... Está dentro de mim; não me largará mais...

E o trem corria, corria! Entre Mendes e Rodeio, engolfou-se no túnel grande, acordando barulhos ensurdecadores, de fantásticos ferros a se chocarem, sopros gigantescos, estalos enormes e sufocadora fumaça.

— Mamãe... mamãe! Chamou o menino com indizível angustia.

E ela, inclinando-se toda sobre o malsinado, como que a defendê-lo de misterioso inimigo, a chorar, o acalentava, qual criancinha de berço.

la então desembocando em ofuscadora claridade a locomotiva, triunfante e a apitar estridente e galhofeira.

— Como é boa a luz, como é boa! Exclamou Alberto erguendo nervosamente a cabeça e com ar de verdadeira exultação. Pensei que ia morrer. A morte deve ser assim; um túnel, do qual a gente não sai mais nunca, comprido, comprido e tão escuro, Santo Deus!... E onde a boa mamãe para animar o filhinho... só, abandonado!...

Não sei por que, julguei dever intervir, como que desvendar consoladora clareira ás negras idéias d'aquele menino tão combalido e ameaçado.

— Não, Alberto, repliquei com involuntária gravidade e imposição, na morte há também muita luz, muita esperança, muito céu, o verdadeiro céu, sempre azul e grandioso... Na morte, mil alegrias e gozos esperam a alma, como a vida não as pode dar...O túnel acaba logo... começa depois sem demora a realidade, eterna, cheia de encantos e esplendores... Ilimitada é a bondade do imenso Criador!

E estaquei, vexado do que acabara de expender na vivacidade espontânea daquela espécie de preleção tão descabida.

Mostrara Alberto certa surpresa ao ouvir essas palavras, e, encarando-me muito sério, respondeu com resignado desalento.

— Pode ser, pode bem ser... mas eu não quero ainda morrer!...

E retraiu-se ao silêncio. De vez em quando tiritava, encolhendo-se todo e a bater os queixos. Buscava, porém, cauteloso, dominar manifestações que impressionassem mais os pais, atentos ao menor sintoma de agravação, tão atentos quanto impotentes e vencidos; pobres, pobres pais!

Passada a estação de Belém, já noite escura, observou a mãe, para dizer qualquer cousa, que o trem não parava mais senão no Rio, no campo da Aclamação.

Contrariou-a Alberto com inesperada alacridade e, nos olhos subitamente acesos, pareceu Ter singular prazer em assentar incontestável verdade:

— Não, senhora; pára ainda em Cascadura.

E como suscitasse duvida o que afirmava, eu mesmo opinando contra ele, mostrou bastante resolução e jovialidade em sustentar a sua asseveração.

— Você não se lembra, José, que o trem de São Paulo costuma parar em Cascadura? Perguntou para o molecote, levantando-se a meio.

— *Iô, nhonhô?* Respondeu o pagenzinho todo assarapantado, *iô, não... ué!*

E tal a figura atrapalhada do negrinho pela obrigação de interpor juízo no debate, que não pudemos, todos nós, deixar de sorrir.

— Que tolinho! Exclamou Alberto.

E deu uma risadinha gostosa. Depois caiu novamente em comatoso abatimento.

E, á luz vacilante, cheia de vaivéns, quase sinistra das fumosas lâmpadas, o íamos observando, cada qual entregue a penosas meditações que se concentravam, em doloroso acordo, n'um ponto único.

Identificado, como se fosse velho amigo, ou, mais ainda, parente chegado d'essa gente, que eu nem de longe conhecia, cujo nome ignorava e nem sequer procurava saber, sofria com eles n'uma contenção dura, cruciante, numa afinidade afetiva de maior intensidade e violência.

Que viagem interminável! Que hora aquela! Tudo tão sombrio em torno de nós! Cessara a chuva; mas as trevas úmidas, gotejantes, se condensavam carrancudas, caliginosas, como que palpáveis. E a cada estação eram apitos e assobios de perfurarem os ouvidos, ou então clamores angustiosos e um bater de sino melancólico, lúgubre, a dobrar finados.

— Ainda por cima este agouro, murmurou uma das criadas num como muxoxo.

Em Cascadura parou, com efeito, o *expresso*, e um trem de subúrbios com ele cruzou n'um estrondear ensurdecador de fragorosos gritos, uivos e sibilos, como que a anunciarem pavoroso e irremediável desastre, choques horríveis, encontro medonho.

— *Boi, boi*, clamou a mãe simulando certo júbilo, você é que tinha razão! Olha...

— Nhonhô, nhonhô, avisou por seu turno o molecote achegando-se e puxando de leve o doentinho por um braço, *tá hi* Cascadura.

Conservou-se Alberto inerte, indiferente, suspirou apenas com mais força.

— O túnel... o túnel... Depois vem luz e céu... Bem me disse o homem...

— Não será bom ver o termômetro? Propôs a mãe com respiração cortada, ofegante.

— Não, mamãe, pelo amor de Deus, pode ainda implorar o pequeno.

Já ai entraremos na zona dos subúrbios e os lampiões de gás, cada vez mais chegados, indicavam a proximidade da capital. As estações todas iluminadas, cheias de burburinho e animação populares. Numa d'elas tocava uma banda de musica saltitante peça e o contraste d'esses alegres compassos mais me apertou o coração.

Revoltava-se, contudo, o meu egoísmo. Que necessidade essa de me associar a todo aquele drama intimo, que me trazia tão consternado enquanto me abalava o sistema nervoso? Por que não mudava de lugar, não procurava outro qualquer vagão? Afinal, não era aquilo tão comezinho? Não assistira a tantos episódios de agonia e morte? Mais uma criança que desaparecia no bátraco insondável... para dar razão ás estatísticas. Que importância no desenrolar geral da existência? Gota d'água pura e cristalina a cair no abismo... Não era, mesmo por isto, um afortunado da sorte? Saía da vida sem as misérias e desilusões que a vão assaltando... limpo de toda a poeira e lama...

Procurava distrair o espirito; mas ai se me prenderam as vistas insistentes, teimosas, hipnotizadas aos olhos então largamente abertos de Alberto, não mais desassossegados e em tresvario, mas num movimento lento de oscilação, como que destacados das orbitas a se mexerem um tanto ao acaso. De quando em quando parecia que se sumiam, caídos, sem mais apoio, dentro do crânio vazio, oco. E me diziam, assim mesmo, tanta cousa, me falavam de tantos mistérios, me interpelavam com tamanha ansiedade!...

Interrogavam supliques, meigos, quem, em boa hora, lhe dera do mundo de além idéia outra, que não de simples terror e aniquilamento para sempre, n'aquele instante tão próximo da suprema partida.

Sim, deveras, lá, fora d'aquí, também soes, também flores, esperanças, carinhos? Também o aconchego doce, protetor de entes bons, superiores, compassivos? Palavra?! Podia confiar? Não o quisera enganar... A levá-lo d'ali a pouco, longe, longe, pela imensidade na desconhecida viagem, o regaço de algum anjo, faria vezes da estremecida mãe? Para que, porém, deixá-la? Para que despedaçar o coração d'aqueles fulminados pais? Amavam-n'ó tanto, tanto!

Quem incutira, porém, a esse homem desconhecido o poder de saber quanto se passava da outra banda da vida? Talvez fosse um d'esses anjos destinados a carregá-lo, não era?... Ah! o disfarce mostrava-se bem claro! Por que, porém, não se deixava enternecer? Não via a pungente dor dos que o cercavam? Pedisse a Deus misericórdia... consentisse-lhe o viver... A ninguém, nunca fizera mal algum... Prometia tudo... não por ele, mas pelos pais... Passaria os anos a estudar, a dispensar o bem, o amor, a pagar a dívida solene de interminável gratidão! Senta quieto, refletido, honesto, caridoso, a sacrificar-se pelos outros, por todos...amigo

dos humildes, dos mendigos e desgraçados!... Mas tivesse pressa... do contrario não o acharia mais na terra... Bem sentia a morte...sim, a morte...

Passou mais um trem de subúrbios com assustador estampido:

Ouvisse, ouviu!... Ai vinha ela... Que medo!... E já estava como que sozinho... via-se na cova estreita com um mundo de terra por cima do seu corpinho tão batido pela moléstia!

— Não, não! Havia de Ter coragem... dominava o seu terror, embora bem justo, bem natural!... Criança, saberia morrer como homem... Poderia estar chorando nos braços de pai e mãe, mas para que? Para torturá-los mais? Quem sabe se não haviam de morrer também ali! Viessem, viessem para cobrirem de flores o cantinho que eternamente o acolheria no cemitério, alvo, consolador com tantos cruzeiros e anjinho de mármore a rezarem.

Debalde buscava eu fugir à obsessão. Duas vezes me levantei; mas irresistivelmente voltava a conversar com aqueles olhos, cada vez mais resignados, penetrantes e de dolorosa eloquência, cheios de surpresas, desconsoles e revoltas, com energia sopitados...

É preciso, é preciso; que fazer?

Bem quisera estar pensando, como menino, em cousas fúteis e risonhas e da sua idade, mas tinha por força que cuidar no que há de mais serio e triste, na morte... morte!

E já as pupilas negras, virando de vez em quando, se escondiam sob as arcadas orbitares, buscando ver além, para dentro do pobre organismo combatido... E já se fixava, no bater lento das palpebras pesadas, plúmbeas, impenetrável, o branco das escleróticas, como alvamento pano caído de cena finda, acabada...

E os bicos de gás iluminavam de fora, intermitentemente, o vagão, como que em fantasmagórica visita, dando repentina luz a todos os recantos ou deixando-o de súbito em completa escuridão...

Íamos chegando, e no rostosinho de Alberto se desdobrava o palor dos últimos instantes. Desbotava-se a rúbidas das faces incendidas e afilava-se, a mais e mais, o nariz correto, aquilino.

Já a luz elétrica chegava até nós.

E o trem estacou com o baque de definitiva parada, salteado pelos carregadores em grita: “Malas, malas! Bagagens! N. 20, n. 53!”

— Leve ao ombro o seu filho, disse eu para o pai, ele está...

E a palavra “expirando” ficou-me atravessada na garganta.

Parado, imóvel, os vi partir, a todos. O pai, na frente, com o sagrado fardo, a mãe, trôpega, fora de si, no braço das criadas em soluços, atrás o molecote com cobertores e chales...

E no vagão vazio, como que continuei a fitar aqueles olhos ardentes, indagadores, tão suaves no ingente desespero, na duvida do problema eterno...

Poor boy, alas!

CIGANINHA
(A AFFONSO CELSO, PRIMOROSO ESCRIPTOR)

CAPÍTULO I

Chamavam-lhe *Ciganinha*, e a principio também *Magriça*.

Exasperava-a, porém, este apelido. Quando o ouvia “ó, magriça!” voltava-se rápida, furiosa, com os olhos a chamejar, e torcia a cara toda nuns esgares muito feios de bruxa velha, botando para fora uma língua de palmo, fina, comprida, serpentina. Soltava até grossas palavradas.

Com a outra alcunha não se importava. Erguia os ombros num gesto de expressivo pouco caso e concordava resmungando:

— Se sou mesma!

Por lei fatídica dos contrates, havia recebido na pia batismal o nome, que nunca devera confirmar, de Angélica — d’*ai Gêgeca* ou *Gégeca*, como costumava dizer a mãe, abrindo os ee de modo especial e descansado, e acrescentando sempre com languido suspiro de pesar:

—Um *diabrete*, esta menina.

Desde bem pequena, mostrara com efeito, índole muito independente, gênio violento, amigo de fazer as suas quatro vontades, audaz, altivo e arrebatado, de par com muitos caídos e engraçadas momices e caricias com quem lhe caia no gotto, ou permanentemente ou em horas de caprichoso bom humor.

Positivamente endiabrada, só gostava de andar á volta com rapazes e molequinhos, garotos de sua idade mais ou menos, furando matagais, correndo pelas várzeas, espojando-se na relva, deixando-se rolar pelo barranco de areia até quase dentro do rio, largo, majestoso, esfrangalhada sempre, com as saias em molambos, o corpete a lhe cair pelos ombrinhos magros, descarnados, as pernas á vista, nuas, nervosas, esgalgadas, pés no chão, um tanto grandes e maltratados, mas não espalmados e chatos.

Até perto dos 14 anos, ninguém como ela, a *Ciganinha*, para trepar nas arvores e apanhar frutas ou excogitar e descobrir ninhos de passarinho na ramagem mais folhuda e entrançada e pôr-lhes o gadanho em cima.

Ágil como um sagui, leve que nem miúdo e gracioso caxinguelê, eram de ver-se o jeito e a firmeza com que sabia agarrar-se ao tronco liso e escorregadio das jaboticabeiras do mato e descascadas goiabeiras, indo sem vacilar pelos galhos abertos até aos ramos mais finos, que sacudia com vigor, para fazer tombar alguma goiaba teimosa e longe da mão ávida, impaciente.

E lá ia também pelas laranjeiras acima, uma perna aqui, outra acolá, escarrapachadas, sem se lhe dar com os espinhos agudos, minazes, alcançando n’um ápice as franças mais flexíveis e perigosas.

— Não quero que olhem para cima, bradava lá do alto, imperiosa, aos companheiros agrupados em baixo, á espera dos pomos que ia colhendo e arremessando.

Obedeciam-lhe de pronto, porquanto o rosto de algum mais curioso e petulante ficava logo sujeito a moralizador e temido castigo e bombardeio. Para prova, o filho do Maneca Frutuoso, que se vira em risco de perder o olho esquerdo, quase vazado por uma laranja verde, atirada com pulso vigoroso e afeito a acertar no alvo.

Muitos dias ficara como exemplo aquela face inchada e rubra, á maneira de uma bola vermelha; e a todos explicava o ludibriado dono:

— Artes do demônio da *Ciganinha*; mas há de pagar-me, tão certo como dous e dous são quatro.

Quedas a valer levava ela das continuas e atrevidas ascensões, mas com tão pouco não se ocupava. Passado o atordoamento do baque em solo duro, e compondo-se depressa, pulava de contente ao verificar que ainda d'essa vez não ficara com membro algum partido ou deslocado, tendo em nenhuma conta arranhaduras fundas e dolorosas contusões.

No meio de todos esses desmando e reparáveis extravagancias, singular recato, instintivo e selvático pudor. Assim, jamais aceitara tomar, de dia, banho no rio, em sucia e duvidosa promiscuidade com os camaradas de travessuras. Banhava-se diariamente, sim, mas sozinha, á hora em que a tarde ia se fechando noute, e sempre protegida por frondoso salgueiro, que ainda mais ensombrava a bacia natural, onde imergia o grácil e delgado corpinho.

Uma feita, já bem crescadinha, voltara á casa coberta de sangue vivo, uma grande brecha aberta na cabeça.

— Não é nada, mamãe, afirmava toda exultante, com feição de legitimo triunfo: uma batalha de pedras, bonita como tudo, com os filhos da Narcisa Mofina. Del-lhes que foi um regalo. O Juca anda sempre me chamando para as bibocas, a fazer-se de cebo comigo, pois bem, levou até ao céu da boca. Eu... contra quatro, hein? Não arredei pé enquanto não os debandei. Só agora é que senti que me tinham tirado mel da cachola... Canalhas!

E ainda se esgrimia exaltada, a pôr em fuga os numerosos adversários.
Não cabia em si de ufana.

— Quatro, mamãe, quatro contra a filhinha de seu coração!

— Mas, menina, observava com tom plangente e arrastado a pobre da mãe, isto lá são modos de raparigas? Onde vai você parar? Que *desgostos* me esperam mais n'esta vida de *suplícios*? Não basta o que tenho sofrido?

E desatava a chorar.

Muito dada a lagrimas essa D. Cula, diminutivo de Clotilde, usual em todo o interior do Brasil; muito choramingadora, a boa da mulher, Também, havia sido tão desventuroso na sua existência penosa, solitária, predestinada aos abandonos!

Sempre feia, desenxabida, esgaivotada, pálida como cera, n'um emaciamento desconsolado de penúria constante e aniquiladora, era filha de casal paupérrimo, que a deixara órfã bem cedo, sem um cobre (1) no fundo de velha bruaca.

Vivera ao Deus dará, muito quietinha, retraída e medrosa a curtir negra miséria de contorcer estômago e intestinos, e agüentando-se como podia com umas costurazinhas e bordados de crivo, que lhe pagavam uma ninharia.

Viera, depois, um cigano de arribação, muito prestimoso e bulhento, atirado a conquistador, e, sem mais nem menos, se metera com ela, procurando sobretudo explorar-lhe o trabalho e obrigando-a a fazer doce de *fruta de lobo*, vendido aos tropeiros como marmelada, e mais sequilhos e bolos de arroz e milho.

Quase nada rendia o tal negocio, porque, além de tudo, o malandrinho, guloso e glutão por natureza, comia o melhor do que pretendia expor á venda. Então, com grande dó e escândalo da vizinhança, começou a infeliz a ser, dia e noite, quase sem intervalo, malhada pelo patife do amigo. Quanta bordoadas! Que sovas de moerem os ossos!

De repente, após muita barganha aladroadada, falcatruas vergonhosas e inúmeras dividas contraídas a torto e a direito, desapareceu o desbriado cigano — e para todo sempre. Foi-se embora, sem dizer adeus a ninguém, internando-se pelo sertão fundo. Corria depois que acabara ás mãos dos indios Afonsos, o que de certo bem merecera.

Sinal da sua passagem, além do volumoso abdômen da Cula, só um cofrezinho de bom peso e fechado com cadeado de segredo cabalístico, que a abandonada conservava com misterioso cuidado e sério terror de feitiçarias.

(1) Quarenta réis

Em todo o caso, ficara a coitada grávida e só tinha de seu a casinha de esburacadas paredes de adobo e cobertura de sapê na barranca do rio, casinha em que de pancada lhe haviam morrido pai e mãe, e testemunha indiferente das colossais e repetidas tundas. Ela ignorava até se lhe pertencia ou não.

Do terreirozinho de costume muito varrido e limpo, se via de frente o Paranaíba, todo espriado, solene, raramente ludroso, quase sempre puro e de águas claras, a refletir, como que em espelho animado e corredio, tudo quanto se passava lá em cima, no Céu de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santíssima Virgem Maria. No alto e embaixo, que combinações de cores, ao esplendido arrebol da manhã e da tarde nas múltiplas mutações e fantasmagorias das nuvens leves e doudejantes ou pesadas e imóveis, iluminadas pelo descambar do sol!...

Ao brilho sereno do luar, então, que encantos, que quadros formosos, diversos, cambiantes, ora meigos e risonhos, ora melancólicos, quase sombrios, de deixarem a gente cheia de cismas tristes e presagas!...

Da calcorreada e sofredora Cula se apiedaram, porém, os vizinhos; e cada qual a ajudou como pode — uma galinha idosa, meia dúzia de ovos, ou uma cadeira furada, um catre de couro já inservível, xícaras e pote esborcinados, miudezas e trastes de refugio, em extremo usados, quase de todo imprestáveis.

Todos eram tão pobres!

A pouco e pouco, nascida a Gêgeca, foi se tornando D. Cula estimada, credora até de certa consideração, sempre muito séria e digna nos seus extremos apuros e necessidades, ativa ao seu modo e fazendo quanto podia pela vida.

Entretinha relações de amizade com famílias boas do lugar, que lhe pagavam as visitas; e, quando o vigário do Currálinho vinha até o povoado, parava sempre lá para apreciar o seu cafezinho gostoso e quente, embora em xícara de folha de Flandres, que esfria depressa a bebida, queimando os beiços de quem a toma, cafezinho acompanhado de umas broas e *brevidades* muito bem feitas, pois

ninguém as preparava melhor do que ela, após as severas e tão acentuadas lições do pérfido e brutal amante.

E assim se iam os dias escoando.

Segredavam as más línguas, e á frente de todos mexericava com sorrisos irônico e ares de desprezo o José Bispo, dono da venda mais bem sortida e afreguesada, que, alta noite, não havendo luar, costumavam rondar a porta da sisuda D. Cula certos vultos suspeitos, talvez o vigário ou gente mais limpa e apatacada das tropas e boiadas, por ali de pouso, antes de transporem o grande rio.

Quem está, porém, livre de calúnias e designações?

Depois da sua primeira e sabida desgraça, tinha a mulher tanta compostura e tão resignada dignidade que só mesmo a bisbilhotice de aldeia podia esmerilhar duvidosas hipóteses, levando a mal as tais visitas, ainda que a dez horas. E a miséria e a fome...bem más conselheiras!

Demais, já dissemos, não era nada apetecível, descorada e pamonha como tudo, nos modos e no falar.

Com sotaque mole e cantado fazia justiça a si mesma, em invencível desalento e abandono:

— Eu sou tão *enjoada*! Quem há de me *querer*?

CAPÍTULO II

Devia, com efeito, a peste do cigano ter sido das arábias, ou sê-lo ainda, caso houvesse escapado das unhas dos temidos índios Afonsos.

Fizera da natureza apática, dorminhoca, congocosa da Cula surdir, para pasmo constante de todos, lépida, escorreita, andarilha, em continua mexonada, a Gêgeca, a *Ciganinha*, cousa totalmente diversa, oposta, antinômica, um azougue, uma água viva, legitimo produto do tihoso.

Não podia estar quieta e parada dous minutos, com uns modos azoinados, bruscos, espontâneos, selvagens.

Tinha, positivamente, bicho carpinteiro em certa parte do corpo, que a gente de lá designava com a maior sem cerimonia.

E bem falante, muito explicada, respondona como a maior das malcriadas, sempre com a palavra do Cambrone na boca, pronta para desferi-la, como se estivesse no quadrado da guarda imperial, em Waterloo, replicando á intimação dos ingleses.

Uma ocasião em que a mãe, toda lacrimosa a repreendia, acusada, como fôra, de ter furtado um pombinho nuélo á Maria Rabolona, lavadeira no porto, umas casas abaixo:

— Não fui eu, defendia-se, nunca minto... se o tivesse surrupiado, confessava... Já lhe disse... não fui eu.

E como D. Cula insistisse, amaldiçoando as escapadas e traquinices já bastante graves, atirou-lhe ás bochechas:

— Ora, mamãe, de que serviu também mêrce ter sido sempre boa, sossegada, metida consigo, uma santinha? O malvado do cigano não lhe fez mal, não a surrou como boi corneta e não a deixou de vez com a pança cheia?

— Menina! Bradou D. Cula aterrada levando as mãos á cabeça, quem te ensinou tudo isso? Olha, diabinho, Deus te há de castigar! Santo Cristo, que será de nós?

— Deixe-se d'isso, replicou filosoficamente a *Ciganinha* correndo já para a porta, Deus tem muito em que cuidar. Quando se lembrar de mim, já a raiva terá passado... A Maria Rebolona, que não se faça de engraçada comigo... Sujo-lhe, num dia de chuva, toda a roupa estendida no gramado... Hei de avisá-la uma vez por todas...

Esse furto do pombo nuélo... Para que insistir-mos? ... Por acaso, D. Cula não teve sempre bons caldos, quando esteve tão doente? Quase esticara a canela, coitadinha, sem cirurgião ou curandeiro, que a visse por caridade, nem remédio nenhum, nenhum para tomar!— E melhorzinha, não comera pratazios de arroz bem cozido, em que se poderiam ver ossadas bastante suspeitas, até de gordas galinhas?

Chegou a beber seus calicezinhos de vinho do Porto, comprado a 2\$ o martelo na venda do José Bispo, o que serviu, semanas e semanas, de tema a muita historia gaiata, longos comentários e malévolas conjecturas.

Pois, senhores, tudo falso e inventado, quanto ao vinho, pelo menos. Querem saber a verdade? Por Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que está nos vendo e nos ouvindo.

Dissera um tropeiro para D. Cula:

— *Vancê*, dona, do que precisa é tomar todos os dias uns dous bons dedos de vinho do Porto, da venda... Sem isto, não sara... não pode arribar tão cedo.

— Mãe de misericórdia! Retrucava a acorrentada mártir, que é da *cobreira* para comprar a tal mezinha?...

— Há de se arranjar, declarou Gêgeca, que se impressionara com o conselho.

E como costumava a miúdo sopesar curiosa o cofrezinho esquecido pelo tratalhão do cigano, n'esse dia o levou ás escondidas para fora de casa e o arrombou no *cerrado*, sem a menor hesitação.

— Vamos ver, dissera para si, o que nos deixou o sem vergonha do meu pai.

Achou umas bugigangas, galhozinhos de arruda secos, umas pedras redondinhas pretas e verdes, tres figas de madeira poída e dous colares compridos de ouro ou prata dourada, além de muitos papeis com sinais esdrúxulos, triângulos, meias luas, crescentes e estrelas rabudas.

— Diabo o leve, o bruxo, ou o guarde por lá! Exclamou persignando-se, um tanto assustada. E, recolhendo só o que para ela tinha valor, jogou o mais dentro do rio, em lugar bem fundo.

Tratou logo de reduzir a dinheiro um dos colares, guardando o outro para si ou para maior de espadas, e foi propor a venda a um boiadeiro pachola, que se gabarolava de apatacado.

— Onde *campeou vancê* isto? Perguntou o homem olhando-a de esguelha, todo desconfiado. Passou a unha?

— Não é da sua conta, siô besta, foi a resposta. Quanto quer dar pelo *lavrado*?

Propôs quantia visivelmente ridícula. Acordado, porém, o instinto do negocio no sangue cigano, conseguiu a menina o dobro do primeiro preço.

E assim pode a chorótica mãe, a quem tudo logo contou, saborear os seus dedosinhos do apregoado e luxuoso vinho do Porto.

— Mas, filha dos meus pecados, observou assombrada, quem nos diz que no cofre não havia mandinga? As desgraças vão chover em cima de nós duas...

— Qual! Foi muito bom; acabou-se agora a caipora... Mecê verá!...

— Santa Rita nos proteja!... Se aquele homem por cá aparecer, dá cabo de nós, não há que duvidar... a poder de tanta bordoadá.

Fez a *Ciganinha* significativo gesto de mofa e incredulidade:

— O diabo não é tão feio como se pinta... Ele que venha!... Há de ouvir boas... da minha boca!

E partiu em disparada, chilrando como um pintassilgo.

Atirava Gêgeca bodoque como poucos e lá ia com uma sacola de bolas de barro pelas matas, de onde voltava sempre com alguma caça, papagaios, tucanos, gralhas e um ou outro mutuum, que vendia por dous cruzados, ou até vinte e cinco cobres a algum dono de tropa.

Preferia mil vezes essas correrias com meninotes de sua idade, já então taludinha, a ficar estatelada á porta da casinha de sapê, resguardando das moscas e vigiando o tabuleiro de sequilhos e *brevidades*, á espera dos possíveis fregueses. E, genuína herdeira do espirito guloso e petiscador do pai, não vendia um bolinho, que logo não roesse um bocadinho, dous ou tres na parte inferior, menos visível.

Admitia sem pieguice muita graçola, até pesada, e ria-se com gosto, mostrando os dentes bonitos, alvos, iguais — cousa rara no interior — quando á sua vista contavam historias e anedotas bem crespas; não lhe tocassem, porém, no corpo, lá isto não. Tinha a mão leve como tudo e dava bofetadas de estalar aos que lhe beliscassem os quadris e as pernas, ainda bem finas. Musculosa e ligeira, passava então tais rasteiras, que os gaiatos e pelintrotos iam ao chão com grandes bate-cus e lá ficavam chiando de dor, no meio das estrepitosas vaias do rapazio.

Não falassem mal da mãe, não se atrevessem a agarrá-la de certo modo, ou não lhe fizessem propostas equivocadas, era incontinente uma surriada de nomes feios e cabeludos, capaz de pôr tonto qualquer soldado tarimbeiro. E por cima, muitas caretas e ademanes violentos de desafio e ameaça, com enérgicos bamboleios de capoeiragem.

Sempre mal aborcada, esfarrapada, as faces meio sujas, as unhas caireladas, cabelos desgrenhados, rebeldes, todos em caracóis e calamistrados, verdadeira gaforina, fincava n'eles uma flor vermelha, algum mimo de Vênus, e passeava serena o orgulho da sua raça, quando não dava cabriolas caprinas ou fazia mil maluquices, na expansão dos inesperados ímpetos.

Voz geral no povoado:

— Esta rapariguinha leva a breca de repente; acaba muito mal. Pobre da D. Cula, que filha lhe pôs nos quartos o maldito do cigano! Cruzes! Deveras, caipora assim é também demais... Talvez, o cujo fosse o diabo em pessoa... Te arrego, abrenuncio! Só mesmo o demônio é que podia ter a coragem de esbordar todos os dias a desgraçada amiga...era a ração... Milagre, que a deixasse com braços e pernas... não lhe tivesse aberto a cova com tanta porretada!...

Pelo que se vê, as surras de outr'ora haviam entrado nas tradições populares. Também não poucas mulheres de má vida, as *fadistas*, nas brigas com os tropeiros e cenas de ciúmes, avisavam provocadoras e afoutadas:

— Olhe, siô moço, não sou nenhuma D. Cula. Para cá vem de carrinho. Tire o seu cavalo da chuva, ouviu? Comigo nada de farofa... Depois queixe-se ao bispo!

Tudo isso, tão longe, tão longe d'aqui, na vila de Santa Rita de Cássia, a margem direita do belo rio Paranaíba, na minha pobre e formosa terra natal — Estado de Goiás!...

Transportada a larga corrente n'uma balsa de duas compridas canoas encambou ilhadas por pranchões atravessados e um soalho por cima, chega-se a uma praiasinha de areia fina — o porto de onde se empina elevado barranco. Alguns bonitos salgueiros por perto. E n'aquela balsa viajam, de um lado para outro do rio, homens e cavalos de sela ou bestas de carga, então desarreadas e só com as cangalhas de paos de forquilha assentes em chumaço grosso de macega seca.

A boiada, muito chifruda, com os cornos compridos e bem abertos, às vezes elegantes liras nas graciosas curvas, boiada goiana, forte, grande, passa a nado; e os boiadeiros e camaradas a vão tangendo, na diagonal da travessia, com uma grita imensa, que reboa pela mata.

Refuga a principio o gado, apertado pela gente a cavalo que montada em pelo o toca e estimula, o pica e com ele se atira dentro d'água, afinal se decide agoniado e lá vai em denso cordão com cabeça bem levantada, olhos aterrados e boca ofegante a deitar ruidosa respiração. A extremidade oposta do pesado ruminante não mergulha também, surde e como que se agita inquieta, pressentindo perigos. É que, segundo voz geral, se aquela parte do corpo, em que a Ciganinha tinha bicho carpinteiro, se molha, está irremissivelmente perdido o pobre animal. Singular destino! Caso digno do estudo dos entendidos e sábios!

De vem em quando, lá se destaca um boi e busca voltar á margem segura e protetora, ou então roda de uma vez, embrulhado pela violenta corrente do Paranaíba.

Levanta-se então brado de interesseira angustia e gananciado desespero, não de piedade pela triste vítima: — Lá vai um; lá vão dous! — E os camaradas azafamados apressam, com gestos e clamores a mais e mais, a passagem, até que o guia tome pé na borda de lá.

Em cima logo do porto de Santa Rita de Cássia, uma esplanadasinha de grama verde e folhuda, largo fechado nos tres lados por linhas de pobres, casinhas térreas, algumas de telha, quase todas de sapê.

No fundo, frente para o rio, a matriz, uma igrejassinha baixa, rebocada de anos e anos, com um sino rachado á esquerda, suspenso a uma espécie de telheiro acaçapado, a cair de podre.

E, ao redor da praça, assim pomposamente crismada, estendendo-se para aqui e acolá caprichosamente, umas moradasinhas, quase sempre de porta e duas janelas desguarnecidas de vidraças, moradasinhas bem caiadas e alvas,

encravadas em copado laranjal. Entre si, comunicam por tortuosas trilhas, que no tempo de florescência ficam embalsamadas a pôr tonto um cristão.

Nessas laranjeiras canta pela manhã e á tarde um mundo de maviosos sabiás, a que respondem os bandos de afinados e sibilantes caraúnas posados nas palmeiras indaiás, que ali ficaram da primitiva floresta virgem.

CAPÍTULO III

Cheia de travessuras no jaez das esboçadas foi, até quase fazer-se moça, a existência toda da Angélica, além de uma ou outra façanha de mais vulto, por exemplo, ir vagabundear, dias seguidos, da banda de lá do rio.

— Nossa Senhora da Abadia bradava D. Cula angustiada, saindo da habitual pasmaceira, não é que a menina se passou para as *Gerais*?!

Do outro lado, com efeito, de Paranaíba, fica o triângulo mineiro, habitado por povos sérios, de certo, e pacíficos, mas muito retraídos e com cara de poucos amigos.

Afinal, reaparecia a Ciganinha.

— Onde andaste, menina dos meus pecados? Indagava a desconsolada mãe.

— Ora, respondia a danadinha, estive correndo mundo, assuntando, vendo...

— Mas, rapariga dos seiscentos, com quem, minha Santa Maria?

— Com o José Bexiguento, o filho da portuguesa. Quis, certo dia, fazer-se de engraçado comigo; mas dei-lhe logo tal safanão, que d'ái por diante andou direitinho que nem um fuso.

Embora aos 16 anos, tinha ela, ainda que mais assentada de juízo, péssima reputação; gozava de péssima reputação, dizem até bons clássicos.

E bonita como mil pecados em penca, buliçosa, sugestiva, a pôr faúlhas de ardente cobiça nos olhos dos mais indiferentes e quietos.

Cabelos negros, bastos, então mais cuidados e lustrosos, mas sempre com a sua forcinha, de preferencia vermelha, cabelos ondeados, com uns crespinhos rebeldes na testa e na nuca roliça; rosto para o comprido, n'um oval regular e como fechado por encantadora covinha no queixo; tez não muito morena, tanto assim que bem largas sardas lembravam as grandes soalheiras de outrora, apanhadas em criança; sobrancelhas de japonesa; olhos enormes, negros, rutilantes, aveludados, com uns cílios que punham sombra ás atrigueiradas faces em que florescia suave rubidez; lábios úmidos, polposos, com o brilho de romã entre aberta, n'um arco deliciosamente desenhado, orelhinhas pequeninas, como conchinhas nacaradas.

E que elegância nativa e senhoril no porte; que colo soberbo, cintura fina, estatura mais que meã — enfim, um todo, um conjunto de fazer pecar Santo Antonio, na sua gruta da Tebaida.

Namoradeira como tudo, a Gêgeca; muito ufana da sua beleza, dos seus encantos, mas aceitando a côrte e as homenagens de qualquer pé rapado.

A rapaziada de Santa Rita de Cássia e dos arredores umas 20 léguas andava tonta, n'um rodopio.

Ao lusco-fusco, um corisco a diabinha, sempre á cata de aventuras banais, que sabia, porém, conter nos justos limites, avisada, aliás, a cada instante pela voz arrastada, plangente da mãe, como agoureiro pregão:

— Menina, vancé se perde... Tanto vai o pote ao rio... Proteja-nos... Santo Cristo dos Milagres.

— Conheço o caminho, respondia a Ciganinha e não me hei de perder assim com duas razões...Estou traquejada na estrada e no atalho...

—“Lá vai a pestesinha”, dizia-se ao lóbrigar sobre tarde uma sombrinha airosa, esbelta, esgueirando-se, sem grandes mistérios, aliás, por baixo dos laranjais. Ia até ás vezes cantarolando, com andar leve, mas seguro e firme. E ouviam-se as gargalhadas de escarno, que dava lá debaixo das suas laranjeiras.

Com imprudência sem par contava as bobagens que lhe haviam dito fulano e sicrano, o tropeiro Vargas, o arrieiro Thomé do Vale, o mascate José de Itália e mais este e mais aquele, um povaréu grosso, enfim.

E imitava, com muita graça e valente debique, os protestos de amor eterno, as declarações ardentes e claras ou tímidas e ridículas, o gaguejado de quase todos os pretendentes, os seus ademanos desenganados. E concluía:

— Que pagode!

Todos lhe apontavam mil amantes; mas ninguém podia gabar-se de o haver sido. O filho do Maneca Frutuoso fôra já á cama doente de paixão. Debalde fizera valer o caso do olho quase vazado pela laranja verde. A ciganinha, sem compaixão, motejava do seu triste estado, no passado e no presente.

— Um palerma, dizia desfazendo-se em cristalina e adorável gargalhada, que a tornava ainda mais irresistível. Já me falou em casamento, como se fosse um favorzão, algum bicho de sete cabeças... Tão bom, como tão bom... Que é ele, afinal? Filho de um empalamado...

E continuava a dar escandalosa corda a quantos lhe arrastavam a aza, quer moço do povoado, quer adventício e de passagem por Santa Rita.

— Essa rapariga é uma perdição, afirmava com pausa e todo convicto o José Bispo, da venda.

Perdição ou não, estava sempre a Gêgeca pronta para as entrevistas vespertinas, a que ia sem susto, sozinha, com a galhardia de se sair sempre bem, incólume e a contento da altiva consciência.

E uma vez ou outra pescava uns presentesinhos, cotes de vestidos de chita francesa e até de casinha, lençósinhos bordados ou de seda, garrafinhas e frascos de óleo fino para o cabelo, ou perfumes em moda entre as senhoras donas do Rio de Janeiro, da côrte, o que tudo aceitava, não por interesse, mas para obsequiar, muito instada e rogada — uma lembrançasinha sem valor daquela tarde... E acentuava a lembrança da tal tarde com um aperto de mão mais forte, que nada significava, mas que a fazia desprender-se e fugir ás carreiras pelo laranjal afora,

Pusera-se também a trabalhar, e ligeira como era, ajudava com muito jeito e bom resultado a pachorrenta da mãe. Ninguém resistia ao seu sorriso, quando oferecia, convidativa e meiga, um docesinho de seu tabuleiro.

Um viajante, que por ali pousou com grande estado, da família até dos Jardins, salvo engano, chegou a pagar uma cocadasinha, puxa-puxa com uns brincos de pedrinhas verdadeiras, amarelas, muito vistosas; tudo desinteressadamente e por achá-la bonita deveras, como não vira igual nem em S.Paulo, nem na Capital Federal. Também essa fama de formosura enchia o sertão todo.

— Rapariga como a Ciganinha de Santa Rita de Cássia, apregoava-se, não há duas nestas trezentas léguas á roda!... Cousa de pôr tonto o homem mais valente!... E levada da carepa, um foguete, um busca-pé... cruze!

CAPÍTULO IV

Uma vez, com as suas facilidade, que tanto a desacreditavam, correr Gêgeca sério perigo, bem sério.

Como era natural, não tardou o José Bispo, da venda, a querer engrajar-se com ela e desejá-la com a impetuosidade do seu gênio atabalhado, despótico, irascível, metendo medo a todo o mundo e cheio de grandezas e valentias no meio daquela arraia miúda.

Por cima, inspetor do quarteirão, embora não se tivesse naturalizado cidadão brasileiro.

De cada vez que a *Ciganinha* lá ia comprar alguma cousa, um cobre de vinagre, meio tostão de azeite, um salamim de arroz, contava-lhe historias, fazia-lhe mil promessas.

— Deixa-se de partes, Sr. *Portuga*, repelia-o Gêgeca; não se faça de tolo, estou com pressa...

— Mas, *Ciganinha*...

— Limpe os beiços, Sr. Pé de chumbo. Ande; que não vim cá para aturá-lo..

E assim era sempre.

Ora, como tudo isso ocorria á vista de todos, apinhada a venda de ociosos, tropeiros, crianças, fadistas, não raro havia troça á custa do tal José Bispo.

— Assim, rapariga, aplaudiam. Dê-lhe para baixo até mais não poder.

E se derretiam em casquinadas de chufa.

O homem bufava; procurava com esforço conter-se, mostrar frieza e desdém, mas qual!

De cada vez que a Gêgeca reaparecida na imunda tasca, afigurava-se-lhe que aquilo tudo se mudava em palácio encantado, n'um esplendor de cegar.

E a fadasinha, cada vez mais formosa, galhofeira e petulante, a ludibriá-lo sem dó nem receio algum.

CAPÍTULO V

Repelido sempre, pôs-se José Bispo, descuidando até os negócios da venda, a armar esperas á Ciganinha, umas especies de tocaia, em que perdia muito tempo e consumia a paciência, reduzido a roer frenético as unhas ou antes o sabugo, conforme cacoete velho.

Pressentiu Gêgeca o iminente risco e, embora um tanto descuidosa e zombadora, de continuo lhe furtava as voltas.

Uma tardesinha, porém, em que, cismando, fora do costume, com certa melancolia, se arredara mais do que convinha, foi de repente empolgada.

Quando de acordo de si, o português lhe metera a mão em cima, e mão bem pesada, adunca e violenta garra.

— Apanhei-te, pombinha de cascavel, exclamou com triunfo; vamos agora ajustar nossas contas: basta de debiques e caçoadas.

Era o lugar deserto, gritar de todo inútil. Só se ouviam, no silêncio dos ares, ciciar perto os flexíveis *sarandis*, cujos finos caules encurvados pela correnteza do Paranaíba, a cada instante se reguem para logo se dobrarem, produzindo brandos zunidos de plangente harpa colhia.

Sentiu na testa a nossa heroína camarinhas de álgido suor; mas, fazendo valente esforço sobre si, buscou não dar mostra do menor receio.

— Me largue, Sr. José Bispo, observou com serena gravidade; não são modos de homem sério com uma moça como eu...

O tal apelo á sua seriedade e ás maneiras pausadas da Gêgeca desapontaram um tanto o vendeiro; uns simples minutos, contudo.

— Que histórias, replicou brutalmente. Vejam, só a santinha de pão ôco... olhem, que partista!... Você caiu no alçapão, e não solto o passarinho que custei tanto a agarrar...

— Mas que é que o senhor quer de mim? Perguntou com calma e sobranceira, envolvendo-o n'um olhar de supremo desprezo.

— Que é que eu quero? ... Cousa muito simples... que *seje* minha... e há de sê-lo, olaré!... á força, se não houver outro remédio... É de tantos... Para que se fazer de pimpona só comigo?

Intenso rubor subiu ás faces de Gêgeca; os olhos faiscaram de raiva.

— Me largue, *siô* galego, exclamou impetuosa. E com ameaça:

— Depois não se arrependa...

Sorriu-se zombeteiro o José Bispo.

— Ora, quero ver isto... há de ser gaiato... Eu me arrepender? Nunca, nunca!

E riu-se deveras, quando a ciganinha, reforçada como era, lhe imprimiu forte empuxão para libertar o braço preso. Nem se mexeu do lugar, enquanto ela

reconhecia, com íntimo terror, que os dedos do português a atanzavam como guante de ferro.

— Não se faça de tola, Gêgeca, eu bem sei que você esteve agora mesmo com o Nhô Grande da esquina...—Mentira, protestou a rapariga.—Pois se os vi passeando juntos até se sumirem debaixo das árvores...

— É verdade, passei com ele...mais nada...Nhô Grande não é tão ordinário que abuse de seu *talento*.

(Entre parêntesis.)

Sabem os possíveis e complacentes leitores, que cousa seja talento, em todo o sertão d'este nosso Brasil?

Força física, nada mais.

Continuemos agora, caso valha a pena estarem aturando esta maçada, mas disso não sou juiz. Como conheci, de passagem, a tal cigarinha levada da breca e lhe admirei, há uns pares de anos, a notável beleza, tomei a peito contar as suas façanhas e *capetagens*.

— Pois eu cá, replicou a brochote do José Bispo, entendo que talento para muito serve... Olhe, quero ser bom; escute um pouco...

— Solte então o meu braço...

— *Iche*, lá isso não. Você disparava que nem veado mateiro. *Assumpte*... entregue-se por gosto a mim e de amanhã em diante a boto de portas a dentro como minha caseira... D. Cula, sua mãe, virá morar comigo... Nada lhes há de faltar...

Arfava de indignação, ódio e pavor o peito da pobresinha.

Vinha a tarde descendo depressa e, distante, á beira do rio, avisava uma *anhuma poca*, com intervalado cantar á maneira do bater de dous pães secos, que a noite não tardava. A luz que ainda havia, tênue, esbatida, descia de umas nuvens grandes, de intenso vermelho, a purpurejarem todo o lado do poente.

Deu então Gêgeca novo arranco para traz com tal ímpeto, desta vez, que o seu agressor teve que avançar dous passos. Quase de todo lhe quebrou o animo esse esforço improfícuo.

— Juro-lhe, bradou ela com a respiração ofegante e imenso acento de verdade e angustia, que nenhum homem ainda me tocou no corpo. Tenha pena de mim, José Bispo. Se há virgem n'este mundo, sou eu... Não me desgrace... prefiro morrer...

— Qual, não se morre por isto, zombeteou o tendeiro.

— Tão certo como Deus estar no céu, afirmou Gêgeca arrebatada e ardendo em febre, saia eu d'aqui suja, desgraçada e me vou logo e logo *pinchar* ao rio. Ninguém mais me há de ver.

Minha pobre mãe que se agarre com a Virgem Santíssima... não terá mais filha.

Viu José Bispo, no fundo, não de todo mão e perverso, que essa jura lhe subia direitinha do coração – havia de executar o que prometia.

Vacilou pois.

— Mas se eu a amo como um perdido? Se a quero noite e dia?

— Razão de mais para me tratar com respeito... Não sou nenhuma *fadista* para o capricho dos homens por qualquer meia pataca...

— Onde fica o mundo dos amigos e rufiões? Que querem dizer todas essas conversas, á noitinha?... Santa Rita está cheia das suas passadas tranqüibérnias...

— Brinco, gracejo, ouço as tolices que me dizem... deixo pregar á vontade, mas ninguém toca no púlpito...

E concordou quase com humildade...

— O senhor tem razão... Não é nada bonito o que tenho feito. Prometo emendar-me. Ficarei-lhe querendo tanto, tanto bem!... A lição foi muito séria.

Com a volubilidade de seu gênio, Gêgeca,. Ao dizer conceitos tão sensatos, já era outra, serenada a fisionomia e, por isso mesmo, mais formosa e sedutora. Parecia-lhe que aquele homem, cujas intenções a aterraram, de súbito se transformara em bom e leal censor.

Pouco durou a ilusão.

— Não me levo por cantigas... Você fala em morrer, quando agora é que a vida vai deveras principiar.

Recomeçava a dolorosa e indigna luta.

— Não nasci para os teus beijos, galego, porco, ladrão, tihoso!

E as palavras sibilavam, ardentes, cuspidas com náusea, o corpo derreado para traz em disposição de resistência a todo o transe, e até ao ultimo alento, luta de morte.

Procurava José Bispo, vermelho, apoplético de furor e volúpia, enlaçá-la pela cintura com o braço livre. Ia a dar-lhe o fatal cambapé.

Foi quando a ciganinha, com inopinado movimento de mergulho, agachou-se rápida. Ao erguer-se, trazia na mão direita uma grande pedra providencialmente achada aos seus pés e, sem perder um segundo, com ela bateu por modo tão brusco e contundente nos peitos de José Bispo, que este a largou, soltando um grito de surpresa e dor.

Era quanto bastava.

Fuzilou a Gêgeca pelo *cerrado* afora; mas á distancia parou e, pondo os dedos nos cantos da boca, atirou aos ares calmos amornados uns assovios tão finos, agudos e penetrantes, que a mataria já adormecida pareceu sobressaltar-se. Respondeu-lhes, á margem do Paranaíba, a assustada grita dos bulhentos e metediços *quero-queros*, de súbito alvoroçados.

Ao chegar á casa, toda fora de si, arquejando de susto e de cansaço, abraçou a ciganinha a mãe com angustiada veemência e, deixando-se cair de joelhos, prorrompeu em longo e nervoso pranto.

Debalde tentou D. Cula saber o motivo. Afinal, suspeitando o que não era real, triste e resignada, chorou ao lado da filha até alta noite.

Meu Deus, meu Deus, que será de nós? Exclamava a cada instante.

Da terrível aventura não disse a ciganinha palavra a ninguém.

Tornou-se, porém, apreensiva, muito mais prudente e não era assim com duas razões que ia espairer e dar um bocadinho de trela aos rapazes, lá debaixo das laranjeiras.

Preferia longos passeios sozinha, por caminho e atalhos só dela conhecidos, mas, apenas começavam, lá pelas 5 da tarde, a desfilar nos ares os bandos de pombos torquazes, buscando sempre inquietos e como que irresolutos até no vôo, o pouso para a noite, também se encafuava acautelada em casa, na *capuába* da boa mamãe.

Ficara retraída, inquieta, menos confiante nos seus meios físicos de repulsa e tentativas de desacato.

Só se mostrava mais atenta aos requebros e protestos de dous ou tres, era para tê-los á mão, como espécie de guardas vigilantes, o que desapontava não pouco os namorados de mais fresca data, obrigados a gaguejar as suas declarações de paixão, quase á vista de uns estafermos, sorumbáticos, estatelados de tanto amor e estorvadores de profissão.

Do filho do Maneca Frutuoso, o tal do olho meio varado por uma laranja verde, fizera Gêgeca gato sapato. A tudo se prestava o pobre do trangola, macilento apalermado, contanto que lhe fosse permitido respirar perto de quem lhe comera a alma, na enérgica expressão sertaneja.

— O Malaquias da boiada chegada ontem, e o Fortunato da tropa do Chico ricaço, dizia-lhe a ciganinha, querem por força falar comigo, cousa de segredo. Quando o sol se meter na mata, venha mo buscar, ouviu, Nhonhô?

— Pois não, Gêgeca, *vancê* manda...

E o Mataquias da boiada e o Fortunato da tropa ficavam, cada qual no seu turno, todo embabocados e desajeitados, ao verem surgir ao lado da gentil aparição, ansiosamente esperada, o tipo esganiçado, muito comprido e ridículo d'aquele *patito* do sertão, o nosso Nhonhô Frutuoso.

— É escusado; com a Gêgeca ninguém pode, era voz corrente em todo o povoado de Santa Rita.

E tal ou qual prestígio místico a rodeava, pois acrescentaram a meia voz:

— Tem partes com o *anhanga* e o *sacisé réré*; anda de pandega com *curupiras e boitatás*. Não poucos podem jurá-lo aos Santos Evangelhos.

Talvez por isso, mas muito mais pelos seus olhos a luzirem como brilhantes negros, entre orlas de cabeludas pestanas, pelo seu narizinho espirituoso, um nadinha arrebitado na ponta, pelas faces penujadinhas como *pêssego do cerrado*, tão bonito no aveludado aspecto como feio no nome (chamam-n'ó *cagaiteira*), pelo seu corpo esbelto, cheio, prometedor de mil tesouros, andava positivamente tonta, de miolo virado, toda a rapaziada d'aqueles centros.

Não havia quem não parasse diante da choça de D. Cula e, puxando logo conversa, deixasse de comprar sem vontade mesmo, nem olhar o preço, todas as *brevidades* e ingênuas guloseimas do interior, ali expostas á venda. Florescia então por tal modo o negócio, que as duas mulheres já podiam vestir com certa casquilhice

umas saias de babados grandes de bom crivo, e traziam sobre os ombros lenços finos de seda, barreados de azul, e aos pés uns chinelinhos de couro de veado, enfeitados de debrum vermelho.

Não havia cocada, mãe benta, *manaoé* ou *pé de moleque* que parasse. Além do que comiam, levavam os tropeitos lenços cheios – um nunca acabar – e voltavam logo a pedir mais, só por causa do dedosinho de gostosa prosa e contemplação.

E a ciganinha a vender tudo á porta da choupana materna, com muito bons modos, risonha, escorreita, pronta á replica e rebatendo, hábil esgrimista, os cumprimentos demasiado ardentes á sua formosura — legitima e bem instintiva loureira, na sua Santa Rita do Paranaíba, como a mais sabida e calculista americana do Norte n’esse incessante duelo de faceirice e esquivanças dos brilhantes salões de Washington e Nova-York.

Nem tardou a suprema e estrondosa consagração, dada pelas trovas do João Valentim, o *sabiá gogano*, n’uma festa, quase *cururú*, que chamara á localidade muito povo de umas 30 léguas em torno.

Esse Valentim , que pachola ao violão! Quantos caídos de braços e revirados de olhos! Já meio velho, calvo, assim com uns restos de homem bonito, atirado a *suductur* de mulheres com as suas quadrinhas, que iam desfiando á medida da inspiração todo choroso e derretido!

Vadio como tudo, só queria trabalhar nas cordas da guitarra ou no machete, em que deveras pintava o sete, com umas unhas imensas, atestado da sua preguiça e que zelava como inestimável preciosidade, sempre limpas de cairel e todas lustrosas

E como sapateava ao fado, o pernóstico bailante, apesar das juntas já bastante perras! Como puxava fieira, ao convidar, em elegante derrengado de corpo, o par ainda sentado! Não queria outra dama senão a Gêgeca, que n’essas ocasiões pulava ágil, airosa, provocadora, as faces rubras que nem pimenta malagueta, os olhos faiscantes com uma pontinha de lascívia, exuberante de seiva e mocidade, cousa mesmo de botar de pernas para o ar moços até da capital federal!

CAPÍTULO VII

N’essa espécie de choradinho ou *cururú* que ficou celebre, expandiu-se a homenagem á formosura da Gêgeca nas seguintes quadras, cantadas com muita dengue e grandes derreados, pelo João Valentim.

Repinicando o violão, nuns prelúdios todos cheios de blandícias, tomou largo hausto e plangentemente soltou a voz já um tanto estragada e rouquenha:

“No Brasil jamais se viu
Rapariga tão bonita
Como seja a Ciganinha
D’esta nossa Santa Rita.”

Correu um sussurro de aplauso e admiração, que o artista acompanhou em surdina.

Erguendo, porém, o canto, obrigou o silêncio que se fez completo:

“Busquem outros prata e ouro
Nos mil sonhos d’ambição;
Que eu só quero, altivo a tudo,

Conquistar-lhe o coração.”

Gêgeca, lá do seu canto, impando embora de vaidade, deu um *ixe!* significativo.

Concordou logo o cantor com as dificuldades da árdua campanha e gloriosa posse:

“Mas ai é que são elas,
Pois a mais lindas das flores,
Escarninha, volta o rosto,
Não enxerga as minhas dores.”

Apelando para o idílio, prosseguiu, puxando as cordas do instrumento com os dedos, muito abertos e recurvados:

“Se junto ao Paranaíba
Gemem tristes os salgueiros,
Perto d’ela em vão soluço
Preso aos olhos feiticeiros.”

— Cruzes, observou a *Ciganinha* a uma mocinha chorótica que lhe ficara ao lado, dizer que os homens levam a nós pobres mulheres com estas patacudas e pacholices! Qual, este mundo não anda direito!

A tal reparo pareceu responder João Valentim, prometendo lúgubre desfecho ao repellido amor, de que se tornara ilustre vitima, eco aliás de muitos pacientes:

“Ó Gêgeca, meus pecados,
És um castigo da sorte;
Mas a tanto sofrimento
Eu prefiro a dura morte!”

— Não morre não, Valentim, replicou a interpelada bem alto, o que provocou até palmas no auditório, deixando bastante enfiado o guitarrista.

— Que moça *cuéra!* exclamou um dos ouvintes. Verdadeira inspiração inflamou, porém, o cantor com aquele irônico desafio e com arroubado raptó acudiu ele, erguendo o tom:

“Ordem é do Ser Supremo
“De joelhos, natureza!
Abatei-vos. Terras, céus,
Ante a força da beleza!” (1)

Não pôde porém sustentar estro tão alto e descaiu logo em legitimo vôo ícaro para o ridículo:

“Mas de tal consumição
Olha bem, cruel Gêgeca,
Vou ficando magro e seco,
Que nem feia perereca!”

E assim por diante, a não acabar mais, tudo muito chupado, cheio de si! E uis! Com umas pieguices de mulherengo vadio... a sua caceteação, em suma, que

deixava a D. Cula toda babosa enleada com vontade de ali mesmo abrir um pranto enorme, mas que a filha acolhia incrédula, indiferente, meio a bocejar.

Quando alguma quadra lhe caia no goto, ria-se então, botando á mostra os dentes rutilantes de alvura, sempre areados com uns talosinhos moles de aroeira do campo, nacaradas pérolas tornadas mais brancas ainda pelo contraste do vermelho apetecedor dos lábios, frescos, carnudos, feitos para beijos de enlouquecer.

Da rúbida boca, porém, partiam flechasinhas pungentes, como do seio das rosas saem zumbindo mordiscastes abelhas.

Nem sequer soube poupar o sabiá goiano, o melodioso glorificador dos seus encantos, pois sem respeito algum á necessidade da rima, logo lhe pespegou ao cogote o apelido de João *Perereca*, que aderiu e d'ali em diante punha bambo e furioso o nosso sedutor Valentim.

E entre a paixão real e a vaidade de poeta travou-se breve luta, que terminou pela victoria do Parnaso, ofendido em sua meticulosa dignidade.

Declarou-se inimigo de Gêgeca, mas teve que desaparecer de Santa Rita de Cássia, onde muito tempo depois cantavam outros bem convictos:

“Ordem é do Ser Supremo:
De joelhos, natureza!
Abatei-vos, terras, céus,
Ante a força da beleza!”

Com ligeiras alterações, ouvi todas estas quadrinhas da boca de um d'esses improvisadores populares.

Ou mais frequentemente ainda, tanto o ridículo sobrepuja o bom, até em Santa Rita do Paranaíba:

“Mas de tal consumição
Olha bem, cruel Gêgeca,
Vou ficando magro e seco,
Que nem feia perereca!”

Razão talvez mais plausível levava João Valentim a de pressa sair d'aqueles locais de inesperados desenganos. Foi pedir em casamento a terrível *Ciganinha* e levou formidável tábua tudo com grande pasmo de D. Cula, que quase desmaiou de emoção, ouvindo a despachada resposta da filha ao avelhentado e petulante candidato:

— Olhe, Sr. João, disse-lhe a Gêgeca na bochecha, não se faz familia nem se sustentam mulher e filhos com cantorias de perereca!

Era, já se vê, rapariguinha pratica, bem americana.

CAPÍTULO VIII

Desde ai verdadeira epidemia na rapaziada do povoado e adjacências. Não havia agora quem não quisesse casar com a *Ciganinha*.

A todos ia dizendo— não, não!

Para que nada faltasse ao seu triunfo, uma tarde apareceu de repente lá pela casinha de D. Cula o vendeiro José Bispo, todo desajeitado, inquieto, a suar como um burro, metido n'um rodaque branco bem engomado, de meias aos pés,

dentro de alentados tamancos. Não tinha gravata, mas ostentava colarinhos altos e tesos, com muita goma.

Estavam as duas mulheres merendando. Comiam com os dedos mole pirãosinho de farinha de mandioca a acompanhar um sorubisinho pescado de fresco e cozido n'água e sal,

Ficaram ambas sobremaneira surpresas, até receosas, sem saberem o que fazer.

— Não é servido? Perguntou a velha descorando muito, ao passo que Gêgeca fazia-se escarlata.

— Obrigado, dona respondeu José Bispo com timidez, transpondo a custo o limiar da choça.

— Mas porém abanque-se, convidou a dona da casa indicando uma cadeira velha.

O homem foi, depois de algum pigarro, entrando em matéria. Há muito quisera vir lhes falar, mas uma cousa e outra, isto aquilo, aquilo outro, negócios etc., etc., o haviam sempre atrapalhado.

Depois...! receios de ter ofendido D. Gêgeca, mas lhe perdoasse, não Fôra por querer, estava muito arrependido das suas brutalidade...

Tudo muito gaguejado, enquanto D. Cula abriu uns olhos muito grandes de coruja assombrada.

Afinal desembuchou.

A menina já era moça feita, precisava tomar estado, Ter uma posição, e ele, no caso de principiar família, vinha, nem mais nem menos, pedir a sua mão.

E contou lá suas fanfarronadas.

Possuía bastante de seu para assegurar o futuro de ambas, pois até pretendia mudar-se d'aquela lugarejo, que não lhe servia mais, retirando-se para a capital, onde daria maior extensão ao negocio, para *Goiás* – como dizia.

E parece, com efeito, que pronunciava mais certo do que os que dizem *Goiás*, pois o Sr. Beaurepaire Rohan, muito entendido em matéria de bugres e cousas do tupi, assim também é que fala, — *Goiás*. Muitas e muitas vezes, eu, Heitor Malheiros, o tenho ouvido dizer d'esse modo, á fé meu grau. Verdade é que o juramento está hoje abolido, e não sou formado em cousa alguma.

Continuava, porém, José Bispo. Dava aquele passo na certeza de ser atendido, embora muita gente certamente o devesse censurar. Não duvidava dos bons sentimentos da menina, cujos modos entretanto serviam de motivo a muito mexericos e falatórios. Era franco. Nutria, porém, a convicção de que tudo não passava de muita mocidade. Uma vez mulher d'ele José Bispo, saberia portar-se de modo a só merecer respeito e consideração dos povos todos de Santa Rita, e onde quer que fossem parar.

— *Dê certo, dê certo*, ia afirmando a lesma da D. Cula toda a babar-se de gosto com a perspectiva de semelhante enlace, uma fortuna do céu.

Conservava-se Gêgeca retraída, calada, com uns restos de pirão a secar na pontasinha dos dedos.

Uma vez superados os primeiros instantes de acanhamento, falou José Bispo a valer, fazendo sobretudo alarde da sua qualidade de homem sério, de boa

posição e apatacado, insistindo muito nas vantagens que desse casamento advirão para elas duas.

Deixou até entrever, que, do seu lado, havia não pouco sacrifício. A isso Gêgeca rompeu o silêncio:

— Então quem o mandou vir cá? Perguntou desdenhosa e altiva.

Respondeu o vendeiro com sinceridade.

— A paixão, Gêgeca, a paixão! Tudo fiz para conter-me, mas não pude. Estive quase a fugir como um perdido, alta noite. Formei mil planos... até de crimes. Achei que afinal era melhor dar o passo que dou. Se *vancê* me disser não, mesmo assim ficarei mais sossegado. Estou disposto a tudo... contanto que não me queira mal... não me despreze, não se volte, ao ver-me, com escarno e nojo...

E aquele homem brutal, violento, tinha os olhos suplicantes, cheios de lágrimas, vencido pela *força da beleza*, como dissera João Valentim nas suas trovas. Estava D. Cula totalmente besta do que via e ouvia.

— Gêgeca aceita, disse afinal intrometendo-se ainda que a vacilar e com uns laivos de rubra emoção na eterna palidez das faces; sem duvida ela aceita... Que pode mais *querer* n'este mundo? É desafiar a sorte.

— Cale a boca, mamãe, exclamou impaciente Gêgeca que parecia concentrar-se em rápida e necessária meditação.

Afinal, voltando-se para José Bispo, respondeu-lhe com serenidade:

— Pelo passo que o senhor deu hoje, perdôo-lhe do fundo do meu coração tudo quanto me fez. Acabou-se o ódio, e ódio bem justo, que eu lhe votava. Não posso, porém, atender ao seu pedido, que tanto me honra e me levanta aos meus próprios olhos.

Não é que a diabinha da rapariga falava bem? Ora, sejam justos, leitores da minha alma. De entre os 40.000 assinantes da *Gazeta de Notícias* não haverá meia dúzia mais condescendente?

— Pelo meu gênio, continuou ela, e com os seus arrebatamentos, não podíamos ser senão dous infelizes, uma vez amarrados pela lei do casamento. Falando-lhe assim, dou-lhe prova de que não sou tão desajuizada como a muitos pareço. Por outro lado, e lado muito grave, que faria o senhor da desgraçada Perpetua, com quem vive ha tantos anos? Que seria dos seus quatro filhinhos, já tão abandonados?

— Mas, *menina*, buscou inquieta interromper D. Cula, para que... se meter assim na *vida*... dos outros?...

Via, com efeito, José Bispo, quase a estalar de roxo, todo apoplético, tolhido de vergonha, embasbacado.

— E o que é a pobre Perpetua, perguntou com voz vibrante a Ciganinha á mãe, toda estarrecida, senão a D. Cula lá da praça?... Não lhe faltam pancadas e tundas, além do peso dos quatro pequenos... Só agora o abandono...

— Gêgeca, exclamaram com tom de ansiosa rogativa os dous, basta... basta!

E enquanto a chorona mamãe prorrrompia nos mais angustiosos soluços, retirava-se José Bispo tonto, titubeante, empuxado por mil sentimentos, numa aflição bem real de punitiva dor, em que sobrelevava intenso vexame de si mesmo, pela taboca que acabara de chupar.

CAPÍTULO IX

Por esse tempo chegou á Santa Rita do Paranaíba, vindo de S. Paulo, pela cidade de Uberaba, o D'Anselmo de Sá.

Entre nós, quanto tem progredido a tal Uberaba, no antigo sertão da Farinha Podre! De bem poucos anos, só havia a poeira vermelha que era um inferno, continuas trovoadas roncando grosso, uns casarões sombrios de cumeeira muito alta e aspecto sinistro, o bom capuchinho frei Germano com as suas eternas observações meteorológicas, o velho tenente-coronel da guarda nacional Sampaio, advogado provisionado e membro do Instituto Histórico, além do João Caetano, o homem mais pacato do mundo, mas que, de cada vez que abre a boca e, muito de mansinho, começa á falar, provoca por toda a parte um barulho dos seiscentos, protestos, gritos, violentos apartes, retaliações e até tiros de garrucha!

Mas hoje, sim senhor! A tal Uberaba já faz figura de grande cidade... no interior. Possui bazares quase de luxo e mais isto, aquilo, aqui, lá, cousa de encher o olho. Daqui a um nadinha, terá linha de *bonds*, confeitarias e gás de iluminação, se não for luz elétrica, á imitação e moda de Juiz de Fora que, só por isto, quer por força ser a primeira cidade de Minas Gerais e só fala das outras com desdém. Asseverou-me, pelo menos, bem próximos todos aqueles valiosos melhoramentos o Borges Sampaio, o tal membro do Instituto, quando por lá passei. Acho, contudo, que o homem, aliás com excelentes intenções, tem patriotismo demasiado uberabense e inflamável.

Voltemos, porém, á nossa historia.

Atravessa o Dr. Anselmo de Sá já tarde o grande rio e com muita bagagem, pois viajava como um *lord*. Viu-se, pois, levado a pousar em Santa Rita de Cássia.

Era esse moço parente chegados dos Confucios e Sócrates da familia dos Craveiros, ligados por laços de afinidade com os Moraes, Abreus, Fleuris, Rodrigues, Jardins e Bulhões, gente toda de alto coturno no meu Goiás, descendentes até do celebre conde, depois marques de São João da Palma, antepenúltimo capitão-general e governador da Capitania (apresentar armas!) e que lá fez maravilhas nos seus 5 anos de mando absoluto e violento.

Demais, todos na minha terra, quase sem excepção, pretendem provir d'aquela grande papão; e isto tem alguns inconvenientes.

Querem uma prova?

Em certo dia, um verzejador de ocasião, candidato a não sei que lugarzinho, foi procurar, aqui, no Rio de Janeiro, um dos filhos do marques — esse bem averiguado. Toca a esperá-lo e nada do protetor dignar-se aparecer.

Esgotada a paciência a contemplar um retrato, tamanho natural, do venerabundo e temível fidalgo, todo coberto de dourados e fitões, pregou-lhe afinal o

tal pretendente embaixo da moldura com um alfinete uma quadrinha altamente crespa e pornográfica, relativamente á honra materna e ao esquecimento em que essa mãe era tida. Que desaforo!

E safou-se, deixando o mote, sem esperar pela glosa. Que desaforo!

O tal marques (cumpre-me, entretanto, dizê-lo a bem da verdade histórica) deixou em todas as capitâneas onde esteve e governou um mundo de filhos naturais... O excelentíssimo Sr. Capitão-general era povoador por excelência. Compreendia — e tinha razão — que o Brasil, antes de tudo, precisava e ainda precisa de gente. Ia, pois, no desenvolvimento do seu programa administrativo, aplicando com entusiasmo o *multiplicamini* de Jeová, nem melhores serviços podia prestar á coroa de Portugal, deixando ás forças da natureza fecundada o cumprimento do outro preceito, *crescitce!* E das mais obrigações, pagar impostos, ser soldado d’El-Rei, etc... etc.

Estou porém, saindo de mais da nossa estrada.

Ah! se eu tivesse ensejo, desfiava muita cousa interessante sobre Goiás, lembrando também os muitos homens notáveis que ele tem dado á patria, pois me pesa, deveras, o menosprezo com que por ai costumam falar do meu cantinho natal.

Conhecessem, por ventura, o padre Manuel José Fogaça, que foi prior da igreja de Lourinha, em Portugal, e bispo resignatário da Malaca? Pois bem, era filho de Goiás. Conheceram Álvaro José Xavier, comendador de Cristo e brigadeiro reformado, presidente da junta do governo provisório? E Luiz Antonio da Silva e Souza, eleito para as cortes de Lisboa, mas onde não esteve, professor publico de gramática latina?

E o general Curado? Joaquim Xavier Curado? Quem se recorda mais d’ele? Grã — cruz do Cruzeiro, comandou em chefe exércitos e ganhou batalhas campais. Veio á luz do dia em Jaraguá. Como é que um cidadão goiano nascido tão longe, no miudinho arraial do Cônego, foi fazer o diabo e pintar a manta no Rio da Pratas, malhando sem tréguas nos castelhanos, dando-lhes bordoeira de criar bicho e trazendo-os de canto chorado, é o que custa crer. Tenham, porém, paciência; ai está a historia, que não me deixa mentir.

E tantos outros!

Uns cônegos, padres, outros professores seculares; enfim, renque de gente do mais subido valor e posição e que deixou numerosa e estimável prole.

O certo é, que, em Goiás, predomina muito o sentimento aristocrático e separação de castas.” Não sou filho das ervas”, diz lá todo cheio de si um d’aqueles mortais e, firme n’isso, ninguém o faz arredar pé.

Pois o nosso D’Anselmo de Sá era d’esses que não tinham sido achados debaixo de um pé de couve e de tudo tirava não pouco orgulho, olhando aos mais bem do alto da sua importância e com ares de sincero pouco caso por meio mundo.

De que lhe serviu, porém?

Foi botar os luzios na ciganinha, e zás! Ficou pelo beijo, logo, no dia da chegada, pela tardinha, tal qual um lambarisinho do Paranaíba, fisgado na boca por apontado e despiadoso anzol.

Isso não no rio, mas na novena que se estava rezando no igreja, por sinal que o sacristão, o Quincas Malhado, já de miolo mole, fazia vezes de padre e puxava as rezas e ladainhas n’um latinório levado da breca e que o Padre Eterno, apesar do seu poliglottismo, custaria bem a entender.

Lá estava a nossa Gêgeca a encher a carunchosa matrizonha com as irradiações e o esplendor da sua beleza.

Também foi o doutor pregar-lhe o olho em cima e ficou tonto, abestalhado, bestificado, histórica palavra do Sr. Silveira Lobo — Aristides, o justo.

Nem me lembro bem como os franceses chamam esse repentino estado d'alma, a tal fulminação — meu professor de francês foi tão fraco! — Por isto não me arrisco; podia escrever alguma asneira.

— Mas quem é aquela moça? Perguntava o Anselmo assarapantado, sôfrego, a quantos o rodeavam.

Aqueles olhos, aqueles olhos, santo Deus! Que relâmpagos desferiam! Por isto, quando pousaram bem em cheio no doutoréco, sentiu-se este desfalecer, todo derretido de gosto, julgando-se na obrigação de sorrir aparvalhadamente, mas a suar frio, quase a tiritar!

CAPÍTULO X

Não dormiu a noite toda o nosso impressionável Anselmo de Sá, a passear, agitado, pelo povoado imerso em carregadas sombras, nervoso, irrequieto, acordando ao latir de um ou outro cão e fumando cigarros; a esperar, pelo que?... Por enquanto, pela madrugada, que não chegava.

De nada valiam os esplendores do céu, de um azul ferrete, negro, aveludado, profundo, como certas as iras do oriente, céu marchetado de tantas estrelas, que o Paranaíba d'elas colhia fantásticas fulgurações, no imenso serpear da larga corrente.

Afinal, sentiu-se o moço prostrado, com as pernas tão bambas, que caiu na cama feita sobre as canastras de viagem, e passou por uma modorrassinha, mais que sono. As 7 horas da manhã já estava, porém, de pé. Lembrou-se então de ir banhar-se nas águas puras do rio, a ver se acalmava o incêndio que sentia lavrar violento, inapagável, dentro de si e o sufocava; a mente conturbada, o peito oprimido, com os músculos repuxados.

Qual! Gregório de Matos, sem procurarmos exemplos e aproximações em literaturas de outras terras, na tal Europa e sobretudo na França, que tanto nos avassalam, o nosso Gregório de Matos já dissera descrevendo idêntica e penosa disposição d'alma:

*“Tomo banhos de neve por dentro,
Mas o fogo não quer abrandar!”*

E eram *banhos de neve*, coisa que não existe no Brasil, tomados internamente, por cima! Como, porém, o poeta se os administrava, é o que não nos diz, nem ensina.

Fica, contudo, a receita para os apaixonados em tão melindrosas circunstâncias.

Nem de propósito, fôra Anselmo mergulhar o ardente corpo no banheiro habitual da *ciganinha*, á sombra do salgueiro que tantos primores costumava entrever de soslaio... Calculem só... De certo, a árvore foi discreta, mas quem sabe? é tão singular, inexplicável, misteriosa a força catalítica, a ação de presença? Que prodígios não operam no seio da natureza esses elementos mudos, impassíveis e inalteráveis?... Qualquer que seja a causa, o pobre do rapaz saiu d'aquela imersão pior do que quando penetrara na água tépida, enervante, voluptuosa em suas amornadas carícias. Tinha chamas nas veias.

Vestiu-se às pressas e com o cabelo grudado ao casco da cabeça, portanto meio ridículo para um pelintrote de S. Paulo, resolveu ir bater à porta de D. Cula, orientado por um meninosinho, a quem generosamente deu 200 réis em níquel.

Sem demora lhe apareceu a visão celeste! Nem mais, nem menos, de repente, a Gêgeca, que lhe dardejou logo dous olhares de revirarem de catrambias para o ar, não um simples bacharelete, metido em paletó sacó, de sarja verde fundo de garrafa, porém, sim, com todo a sua armadura de ferro, Roldão em pessoa, o sobrinho querido do imperador, Carlos Magno, ou algum dos Doze Pares de França.

— Que deseja, Sr. Doutor? Perguntava a rapariga sorrindo com encantadora ingenuidade, mas deveras surpresa e lisonjeada d'aquela visita matinal.

— Venho... venho, balbuciou o Anselmo quase estarrecido de tanta beleza matutina, venho... encomendar á... senhora sua mãe... Não posso falar... com ela? Cousa... urgente...

— Está ainda dormindo, replicou a ciganinha muito despachada.

Mas, demônio, é filha d'aquela diabo que tanto surrara a desgraçada D. Cula, basta de atarantar mais o Sr. Bacharel! Para que esse sorriso enigmático, para que esse bater languido de folhudas pestanas? Deixa, pelo menos, o moço dizer o que quer, que encomenda ora essa, tanto mais que um raio ronco de sol ao nascedouro lhe brincava nas barbas ainda incipientes, na ponta do nariz e no seu *pince-nez* de míope!

Era contudo, exato, D. Cula, com os hábitos de inveterada preguiça goiana, ou antes sertaneja, ou melhor brasileira (*fiat justitia ne pereat mundus*, diz o direito estudado, ou não estudado, pelo Dr. Anselmo de Sá) D. Cula apesar do calor, estava aquela hora encafuada na cama, o tal catre velho, de que fala o capítulo I d'esta historia verdadeira.

— Não... não a incomode, implorou Anselmo com verdadeira angustia, como se da repulsa de sua suplica pudessem provir grandes danos. Quero... a senhora... per... perdoe... Quero para a viagem... um tabuleiro de doces.

E ficou assombrado da repentina idéia que lhe iluminara o cérebro; dominado, porém, pelo terror de que o tal tabuleiro de doces fosse cousa tão fora de alcance como o velo de ouro, ou algum pomo do jardim das Hesperidias.

Tranqüilizou-se de pronto.

— Ontem mesmo á noite fizemos um bem grande, replicou Gegéca. O senhor volte logo para ajustá-lo com mamãe.

la humildemente, todo sôfrego, perguntar a que horas; mas não teve tempo, *Pan!* A ciganinha lhe batera a porta na cara.

Já se viu o capricho?

Atras dessa porta trancada, ficou ela contudo pensativa, de sobrancelhas um tanto cerrada. Vamos e venhamos, aquele mancebo tão alvo, de bigodinho revirado, *pince-nez* de ouro, mãos e pés delicados, maneiras finas, traje elegante, lhe agradava deveras, não lá exageradamente, cousa extraordinária; mas, enfim, esse não era, de certo, como os outros, oh não!

— Que há de novo, *menina*? Perguntou de um canto a voz arrastada de D. Cula, entre dous bocejos.

— Um moço bem parecido que veio pedir um tabuleiro cheio de doces... para não sei que viagem.

— Louvado seja! Diga-lhe que são tres mira réis pagos á vista.

— Quase 3S! Objetou a filha. Peça-lhe a mamãe 5S , quando ele voltar.

— E se não *vortá*?

— Oh! Se volta!...

Com efeito voltou e, ao preço exigido de 5S, impetrou licença para oferecer 10S; favor feito a ele. Tomara informações seguras; uma viuva, vivendo honestamente do penoso trabalho com a sua filha, já moça, ambas sem proteção de ninguém – nada mais digno e comovente.

E, se não deitou discurseira, foi por sentir a cabeça que nem um ninho de guaxupés assanhados, debaixo das baterias oculares da *ciganinha*.

— A moça sabe ler? Atreveu-se ele a perguntar á Gêgeca n'um momento em que estiveram a sós.

— Mal e aml, respondeu ela sempre a sorrir (diabo de sorriso) arranho... quando a letra é grande...

D'ali a pouco, também recebia um papel com garrancho bastante graúdos: “Preciso muito falar-lhe logo á tarde, debaixo das laranjeiras. – Dr. *Anselmo*.”

N'aquela esplendoroso doutor depositava o nosso homem muita confiança, toda a confiança.

Entretanto, oh desilusão! A Gêgeca, n'essa tarde deixou-se exatamente ficar bem sossegadinha em casa; a ajudar a mãe n'uma tachada de doce de *fruta de lobo*, que esta no dia seguinte devia impingir como marmelada ao desnorreado viajante.

E não é que o bolas do *cigano* fizera escola e para alguma cousa servira?!

Tudo nesse mundo tem sua compensação.

CAPÍTULO XI

Deste dia em diante começou a *ciganinha* a pôr em pratica os mais hábeis manejos de faceira esquivança, deixando o Anselmo cada vez mais transtornado de paixão e exaltados desejos.

Em Santa Rita, já ninguém mais ignorava que o doutor, de pouso ali por alguns dias, estava positivamente a definhar de amor. A todos tomava para confidente, distribuindo dinheiro a rodo e não se fartando de ouvir falar na Gêgeca, ora em bem, ora mais frequentemente em mal, o que o exasperava. As noticias do José Bispo então o torturavam de modo horroroso, indizível.

Fazia tenção firme de logo e logo partir, de fugir alta noite, sumir-se, azular; marcava o dia certo, infalível e, afinal, chegado o momento, decidia continuar a ficar por ali a banzar.

Tudo lhe servia de pretexto, necessidade de dar forte descanso aos animais, receio de chuvas próximas, razões todas de cabo de esquadra, que os camaradas iam aceitando com a indiferença que essa gente pode tudo mostra, no fatalismo da existência.

— *É memo, é memo!* Concordavam e lá iam folgar no rancho a tocar viola enquanto esperavam que o Sr. Doutor quisesse um belo dia, quando menos contassem, levantar o pouso.

— Mas Gêgeca, D. Gêgeca, perguntava a medo Anselmo, em certa ocasião, á cigarinha pilhando-a de jeito, porque é que você... a senhora... foge de mim?...

— Por que o doutor deseja o meu mal, a minha desgraça! Respondeu a moça resoluta.

— Eu, Gêgeca, eu? — protestou ele com verdadeira e sincera indignação, eu que a amo tanto, que a quero como nunca supus poder querer a ninguém... eu, que não durmo, não como, não tenho mais um momento de sossego a pensar na senhora... sempre em si?!

— E depois?...

— Depois o que?

— Sim, depois? Para mim a vergonha, as lágrimas, o abandono... tal e qual minha pobre mãe, e tantas coitadas por este mundo de Deus!

Arregalou Anselmo uns olhos muito grandes. Sericamente caia das nuvens, via-se rolando aos trambolhões por enormes despenhadeiros.

— Eu te juro... fiel, fiel até morrer!...

— Sim, é o que vocês homens sempre dizem; a arapuca em que todas caem... um milhoso pisado em troco da prisão eterna... valha-me Santa Rita!...

E arremedando o arroubo do rapaz repetiu com engraçado e fingido ardor e apertando o peito nas mãos:

— Eu te juro...fiel, fiel até morrer! E riu-se ás gargalhadas.

Em outro tom, sem transição:

— Para nós, desgraçadas, as consequências... o luto, esse eterno riso... o peso desse gracejo... os trabalhos, nós, sobretudo, do sertão, sem ninguém que nos ampare, nos mostre o caminho direito... nenhum castigo para os homens, que têm por si a força, o abuso...

Ó cigarinha danada! Quem te ensinou tudo isso? Em que livro foste aprender toda essa desfiada de valentes argumentos, tu que só sabias kirieias de nomes feios e se lias era mal e mal, tão somente letra graúda? Muito, muito pode o bom instinto!

— Então fujo d'aqui, vou me embora, desapareço... Você nunca mais ouvirá falar de mim... Hei de esquecê-la, logo e logo que der as costas a Santa Rita...

— Paciência, replicou a Gêgeca, levantando os ombros, a estrada é larga, está ás suas ordens. Ninguém o agarra; olhe, eu não lhe estou dizendo de ficar...

E, com melancolia, mirando o moço bem em cheio, os olhos carregados de brandura:

— Quanto a esquecer-me, disse, é bem fácil, bem natural. Que valho eu? Uma pobre rapariga da roça...filha de mulher sem marido. Mas eu lhe afianço, Sr. Doutor, hei de sempre lembrar-me do Sr. Viva eu cem anos...

E quedou-se uns instantes a encará-lo imóvel.
Mal pode Anselmo reter um frouxo de choro.
Parecia que todas as desgraças lhe caíam em cima.
De repente:

— Então você gosta um bocadinho de mim? Indagou com ansiedade.

— Não sei, não posso dizer... nem sim, nem não... gratidão é amor?

— Mas, Gêgeca, qual será o seu destino, neste lugar tão pobre, tão sem recursos?... Tanta formosura para quem? Para que?

— Meu destino? Que interesse deve merecer-lhe? Ora... o de tantas outras... Casarei com algum tropeiro por ai... Estou vendo, estudando, esperando alguém que seja de todo mau...— Você, casada com um tropeiro, meu Deus, meu Deus!! Impossível!

— E porque não? Nem sequer valho um arrieiro?

— Oh! Gêgeca, muito mais, muito! Não leve a mal as minhas palavras; estou fora de mim, nem sei o que digo...

— Olhe, observou a *Ciganinha*, uma cousa eu juro por Deus que me está vendo, o homem que me tiver não há de se arrepender... Sinto que não nasci para mulher ordinária... menos ainda para moça de parta aberta...

E com ímpeto:

— Não, isto não, antes a morte... mil vezes a morte!

Agarrando então violenta a mão de Anselmo e achegando-se a ele, perguntou irada, com os sobrolhos fechados, as feições contraídas:

— O José Bispo da venda lhe contou alguma mentira? Falou mal de mim? Responda, responda!

O moço repetiu o que era verdade.

— Não, ele se cala, todo embezerrado, quando outros cortam na pele de você... E não são poucos Gêgeca... ah, não!

— Uma sucia de *catimbãos* e mofinos! — exclamou ela com altivez. Podem inventar o que fizeram, desafio-os a todos; mas o mais pintado d'eles não teve isto de mim!... lxe!

E fez estalar a unha de encontro a outra.

Passou então por perto uma velha que ia buscar água ao rio com um pote á cabeça, e os dous pouco depois se separaram.

Anselmo levava, contudo, a promessa formal do tão inspirado encontro a sós, n'um recanto ensombrado que ela lhe indicou, a custo, incerta, descontente, apreensiva.

CAPÍTULO XII

Já se ia a plácida e cálida tarde fundindo em noite, quando no ponto aprazado, ocorreu o *rendez-vous* que devia ser decisivo, entre Gêgeca e Anselmo de Sá.

Fôra este muitas horas antes, o sol ainda alto no horizonte, esperá-la ardendo em febre e impaciência, e supondo-se a cada momento simplesmente ludibriado pela suspirada *Ciganinha*.

Afinal apareceu ela, como que trazendo consigo ondas da luz que já ia faltando na terra, em derredor. Parecia descer do céu.

— Enfim! Exclamou o moço, atirando-se arrebatadamente ao seu encontro.

Repeliu-o Gêgeca com brandura.

— Não toque no meu corpo, observou grave e resoluto, venho só para ouvi-o, já que se mostra tão ansioso de conversar comigo. E será esta a ultima vez, desde já o aviso.

— Sim, sim, concordou Anselmo; nada mais quero.

Começou então uma d'essas declarações de amor como tantas no fundo ouvira ela, d'esta feita, porém, n'uma linguagem nova, sonora, arrebatada, que dolorosamente lhe acariciava os ouvidos, a deixava enleada, com a cabeça um tanto vertiginosa.

Presa de sincera paixão, foi Anselmo por vezes eloquente n'aqueles surtos de elevada e platônica poesia, que é o pérfido visgo das cruéis e irremediáveis exigências físicas.

— Gêgeca, dizia ele, vejo, pressinto que você deve amar-me um bocadinho, mil vezes menos do que eu, mas sempre alguma coisa, e o amor não pensa, não calcula, o amor é todo misericórdia, é um sacrifício, dá vida, não mata, não extermina!

E como fogo lhe prendia as mãos frias nas pontas.

— Por certo, balbuciava ela, você não é como os outros que me falaram e sempre me falam em paixão... mas, afinal, e apesar das minhas imprudências, sou uma rapariga honesta... tenho sabido resguardar a minha honra... que será de mim?

— Não lhe dê isto cuidado... levá-la-ei comigo...

— Sim, replicou a *Ciganinha* irônica e mais senhora de si, como coisa vergonhosa, não é, ás escondidas? Não chamam por ai *malas* essas pobres criaturas que seguem com os viajantes? Ia eu ser como elas, simples *mala*! E minha pobre mãe, que não pode mais viver sem mim?

— Ah! — verberou com real desespero Anselmo, num explosão de ingênuo egoísmo tão comum em quem ama de veras, você não pensa senão em si. Eu não valho nada; nasci para sofrer, para ser achincalhado, pisado aos pés, para sofrer como um miserável... Quem me tirou o sono, o comer, o beber, quem me causou mal tão fundo e incurável, é que lhe deve dar remédio... É de justiça, é de equidade! Isto brada aos céus...

Dúbio luar clareava então um pouco os espaços, luar, porém, tão, pálido, tão desmaiado!... Se jamais D. Cula pudesse fazer de lua, havia de passear assim, desmaiada, choro-anêmica, pelo firmamento afora.

De todos os lados também, como que imenso desalento na gigantesca natureza, alquebradas e inertes as forças de resistência numa modorra letal.

Só a Gêgeca a lutar valente com os arroubos de Anselmo e consigo mesma.

Quis o mancebo apressar o desfecho e de súbito a tomou nos braços.

Ai, porém, surgira o instinto da revolta no peito da Ciganinha e tal empurrão deu ela, que Anselmo caiu redondamente no chão a certa distância.

Ah! não era o forçado e temido José Bispo, esse bacharel; certamente não!

Rompeu ele em nervoso pranto, deixando-se ficar deitado na relva, com o rosto oculto entre as mãos. E o corpo todo estremecia com a violência dos soluços.

Invadiu então o coração da moça sentimento tão intenso de compaixão e remorso, que, sem saber bem o que fazia, foi sentar-se junto do mísero apaixonado e fez-lhe pousar a cabeça sobre um dos joelhos.

E ficaram os dous imóveis, ele a chorar em silêncio, ela a acariciar-lhe os cabelos com muita meiguice, ambos num enlevo de indizível doçura.

Ah! *Ciganinha, Ciganinha*, que perigo!

Que te podia salvar em momento tão extremo, quando tu mesma, a escorregar por misterioso e irresistível declive, te entregavas ao entontecedor esmorecimento de toda a tua energia, da tua vontade, tão imperiosa, instantes antes, quão vencida agora e conculcada? Pois, senhores, não lhes conto nada; ouçam, porém, o que sucedeu.

Já quatro ardente lábios bem próximos se iam abotoar, naquela sugestiva solidão, no mais sequioso beijo, quando, com bastante estrepito, um animalinho correu ali perto, algum guaxinim ou jaguatirica, e foi quanto bastou para que Gêgeca voltasse a si e de um pulo se pusesse de pé.

Quem sabe se não lhe valera a velazinha de cera, que, dias antes, for a levar e acender, na igreja com toda a devoção, aos pés da sua protetora, a Senhora D. Rita de Cássia, santa de muitos milagres e bondades?

Em todo o caso, estava desfeito o terrível feitiço. Aclararam-se as posições.

— Adeus, disse a *Ciganinha*. Siga o seu caminho, Anselmo, parta quanto antes, amanhã se for possível. É de fundo d'alma que lhe desejo todas as felicidades! Esqueça até que existo n'este mundo.

Estava o moço positivamente apavorado.

— Não, não, dizia ele agarrando-lhe nas mãos e de joelhos, mil vezes, não!

E, no auge do desespero, exclamava.

— Que fazer, santo Deus, que fazer? Você quer a minha morte, quer com certeza!...

Calava-se Gêgeca, como que a meditar.

Afinal:

— Levante-se, ordenou, e ouça-me com algum propósito e sossego. Pergunta-me que fazer, não é? Pois lhe respondo: cousa muito simples, muito natural: case-se comigo.

Em qualquer outra circunstância simples gargalhada teria acolhido semelhante alvitre; mas Anselmo estava tão atarantado e abatido que se contentou com abrir uns olhos muito espantados.

— Eu... eu? — balbuciou, casar... com você?

— Por que não?

E vendo mil dúvidas nos olhos desvairados do moço:

— Há de, acrescentou com altivez, achar-me digna de si... Não tenha susto...

— Mas... meus pais, você nem imagina, tão cheios de si... bons, de certo; pacíficos, mas orgulhosos da sua família, do seu nome...

— E eu, chacheou ela irônica mas já ai jovial, valho pouco? Minha mãe, sim, é uma pobre coitada, mas quem lhe diz que meu pai não era algum rei ou príncipe entre os ciganos?... Aquela gente é toda de grandes segredos... Sinto Ter jogado no Paranaíba uns papeis de família...

— Gêgeca, implorou Anselmo, deixe de debicar-me... Responda, que dirão meus pais... vendo-me casar consigo...

— E levarei a mamãe, aditou logo a *Ciganinha*... Não me separo dela por nada d'este mundo...

— Então?

— Ora, então? Hei de enfeitiçar seu pai, sua mãe, toda a sua gente; fica por minha conta. Olhe, Anselmo, nunca lhe meterei vergonha... Você me ensinará muita cousa que não sei, e Santa Rita me ajudará.

— Casar, casar, repetia assombrado o outro. E os papeis?

— Não lhe dê cuidado. Mando um próprio chamar o meu padrinho vigário e tudo se arranja num momento. Bem, concluiu! Se você me procurar mais, há de ser para levar-me á igreja. Do contrario não lhe mais para mim. Adeus!

E, correndo para a casa, passou Gêgeca a noite em claro, sem um momento de sossego, resolvida porém de pedra e cal, como se diz, a não dar o braço a torcer.

CAPÍTULO XIII

Mil projetos fez Anselmo, do seu lado. Chegou até a arrancar-se d'aquele pouso fatal, mas, dous dias depois, voltava á Santa Rita, aniquilado, desfeito, devorado de mortais saudades, em estado positivamente lastimável — um juguete da mais infrene paixão.

Pensou até em matar-se, atirar-se ao Paranaíba, acabar de vez com aquela situação infernal, em que não via saída possível, o menor postigo entreaberto, que lhe permitisse olhar mais desassombrado para o futuro.

Que luta ingente!

Afinal, numa bela manhã em que a natureza seria inebriante, feliz, bondosa, a aconselhar a todos os seres alegria, expansão e gozo, tomou a suprema resolução

e, batendo á porta da miserável choça das duas mulheres, pediu solenemente á D. Cula a mão da sua filha, a *Ciganinha!*

Como foi acolhido!

A recompensa foi também deslumbramentos sem par, além de um beijo, no fim da visita, bem em cheio nos lábios, capaz de deixar tonto de orgulho o Tzar de todas as Russias.

Para que contar mais o que se seguiu? Como tentar descrever o pasmo de toda a povoação? E, no dia do casamento, o resplendor de Gêgeca, no seu vestido branco de cassa fina, todo enfeitado com muitas flores naturais de laranja? Sabem os leitores se tinha ou não direito de carregá-las.

E o dia da partida? Ela a cavalo, D. Cula em solene *banguê*, toda lavada em lagrimas, e o Nhonhô Frutuoso como capataz da tropa?

Ainda hoje se fala de tudo isso em Santa Rita de Cássia.

Quando desfilava o préstito, não pode José Bispo, correspondendo enfarruscado ao cumprimento dos que seguiam viagem, deixar de exclamar:

— Lá se vão as alegrias de Santa Rita!

E, para espairecer a tristeza, deu, nesse dia, formidável surra á pobre da Perpetua.

Entrou por uma porta e saiu pela outra, e acabou-se a historia.

Ficaram contentes? Não?

Pois então peçam ao Afonsinho, ao Celso, que lhes conte outra. Ninguém como ele para saber mil cousas do sertão; e as narra com muita singeleza e graça, n'um estilo meigo, atraente, cristalino, assim á maneira de límpido regato a sussurrar entre margens floridas, magicas, encantadoras.

CABEÇA E CORAÇÃO (esboço psicológico)

CAPÍTULO I

— Repare, Betina, na pungente diferença de idade que se interpõe entre nós e dolorosamente nos separa um do outro. Nada de ilusões de ambos os lados. Eu poderia ser, não já seu pai, mas até seu avô. Veja como a mão do tempo me pesou sobre a pensadora cabeça, o contraste dos meus cabelos brancos com a sua cabeleira negra, exuberante de esplendor e seiva, verdadeiro diadema da mocidade. Como querer unir as sôfregas impaciências dos primeiros anelos da primavera á meditada calma dos últimos dias do outono? O presente não responde pelo futuro. Mil cousas imprevistas nos esperam nos muitos meandros da existência. Por mais que a razão prepondere, por mais que busque guiar-nos e conduzir com segurança, cumpre contar sempre com as surpresas do destino. A vida é rio misterioso em que não há piloto, por mais prudente e experimentado que seja, capaz de prever todos os perigos e fatais correntezas, para lá de breve curva que o olhar alcança... E quer Você que eu me constitua a causa da perda de muitas ilusões suas, preciosas, repassadas de encanto e sonhos, quando o viver se abre ante os seus passos tão cheio de esperanças, promessas e alegrias? De orgulho se entumece, de certo, o meu peito por conhecer hoje, tão de perto, a intensidade do affecto que a sua

generosidade me dedica; mas urge que eu saiba resistir ao seu arrastamento... e ao meu, também. Eu desposá-la? Um velho, para assim dizer, chegado quase aos sessenta anos! Prendê-la a mim, formosa, cobiçada por tantos, rica, sedutora? Fôra loucura de ambos... E que diria o mundo?

— Que me importa o mundo? Replicou arrebatada a bela e nevrótica donzela após curto silêncio. Não lhe incumbe, a ele, preparar-me a felicidade que a sorte complacente me indica e que devo alcançar por mim mesma. Muito tenho pensado, muito perscrutado nos recessos mais íntimos da minha alma e no fim acho que, de todas as homenagens, reais ou fingidas, prestadas pelos homens, só me fica a lembrança, viva, suave, profunda, da sua superioridade, Antenor, sobre todos. Conheci-o sempre tão diferente dos mais; Sinto, que a minha vida, sem a sua presença, o seu contacto, o seu apoio terno e varonil, de infinda e vibrante meiguice, se me tornará tornar-se tão vazia, tão ôca, estéril e pesada, que só essa possibilidade me incute letal tristeza, desalento enorme até ao fundo do coração. Que sentimento senão o da verdade me leva a falar-lhe assim? Bem sabe, consigo não guardo segredos. Não poucos ambicionam a minha mão, desde aqueles que só tem por si a banalidade da juventude, até aos que buscam deslumbrar-me com as posições e honras conseguidas. Todos me tem falado de amor; só o Sr, conservou a originalidade do silêncio, embora há muito reconhecesse eu que, no íntimo, não era, não podia ser-lhe indiferente...

— Oh! Sim, interrompeu ele com sincero arrobo, quantas vezes me achei sem forças para reprimir ímpetos, que, nem aos 25 anos, jamais me conturbaram?! Por compaixão, não me coloque em posição difícil... ridícula, aos meus próprios olhos...

— Até que invertidos os papeis, continuou exaltada a moça, pude enfim arrancar-lhe o seu segredo. Já sei, afianço-lhe o que é ser-se feliz! O que experimentei naquela tarde decisiva, em que, após todos os seus acanhamentos e resistências bem leais e valentes, o ouvi discorrer com máscula e irresistível eloquência sobre o amor, aplicando-o a nós dous, é indescritível... Não cerrei os olhos um só minuto; e a madrugada me encontrou á janela triunfante, mas alquebrada, ardendo em febre...

(1) Foi este conto resposta á carta de um amigo já falecido que, aos 60 anos, pediu a minha opinião sobre um casamento desproporcionado, que afinal realizou. (Nota do Autor)

— Betina, Betina, implorava Antenor no tom de brande e dorido queixume, quanto me arrependo de não ter sabido vencer-me... Perdoa o sonho... mais calma!

— Que quer, meu bom amigo? Atua em mim também a influencia do nome que me deram. Será Você... serás... o meu Goethe!

— Mas aquele era um gênio, um ente privilegiado, a gloria de uma grande nação, o orgulho da inteligência humana: tudo merecia, a admiração dos homens, as homenagens do mundo inteiro, o amor das mulheres, a adoração de todas as idades. Subira passo a passo como sol ofuscado em firmamento sem nuvens, tocara ao zênite, cada vez mais rutilante, e ao acaso, a transmuntar, iluminava com deslumbrante fulgor o século em que vivera. Protestava-se a natureza intelectual ante aquela força criadora, tão grande que parece impossível excedê-la. Fez, com efeito, vibrar todas as fibras do coração; desvendou-lhe, como o divinal Shakespeare, muitos dos seus segredos; e abrangeu as mais árduas questões da ciência; resolveu por mera intuição abstrusos problemas; revestiu todas as formas —

Proteu estupendo e sempre admirável, ninguém o igualou na extensão e profundidade da inspiração e do saber!...

— Serás o meu Goethe, insistia Betina bebendo as palavras do seu apaixonado e fitos nele os quebrados e amorosos olhos; cada qual vive e se expande no circulo em que o destino o fez nascer. Tivesses tido o palco que ele, o gênio, pisou, e a tua glória houvera passado muito além dos limites que conseguiste.

Quem põe, assim mesmo, em duvida a tribuna, o teatro, as letras, a justiça dos concidadãos? Serás o meu astro vivificador, o meu sol... Felizes das que te viram e te deram o tributo do seu amor em teu zênite. Para mim fôra até demasiado forte o teu brilho de então. Contento-me com os raios desse ocaso, já que tanto me falas nele... Aliás, que sou eu senão simples prolongamento do teu espirito, da tua vida moral? Quem me educou a alma, me infundiu o gosto e o gozo da leitura, ávida, insaciável? Quem me guiou no labirinto da literatura, me fez viver a vida dos antigos, me incuto o entusiasmo das obras primas, o amor do belo, da arte, do honesto, do puro, do sublime? Que sou eu senão um filha da tua inteligência, do teu gosto, das tuas inclinações ideais e sentimentos? E com a felicidade ao alcance da mão hei de deixá-la escapar por preconceitos e convenções que aborreço e a que não se dobra a minha altivez inata? Que fazer de mim, se antepuseres os argumentos da fria razão a todos os impulsos da nossa alma? Valerá tão pouco, aos teus proprios olhos, a criatura intelectual que afirmaste e é obra exclusiva tua, que, em nome de um enlace bem equilibrado segundo leis físicas, meramente materiais, a atires, sem consciência nem remordimento, nos braços de qualquer peralvilho ridículo, nulo, brutal ou efeminado?

— Já vivi demais, objetava Antenor com sensível ansiedade patenteando a luta que se lhe travara no intimo, e o que sei da existência me ensinou a desconfiar do que me resta viver... Acostumam-se os passos do homem tanto a subir, quanto a descer, e agora só me toca ir baixando, costas voltadas para o ponto culminante da parábola vital... Tenhamos ambos justa compreensão das cousas... saibamos resistir a nós mesmos...

E com os olhos a brilharem de emoção, dificilmente refreada:

— Calcule os esforços que me custa este apelo. Imagina abandonada estatua em florido jardim a repelir, se lhe fôra possível, o pendão de rosas que busca engrinaldar-lhe a fria e marmórea frente...imagina viajante exausto da cansativa jornada a fugir da fonte fresca, pura, sussurrante, que lhe vai estancar a sede e restaurar-lhe as perdidas forças... Terei, porém, energia; afastar-me-ei d'aqui, destes lugares que tanto estremeço, bem sabe a causa, deixá-la hei neste ambiente de perfumes e mágicos encantos, do que a minha alma levará sôfrega algumas parcelas para suavização de imensas dores futuras... e depressa virá o esquecimento, o olvido certo e merecido, dar-me razão. Rapidamente a ausência me envolverá em densas trevas... Experimentemos, Betina...

— Fôra rematada loucura, indigna da sua reflexão, contrária a tudo quanto lhe ensina o conhecimento que tem do coração humano... Pelo menos, assim se me afigura... Por mim quero julgá-lo. São susceptibilidades de exagerado melindre, de exaltado e meticuloso cavalheirismo, que mais o levantam aos meus olhos... Aliás, para que e como discutir sentimentos?

— Dolosa conselheira é a imaginação... Não se deixe enlevar por fugitivas ilusões.

— De que vive o amor, qual o seu perene alimento, senão a fantasia? Deixe-se de hesitações que afinal acabam por deslocar-me, longe de mais, do meu papel natural. A mim não competia vencer resistências dessas, sobretudo com o meu gênio altivo e independente... Quer Você argumento superior a tudo? É este o ímpeto que me impulsiona, o meu desejo supremo... e basta!

Prosseguindo com voz insinuante:

— Descanse em mim, Antenor. Aceito o símile de que há pouco usou: coroarei de rosas e lírios os seus dias. Entregue-os, sem receio nem vacilação aos meus cuidados. Tomo compromisso solene, no momento em que eu suspeitar de mim mesma, qualquer falha, o menor desfalecimento na adoração que lhe consagro, abrir-lhe-ei o peito na mais depuradora e completa confissão, achando novo alento nos seus conselhos, na sua direção espiritual, no seu apoio tão cheio de experiência e meditação. Falte eu a esse juramento, bem inútil e... deixarei de viver... Por ele respondam a minha salvação eterna e as sagradas cinzas da minha pobre mãe, tão cedo perdida!... Para que, porém, formularmos cruéis hipóteses em plena alegria? Para que pensar em catástrofes e nos horrores de subversões morais, quando tudo sorri em torno de nós?... Cogitar em medonhos terremotos, cercados dos esplendores da natureza boa, sugestiva, amante, toda ela hino de paixão exultante e criadora, na plena segurança da estabilidade das cousas e da bondade divina, não será tentar os céus?

E Betina, encostando a escultural e imaginosa cabeça ao ombro do nobre e esbelto varão, o escolhido da sua alma, ali ficou extática, sentindo as pulsações de um coração em que cegamente confiava e de cuja lealdade tinha, já de largos anos, todas as provas possíveis.

Invadia-lhe o ser todo intenso desvanecimento: inspirar amor profundo, irresistível, a quem merecia da mais culta sociedade acatamento e incontrastável prestígio por inúmeros dotes da inteligência e do carácter, e haver sabido resguardar-se para esse ente excepcional, deixando que a razão e o sentimento apontassem á sua escolha de entre os muitos que a requestavam e lhe faziam solicita, ardente e zelosa côrte, já pela inegável beleza, já pelos avultados bens que mais realce davam á formosura era raro cultivo de espirito!

Tempos depois, casavam-se Antenor e Betina.

Duas ou três semanas, foi assumpto de todas as conversas o disparatado enlace, cuja iniciativa, assim se dizia e cochichava, pertencera mais diretamente á desposada; mas afinal, acalmada a bisbilhotice, acabou a sociedade, por admirar, com surpresa e inveja, a *serenidade* que protegia com as suas brancas azas o ditoso lar, naquela união íntima do fulgor da juventude com a majestade, ainda que decadente, de uma existência credora, certo era, do respeito de todos.

Dous anos de profunda calma, senão de real e bem acentuada felicidade.

Sentia Betina tanta paz de espirito, tamanho sossego de corpo, como que misterioso e inquebrável silêncio dentro e em torno de si, que aquilo lhe parecia mais torpor e adormecimento de todo o seu ser, outr'ora tão irrequieto e caprichoso, do que mesmo tranquilidade. Estabelecera-se natural prolongamento da depressão que á mulher costuma trazer o casamento em sua iniciação física, caracterizada, mão grado todas as meiguices e cautelas, por um cunho feroz de lubricidade e violência. D'ai, surpresas imensas, dolorosos retraimentos e cogitações deprimentes, que só podem ser atenuados e vencidos pela impetuosidade e pelos ardores do noivado.

Em lugar, pois, de experimentar do objetivo alcançado intensas alegrias tão esperadas e prometidas pela imaginação, via nele, pelo contrario, motivos de desalento e desengano, com que de certo não contara. E por essas falhas do sentimento sincero e violento que a envolvera toda á maneira inteiriça e inatacável couraça, se lhe ia insinuando, lenta, mas insistentemente, inexplicável tédio da vida, desgosto de si mesma e, mais que isto, a impressão de um castigo por falta, ou erro, e erro irreparável, inconscientemente cometido. Buscava analisar o que lhe ia n'alma e afigurava-se-lhe que penetrava sem guia, nem fio, em um labirinto inexplorável, cujas voltas de todo desconhecia e que a deixavam perdida em densas trevas, sem mais orientação possível. "Que tenho?" perguntava com certo terror a si mesma nos rápidos momentos em que ficava a sós e livre da solitudine, aliás tão inteligente e estremecida do esposo, todo carinho e suavidade. "Porque não me sinto completamente feliz? Que me falta? Quero sê-lo; quero, eis a minha vontade, e nada a ela resiste. "Punha, portanto, esforçado empenho nisso, mas o desanimo caminhava a par das mais valentes intenções; d'onde, alguma irritação já contra a serenidade que Antenor dispusera ao derredor deles dous com tanta discrição, quanto zelo. Parecia-lhe um desencontro. Teria talvez, quem sabe? achado mais adequada a inversa, expandir-se em festas e no ruído do mundo. Aspirava ele a concentração cada vez mais intima, na identificação de todos os gostos e preferencias, ao passo que Betina experimentava nesse circulo, que lhe parecia apertado demais, desilusões vagas, pouco definidas e no intimo apelava para mais alguma agitação afora, afim de dissipar o tão inesperado e inconcebível mal-estar. E com isso iam despertando, inquietos, atentos, malévolos, os singulares e contraditórios ímpetos do nervosismo que desde menina tão imperiosamente a haviam dominado.

Deixando-a apática, retraíra-se-lhe a imaginação como pérfido ou descuidoso companheiro que, depois de levà-la arriscado passo, de repente se sumira, trêfego, desleal, abandonando-a sozinha em perigoso lance. Buscava ver só razões de aplauso no enlace que formara, muitas vezes enumerava, ainda com orgulho, as qualidades que, aos olhos de todos, tanta preeminência davam a Antenor; e já lhe iam nascendo impaciências por encontrá-lo tão perfeito, segundo o que lhe podia exigir a alma com esfera pura e elevada.

Toda essa evolução, porém, em extremo lenta, morosa e a se arrastar, como insidioso reptil, de um dia para outro, formando uma só cadeia de elos tênues irrompível.

Quis Betina voltar-se para o passado e nele estudar a historia da paixão que a avassalara com tanto império, fazendo-a vitoriosa de não poucos tropeços, resistência do tutor, conselhos e rogos dos irmãos, das amigas e até daquele que afinal se tornara seu esposo, e ficou pasma de haver posto tão grande violência a cousas que agora lhe pareciam, senão de todo mortas, quase indiferentes.

Embora aborrecendo os livros naquela quadra fatal, ela que devorara quantos lhe haviam caído debaixo da mão, releu pausadamente as obras do marido e releu-as com os olhos da crítica prevenida e disposta a severidades e não mais com os arrastamentos e simpatias do coração. Achou-as corretas, em puro estilo; mas, como de fato eram, frias, alambicadas, demasiado polidas, sem esse colorido, essa espontaneidade que atrai, agarra e dá à idéia vida original, brilhante e por vezes imortal. Pareceram-lhe então as pesas de Antenor, na sua perfeição métrica e rítmica, reflexo pálido, esbatido, de versos de outrem, já lidos, não sabia quando, há muito tempo, cuidadosamente açacaladas, mas sem fibra, nem estro; assim essas figuras aéreas, subtis, insubistentes, destituídas de formas e contornos claros, que espelhos combinados de longe e em certa inclinação chegam a reproduzir no espaço e fazer flutuar como fantásticas visões. Na exuberância de tropos, na difusa abundância de palavras, faltavam os músculos, nervos, circulação de fluido intenso, cálido, vivificante, aquelas evocações. Aparições como que de uma existência anterior, já passada, já extinta, a suscitarem só saudades na indecisa e ansiada aspiração à realidade.

As intermináveis palestras, repassadas de tamanho encanto em que tanto havia aprendido, a ouvir Antenor discorrer horas inteiras sobre um sem numero de assumptos com suave eloquência e indiscutível saber, agora lhe pesavam na sua feição de legítimas conferencias sem razão de ser nem cabimento. E, na indeterminação do que mais podia agradar-lhe naquela fase de inexprimível displicência, ora as cortava por modo repentino, quase áspero, desagradável.

Preso não pouco tempo o seu espirito à direção e influencia exclusivas de Antenor, aspirava, quando menos convinha, a reconquistar a liberdade, a readquirir independência e autonomia no modo de encarar as cousas e questões. Por isto também achava prazer especial e acre em contrariar, a principio timidamente, mas depois bem de frente, opiniões e sentimentos que, contudo, no fundo e na essência, reconhecia justos e indiscutíveis.

Nessas ocasiões ainda a pungia o olhar surpreso e magoado de Antenor, que buscava logo, prudente e cavalheiroso, impedir qualquer causa de azedume e dissidência entre ambos, por mais passageira que fosse.

Mas a cautelosa e meiga condescendência do marido se, nos começos, lhe levava ao intimo certo travo de remorso, depois se lhe foi tornando motivo de mais irritação.

Quisera encontrar impugnações varonis que lhe desbaratassem os caprichosos e premeditados argumentos e dessem curso diferente aos pensamentos. A increpação de injusta que lhe irrogava a própria consciência foi-se curiosamente transmudando em propósito formal de Antenor para afirmar cada vez mais o assinalamento da sua superioridade.

E tudo isto, que se desenvolvia lenta e gradualmente nos recessos mais recônditos da alma, em vez de desvendá-lo com leal e nobre franqueza ao esposo, conforme tanto prometera, incobria-o acautelada, possuída talvez do vexame de si mesma.

Por tal forma, porém, serena a superfície do formoso lago, que ninguém poderia sequer desconfiar das correntes encontradas que se moviam nas profundezas da massa líquida. No exterior, tão somente toques de sensível melancolia, sombras, embora leves, como que de longínquas nuvens a perpassarem adelgaçadas sobre o disco do sol.

Nessas duvidas e agitações, conheceu Betina que já era mãe.

CAPÍTULO III

Terríveis os meses de gravidez. Despertou vivaz, impetuosa, a imaginação de Betina, sujeitando-a, em longas semanas de impossível descanso, a agudo e assustador sofrimento.

Não pensava senão em desgraças e morte, quando não era na perda completa da beleza, na insanável deformação do corpo e dos encantos físicos, hipótese ainda mais intolerável ao conturbado espírito.

Desenvolvia Antenor, punha em pratica todos os recursos da solicitude e da paciência, da razão e do sentimento, para combater e dissipar essas téticas apreensões, que revestiam mil formas caprichosas e de feroz nereustemia; mas, não raro, já no intimo se reconhecia cansado de tarefa tão ingente, em que não lograva senão mui parcialmente os justos fins.

Começava, aliás, a entrar-lhe a convicção de que naquele enlace não se dera, nem mais podia dar-se a sonhada e indispensável identificação das duas naturezas, moral e física, e d' ai razões de inquietação, embora cuidadosamente refreada e comprimida nas mais vagas cogitações.

Zelava as menores aparências de um estremecimento, que, apesar de toda a sincera intensidade, no fundo o fadigava, desviando-o, com imperiosa e constante exigência, dos estudos literários e das pesquisas filosóficas, que lhe eram tão caros e tanto lhe haviam antes amenizado e embelecido a existência. Verificava, então, com sobressalto, que se enganara, ele também, havendo já de muito passado a idade, transposto os limites, em que a mulher é absolutamente tudo, o ídolo, o culto exclusivo, a origem, o centro dos mais extraordinários e absorventes sacrifícios e dedicações. Amava, de certo, profundamente a esposa, de cuja posse experimentava tanta ufania, mas quisera nela encontrar uma fonte de levantadas inspirações intelectuais, e não uma causa de perene perturbação, a girarem ambos n'um circulo de apertadas idéias, sempre as mesmas e sempre a renascerem, quando pareciam desvanecidas e até sufocadas.

No meio de todos os sustos e terrores, um consolo tinha Betina; a inabalável certeza de que o filho (pois obrigatoriamente, no seu entender, havia de ser um menino) traria dos mundos desconhecidos gênio e beleza irresistíveis, destinado, como devera ser, a futuro raro, bem raro, nos anais dos fados humanos. E com a exageração que em tudo punha, uma vez abertas as azas á imaginação, já o via no pináculo da glória, cercado de resplendente aureola, ilustrando de modo ofuscador o nome dos pais, guindado ás mais altas e cobiçadas posições sociais. Que poeta havia de ser, que orador e estadista! Ninguém o sobreleva em talentos, majestade e formosura, além da inata distinção. Com a singular condescendência de mãe, aprazia-lhe ao pensamento a idéia de que mulher alguma poderia resistir á sedução de ente tão superior.

Nasceu, com efeito, um menino; porém, só em parte realizava as douradas esperanças; se tinha notável correção e delicadeza na graciosa miudeza dos traços fisionômicos, pela debilidade geral e melindrosa complexão mostrava que não viera á luz apercebido dos meios para as lutas da vida. Pode, graças a cuidados nunca vistos, resistir ou antes definhar uns treze meses; mas afinal partiu para o céu. Nem havia como prendê-lo por mais tempo á terra.

Indescritível a dor de Betina. Esteve entre a vida e a morte e quase acompanhou o filhinho. Vencida, por fim, a agudeza da crise, que não pouco durou, de todo o crudelíssimo período lhe ficou singular impressão, o direito de irrogar; lá de

si para si, formal acusação ao marido. A ele incumbia Ter incutido alento e força, valentia orgânica e vitalidade ao ente que haviam criado, a ela beleza e graça; e se um cumprira a sua missão, o outro ficara muito aquém. E aí, refletia com pungente insistência na diferença de idade, que lhe haviam todos, anos antes, apontado como irreparável desacordo, emergindo dessa dolorosa meditação medo imenso de ver renovados os desenganos e as provações da maternidade.

Com a injustiça própria do carácter humano, achou que a resistência de Antenor não fôra, por egoísmo, bastante leal e vigorosa; talvez mais um meio de fortalecer e acender pela contrariedade o capricho e a teimosia, as violências da imaginação, o amor de cabeça, em suma, que a levava ao casamento. Fazia-se então de vítima imolada ao interesse de outrem. Fuzilavam-lhe até na mente feias e deprimentes conjecturas que, indignada consigo mesma, buscava a todo o transe abafar e reprimir. Quem sabe se aquele homem... aquele velho, não havia particularmente visado á sua fortuna, aos bens que lhe constituíam quantioso dote?

E, apesar de todo o empenho em desviar-se desse resvaladiço declive, via-o sempre aberto á meditação, a atrair-lhe os passos, tão fácil é a insuflação de malévolos pensamentos, perigoso gérmen, pronto logo a crescer e deitar fundas raízes.

Por esse tempo, julgou Antenor dever recorrer á agitação da sociedade para dar derivação e lenitivo á acabrunhadora tristeza da mulher. Não foi, porém, sem custo quer conseguido arrancá-la ao marasmo e levá-la a bailes, teatros, concerto e festas.

Como radiosa e incomparável revelação apareceu então Betina aos olhos do mundo, realçada a peregrina beleza pela simpática melancolia, que lhe ensombrou o demasiado fulgor. Surpresa e um tanto ourada do movimento que tamanho contraste fazia com o modo de viver passado, docemente a acariciaram logo as homenagens de que se viu jerarquia, já, e ainda mais, pela admiração dos homens.

Também, em pouco tempo, mão grado as relutâncias do marido que via ultrapassado o objetivo colimado, entregou-se ela de todo ás complicadas e intermináveis imposições da convivência social, sem mais se importar com as censuras tácitas de Antenor bem acentuadas pelo cansaço físico, que a este não era mais dado ocultar.

De volta de brilhante baile, prolongado até a madrugada, nesse mesmo dia havia que tomar-se parte em pomposo e longo banquete e, logo depois seguir para algum teatro ou concerto, em que se tornava obrigatório o comparecimento de todo o *high-life* – uma roda viva, enfim!

Para longe, a tranquilidade do lar, as horas plácidas, iguais, mas tão suaves, consagradas ao sossego a ás doces expansões da vida interna e de família! Com avassalador despotismo e no meio do ruído e de mil leviandades, era agora o mundo que regulava a vertiginosa existência daqueles dous entes, mal lhes dando tempo para respirarem.

A Betina, de certo, não faltaram adoradores que sem reboço, aspiravam á sua conquista, tributando-lhe incessante e entontecedora côrte. Conservou-se, porém, superior a todas as tentativas e a qualquer desfalecimento e, em certa ocasião, chegou a entregar ao marido cartas de um dos seus mais ardentes apaixonados, escritas com a sincera eloquência de um sentimento veemente, incoercível.

Nessa difícil e delicada emergência, procedeu Antenor com tão imediata decisão, tanto tino e melindroso apreço dos seus direitos e interesses, que granjeou os aplausos gerais da sociedade e mais se levantou na estima de todos. Ficou-lhe

grata a esposa por tê-la desembaraçado tão jeitosa e energicamente daquela comprometedoras assiduidade, que do seu lado repelira com toda a altivez.

Nem por isto, porém, cedeu menos ao arrastamento dos bailes e das *soirées*.

Numa dessas noites, foi que, pela primeira vez viu e conheceu Fernando de Aguiar, há pouco chegado da Europa. Apresentado por uma amiga entre duas quadrilhas, com ele dançou umas voltas de cerimoniosa valsa e trocou algumas palavras indiferentes.

Sem saber pelo que, porém, sentiu-se toda perturbada, com repentino aperto, quase dor, de coração, angustiada, como que presa de grave e indefinível mal e deu-se pressa em regressar á casa. Deitada, só pode conciliar agitados momentos de sono, quando os raios da aurora acariciaram doce e palidamente as janelas do seu belo e senhoril palacete de residência.

CAPÍTULO IV

Para Betina começou então uma existência de continuo suplicio. Invadira-lhe o ser todo, de repente, de momento, como cidade tomada de assalto, por indomável horda, a mais violenta paixão, um d'esses movimentos de irrefreável impetuosidade, que não consentem a menor resistência, um só minuto de reflexão, a mais simples contrariedade, a mais leve objeção íntima. Era cousa fatal, infalível, que se impunha como ordem sobrenatural, a que não havia senão curvar-se e obedecer.

Imagine-se vasta represa de água, cujas falhas no muro de sustentação quase lineares e invisíveis de súbito de abrissem como brechas enormes, deixando que toda a massa líquida irrompesse louca, devastadora, em ondas, catadupas e medonhos torvelinhos.

Tanto buscara ela outr'ora estudar o arrastamento que a pouco e pouco, passo a passo, a levava aos braços de Antenor, tanto analisara em todas as faces a meiga influência d'aquela doce affecto, declive caro aos seus instintos, quanto, agora, impossível lhe era ter mão no pensamento, guiá-lo, dirigi-lo e calcular qualquer das conseqüências desse novo e tão diverso sentimento.

Amava porque amava, não achava outra razão; vassalagem a uma lei de irresistível império e lei como que meramente física, pois se afirmava pela dor acerba, teimosa, intolerável, no organismo todo, — pontadas, sobretudo, finas, agudas, terebrantes no coração, a penetrar-lhe as fibras mais secretas, sufocações que quase a faziam desmaiar, a sós, no fundo do seu quarto, ardendo em febre e rolando convulsamente sobre o leito, que lhe não dava um instante de repouso.

Era todo o seu corpo presa de verdadeiro abrasamento, arredada da conturbada e estupefacta mente qualquer lembrança que não fosse ele, só ele! Não queria, ou antes, não podia examinar, por pouco que fosse, a origem de tamanha absorção, esse aniquilamento de toda a posse sobre si mesma, ficando-lhe vedado indagar se Fernando de Aguiar valia tanto, tanto assim e porque acendera tão violentas chamas.

De certo, não tinha o ideal de tão ardentes sonhos nada que o salientasse particularmente do comum dos homens, nem sequer o físico, mais para o insignificante e o vulgar do que para a excepção. Ah! Sim, possuía a mocidade, e d'ela emergia pujante, vitorioso, como um hino de saúde e força, esses prestigio imenso que Betina, anos atras, capitulara de simples banalidade da juventude. De quanta posse, porém, essa pretendida banalidade! Que de regalias e privilégios na encantada primavera que floresce uma vez só e não mais se renova e volta! O brilho

vivo, cintilante, dos negros olhos de Fernando de Aguiar, bem rasgados e um tanto audazes, o acetinado da cútis, a arrogância do sedoso bigode arqueado sobre os lábios rubros e úmidos, valiam então mais, mil vezes, do que os mais belos versos e as palavras mais doces e convincentes de Antenor, veladas pela melancolia dos anos já passados.

Ai era o coração que decidia, entorpecidos a razão e o raciocínio, naquela dolorosa e acabrunhadora hipnose.

E cada vez mais se acentuavam os sofrimentos físicos de Betina, cuja saúde começou a ressentir-se seriamente de tamanhos abalos. Emagreceu, tornou-se misteriosa, concentrada, numa constante e tristonha passividade, quer em casa, quer no turbilhão das festas. E se não fugia d'elas, era unicamente para poder ver e encontrar o objeto do tresloucado amor, empenho tão claro e insistente que a sociedade e o mesmo Antenor afinal não poderão deixar de nele reparar.

Ruía por terra antes as vistas, desiludidas para todo sempre, o edifício da felicidade que julgara poder levantar, ainda que nos alicerces tivesse, com a observação das cousas humanas, entrado, desde principio, certa descrença e algum desalento. Buscou medir a extensão do mal, mas, á primeira tentativa, não ousou aprofundá-lo. Recolheu-se então, como ultima salvaguarda e recurso extremo, á proteção de uma idéia fixa — a impossibilidade de vir a perigar a sua honra.

Tudo quanto se passava não iria além de um capricho da exaltada imaginação de Betina. Oh! Bem conhecia do quanto era capaz! Não tardaria, porém, muito e cairia em si, abrigando-se á segurança do lar, pronto para acolhê-la no arrepiar carreira em senda de leviandades, já um tanto comprometedoras.

Fatos anteriores davam-lhe bem segura garantia.

Não fôra tão expontânea a entrega d'aquela maço de cartas? E tratava-se então de um cavalheiro distinto, hábil, de inteligência reconhecida, com grandes recursos de espirito e de salão e não poucos hábitos de sedução, ao passo que Fernando de Aguiar... qual! Que absurdo! Um ente tão fútil, tão nulo! Não, aquele entusiasmo não repousava em base alguma, tinha que desaparecer tão facilmente como havia surgido, por mero erro de apreciação: abusões dissipados sem esforço algum, á maneira de névoas que ensombram formosa paisagem, sem poderem obscurecê-la.

Ah! Quanto se enganava a experiência d'aquela homem!

Em certa manhã, desapareceu Betina do seu rico e senhoril palacete de residência. Havia, rompendo com todos os deveres e princípios, tomado passagem n'um vapor transatlântico e fugido com o amante para a Europa.

A corajosa altivez com que se portou então o infeliz marido, a energia com que tratou de vencer e recalcar sua dor e repelir de si o imerecido labéu, o pronto divorcio que conseguiu, destacando o intemerato nome do da culpada esposa, a quem, sem demora, mandou entregar, com a mais escrupulosa exatidão e minudência, os bens que havia trazido consigo, tudo isso, praticado sem a mais ligeira hesitação ou sombra de céptica jactância, impediu que o ridículo de leve salpicasse a levantada personalidade de Antenor. E para mais erguê-lo no conceito publico, meses depois, publicava um livro da mais ampla esfera moral, que girava, mais ou menos, em torno da melindrosa tese que lhe fôra peculiar; e ai o escalpelo imparcial e cuidadoso do analista tudo dissecara, fazendo justiça inteira a quem tinha ou não tinha por si a razão e o direito; obra de cunho verdadeiramente original e escrito por pena vigorosa, mas d'onde por vezes decorrera muito pranto amargo.

Guardavam-lhe ainda o travo não poucas páginas.

Quanto á Betina, meses após o irreparável acto de loucura, via-se a braços, com o mais cruciante arrependimento.

Extinto o fogo da paixão, como sempre acontece, tinha de suportar vencida e humilhada, as conseqüências da posição equivocada a que se atirara, mas que o mundo jamais perdoa, ao lado de quem brutalizando-a logo, malbaratava a fortuna, que não lhe pertencia, no jogo e com as mulheres de ocasião.

Dentro em breve, reconhecia que para Fernando de Aguiar tornara-se peso quase inatural.

Quantos golpes, a todos os momentos do dia, no seu orgulho, anos antes tão suscetível e tirânico!

Diante da miséria se abria longo, indefinido, interminável, um futuro árido, medonho, sinistro em todo o seu mistério, como ilimitado deserto, sem uma sombra, uma fonte, uma árvore, o menor lenitivo ás agruras de martirizante viagem, para no fim encontrar, como terminação de indizíveis agonias, a morte, só, desamparada, motivo de chacota e de desprezo, repelida por todos!

Desgraçado destino! Dia e noite chorava sobre si mesma todas as lágrimas da sua alma, tão mal guiada, já pela cabeça, já pelo coração!...

UMA VINGANÇA

CAPÍTULO I

Num baile — já pouca gente; muitas cadeiras vazias.

Ela, sentada, um tanto abatida, identificada com o enfado e a fadiga de uma festa a acabar, a ouvir como por favor e com ar de sensível amuo e impaciente condescendência um homem no vigor dos anos a falar, ardente, arrebatado, numa grande agitação, sombrio, desconfiado, mas sóbrio nos gestos a conter-se calculadamente — ambos longe, bem longe d'aquela ambiente de alegrias e despreocupação, hostis um com o outro.

— Precisava, observava ele, explicar-me com toda a liberdade. Desde que cheguei do Rio da Prata, não achei uma única ocasião. Verdade é que a senhora tem feito estudo especial para não me consentir o menor ensejo. Isto não pode continuar assim; prefiro então romper de uma boa vez. Declaremo-nos logo inimigos irreconciliáveis.

— Pois fale; diga o que tem, o que de mim deseja.

— Aqui? Agora?

— Por que não? Onde quereria que fosse?

Esboçou Sofia Dias um movimento de displicência e incredulidade.

Inclinando-se para ela, lembrou então Mario Campos, com vos soturna e emocionada, cenas do passado e passado bem próximo ainda — meses quando muito — a sua posição de homem casado, e bem casado uns bons pares de anos, ante as seduções e inexplicáveis faceirices, quase facilidades de moça formosa e solteira. Tanto fizera — oh! Escusado era querer protestar; a sociedade toda havia sido testemunha e sabia ser justa — que afinal perdera ele a cabeça, e lhe consagrara paixão cega, invencível, de inaudita violência. Mera vítima ou não do artifício e dolo, durante não pouco tempo se supusera deveras amado. Rico, feliz,

esposo de uma mulher bondosa, bonita e terna, de repente se sentira, sob o influxo d'aquele sentimento novo insuflado com raro talento sugestivo, o ente mais desgraçado do mundo, avassalado irremediavelmente por influencia que zombara de todo o seus planos e tentativas de resistência. Que fazer então da vida, longa, tão longa n'aquele horrível desencontro! Como readquirir a felicidade perdida para todo sempre?

— Oh! Interrompeu ela irritada e sardônica, há tantos modos de ser feliz...

Podia ser, sobretudo para aqueles que não calculavam o enlace dos atos e palavras. E por falar em palavras... certa noite, por exemplo, n'uma volta de *bond* do Jardim Botânico, ao luar, dissera-lhe ela uma frase, que lhe havia calado no espirito para nunca mais de lá sair. Fixara-se-lhe dentro d'alma com letras de fogo, que a cada momento do dia e da noite lhe luziam ante os olhos deslumbrados. Não se lembrava?

— Não; respondeu Sofia com sinceridade e algum assombro. Que poderia eu ter dito tão terrível e sinistro? Não me mete medo.

Quis sorrir; mas o sorriso pairou-lhe indeciso, frouxo, á flor dos lábios, d'esses sorrisos chamados amarelos.

Tivesse ela ou não medido o efeito, houvesse ou não sido mais uma simples leviandade, a sua boca a proferia, lembrasse-se bem do seu dito: "Ah! se você fosse livre!"

— Ora, protestou Sofia, empalidecendo seu tanto, uma hipótese...

E agora não estava ele livre, bem livre? Que significava, nessa nova situação o seu inopinado retraimento? Por que se mostrava ele tão esquiva, tão indiferente dos tempos de out'ora, decorridos apenas seis meses empregados n'essa *indispensável* — e apoiava no vocábulo — viagem ao Rio da Prata? Quando supunha encontrá-la vibrante de amor e saudades como ele, quando julgava alcançar a felicidade almejada a que tinha feito jus — oh! sim, tudo, tudo empenhara para consegui-la — ai a achava radicalmente mudada, outra, de todo outra! Por que? De que servira então aquele ano de ardente affecto, pelo menos assim acreditara, de tamanhas promessas e juras? Não teria ele sido senão mero juguete de passageiro capricho, pretexto para ensaiar simples armas de namoradeira?

Sofia Dias mostrava-se cada vez mais impaciente. Fez até gesto de quem ia levantar-se.

Por que se dera toda aquela comedia? A sua infeliz mulher alvo de tantos remoques, motivo de contínuos reparos e criticas, exposta a incessante ridículo, até se lhe tornar positivamente insuportável. Não tinha gosto, não sabia vestir-se, escolher chapéus; inúmeras setas farpadas, envenenadas, na sua mal ferida vaidade de marido. Meros gracejos? Brinquedos de um coração mão, ardiloso, cruel, insensível? Oh! Tomasse tento, aquela hora era decisiva. Passada ela, titara vingança tremenda; era de raça dos que não perdoavam.

E, ofegante, n'uma frase curta, dura, contava episódios até da infância, em que se afirmara a irresistível disposição ao desforço, violento por qualquer ofensa ou injuria recebida. Sua mãe lhe dissera um dia: "Menino, você com este gênio há de acabar mal!" Quem sabia se o horóscopo não se ia realizar. Uma cousa lhe jurava.

Alguém havia de pagar. Não se adiantara tanto, para ficar, perante todos, como triste símbolo de irrisão e escarno, menosprezo e miséria.

E os seus olhos chamejavam, dolorosa crispação dos lábios lhe erguia o canto da boca. De longe, parecia estar sorrindo, todo entregue a animada, ainda que banal, conversa de baile.

Sofia o ouvia com expressão de extremo cansaço. Afinal rompeu o silêncio.

Confessava que a ele assistia alguma razão. Andara mal, concordava; solteira e pretendida por não poucos, não deveria nunca ter alimentado um sentimento reprovável, que não tinha razão de ser. Saíra do seu papel natural e pagava as culpas da leviandade, sempre amarga. N'aquela tempo não media as conseqüências de uns olhares mais quebrados e imprudentes e os efeitos perigosos de qualquer namorosinho. Aquilo lhe serviria de lição. Fôra, aliás, bem sincera na hora em que pronunciara aquelas palavras, sem contudo lhes dar maior significação. Aludira, com real pesar, a cousa irreparável e contra a qual não havia lutar. E fôra essa convicção que, pouco a pouco, lhe abria os olhos, desviando-a do caminho errado que seguira. Não diz o proverbio que o que não tem remédio, remediado está? Na ausência d'ele, Mario, tanto lhe girara no pensamento essa verdade, que afinal pudera dominar-se. Quem, aliás, havia de imaginar, que tão cedo a pobre D. Beatriz sairia d'este mundo, desligando com o seu desaparecimento laços que deviam ser eternos? N'isso o Barroso pleiteara a sua mão e ele não achara motivos para o repelir, bem parecido, inteligente, em bela posição política, ministro talvez breve; que dizer contra esse candidato?

— E você o ama, Sofia? Perguntou a custo, arquejante, o mal-aventurado Mario.

— Amá-lo, não, mas enfim gosto d'ele, não há duvida. Creio que sou refrataria a paixões violentas, arrebatadas. É outro o meu gênero...

— Sim observou Mario, ludibriar aqueles a quem prende na rede dos seus olhares fatais. Sofia deu um muchôchosinho:

— Bom, temos melodrama...

Amiudadas vezes passava o moço o lenço pelo rosto, limpando gotas de frígido suor.

Insistia, porém.

Por que deixar de realizar o que era tão natural, uma vez apartado o único obstáculo que se interpusera entre os dous? Por ventura, valia ele menos do que esse intruso, o tal Barroso? Era, de certo, um pouco mais velho; mas tinha por si a precedência. Ninguém estranharia aquele casamento com quem tanta corda lhe dera n'uma época em que não deveriam Ter sido aceitas as suas assiduidades. Culpa tivera ela, induzindo em erro tanta gente.

Sofia ensaiou um gracejo e com tom de remoque:— Para nós, solteiras, o senhor... você tem um grave defeito: é viuvo.

Pelos olhos de Mario relampejou um raio de ódio e ferocidade tão visível e intenso, que a moça estremeceu. Com os dentes apertados sibilou a resposta:

— Quem me fez viuvo, ouviu? Não tem o direito de me atirar isto em rosto, compreende?

E o seu olhar torvo, dardejante, desvairado, buscava ir ao íntimo de Sofia, explicando-lhe talvez mistérios terríveis, possibilidades de apavorar, completando a confissão confusamente bosquejada.

Por instintiva defesa fechou-se a moça, fazendo poderoso esforço para conservar-se calma, serena, alheia e superior a qualquer conivência, por longe que fosse.

Via-se subitamente envolvida em tenebrosas complicações, ameaçada de perigos de que nunca pudera cogitar, e cujo alcance não lhe era dado medir; tudo isso vago, indefinido na mente conturbada.

Ao mesmo tempo surgia-lhe medo imenso, incoercível, d'aquele homem, cruel alvoroço por toda ela, penosas explicações, arrependimento indizível da sua leviandade e inconsideração, levada só e só pela ânsia das homenagens, viessem de onde viessem, o gosto de dominar e ser requestada.

Continuava Mario Campos ameaçador.

Tudo caminhava para a tragédia; assim pressentia. Quando quisesse ter mão em si, havia de ser tarde. Avisava...

— Então, interrompeu Sofia fingindo indiferença, temos agora intimidação? Quer levar-me pelo terror?

Ele, de súbito, muito manso e cordato, sem transição, pedia perdão dos seus arrebatamentos. Prometia ser brando como um cordeiro. Queria só o que lhe parecia justiça. Implorava se preciso fosse, compaixão, misericórdia. Tivesse Sofia pena da sua desgraça, de que fôra a causa. Contara tanto com o seu amor, a sua lealdade, e agora... Que é que o esperava n'este mundo, se visse repellido, enxotado, quando arquitetara toda a existência numa base única, indispensável, aquele casamento. Para o tornar possível, não recuara diante de consideração alguma. Tudo, tudo antepusera a isso tudo, tudo, estivesse certa.

E recomeçavam as reticências, as alusões vagas, mal indicadas, que deixavam Sofia toda fria, — não poderia dizer como, com verdadeiros calefrios pelo dorso, d'esses que, no dizer do povo, anunciam o esvoaçar da morte por perto.

Então, prosseguia Mario, de nada valiam provas do que existira entre eles?

— Que provas? Protestou altiva e surpresa a moça.

— Ora, as murmurações e o reparo da sociedade, durante mais de ano.

Sofia levantou os ombros com desdém.

— E as suas cartas, ardentes, incendiarias. Ah! mostrá-las-ei ao mundo inteiro, a todos, a esse Barroso do inferno...

— Fôra indigno da sua parte. O cavalheirismo...

Cavalheirismo? Replicava Mario Campos impetuoso, cheio de fel e ironia, quando tudo lhe tiravam, lhe arrancavam, lhe roubavam?! Depois do que lhe sucedia, não era, não podia ser um homem como qualquer outro. Havia de tomar o seu desforço do modo que melhor lhe aprouvesse, como um vilão, um miserável, uma fera. Dependia d'ela. Dos seus lábios estava suspensa a sua vida. Não lhe diria jamais tudo; mas a morte pairava sobre ambos...

— Sofia, Sofia! Implorava o mísero.

A moça, porém, abanava implacável a cabeça, pálida, os olhos sem fulgor, meio cerrados, inquietos, mas enérgica, de tensão firme, inabalável.

— Não, não; não é mais possível...

N'isto um cavalheiro veio lembrar-lhe o compromisso de uma valsa.

— Tenho certo escrúpulo, disse ele um tanto malicioso, de interrompê-los; conversavam tão animados...

— O Sr. Mario Campos, replicou Sofia com toda a naturalidade, estava me contando a sua viagem ao Rio da Prata... bem interessante.

E lá se foi ela envolvida nos languidos eflúvios de cadenciada e vaporosa musica.

CAPÍTULO II

Que existência a do desprezado Mario Campos!

Pareceu-lhe aquilo, a principio, um sonho, um pesadelo, esse tremendo e inopinado capricho de loureira a perturbar-lhe todos os planos e cálculos e a exasperar-lhe a paixão por modo inacreditável.

Fez ainda algumas tentativas, procurou encontros, entrevistas; mas achou todas as portas fechadas, as vasas cortadas, esbarrando com uma resolução tão valente e decidida como a sua. Empenhava-se Sofia em mostrar-se de posse do maior sangue-frio; e a sociedade, curiosa e atenta, observava aquela espécie de duelo travado repentinamente entre dous entes, que, pouco antes, tanto lhe dera que falar em sentido bem diverso.

Caiu depois o moço em profundo abatimento. Tudo se lhe afigurou perdido, a mesma natureza em vésperas de definitiva destruição, apesar dos rutilantes esplendores dos mais formosos e festivos dias. Encerrado em casa semanas e semanas, n'essa casa cheia de conforto e luxo em que não soubera dar o devido apreço á suave afeição da perdida esposa, reconcentrava-se num desespero medonho, tétrico; a sós com os mais negros pensamentos. Não lograva um momento de sossego, e, para conciliar uma ou duas horas de acabrunhado torpor, tinha que recorrer, após noites de absoluta insônia, a elevadas doses de morfina.

Ai emergiu-lhe das mais fundas entranhas ódio imenso, aquela mulher, e com ele sede ardente incontestável, de estrepitosa vindicta. Ah! Sim, queria, precisava por força vingar-se, mas de modo único, nunca visto, inexcedível, nem sequer imaginado. E tornou-se-lhe prazer exclusivo procurar que desforço seria esse, capaz, só em ideai-o, de lhe aplacar um pouco tamanhas ânsias, fogo tão devorador e indomável.

Matá-la-ia sem vacilar; oh, sim! Mas como fazê-la sofrer mil mortes, n'uma agonia intermínua, á maneira d'essas aves de rapina, cruentísimos açores, que, por instinto infernal, dilaceram as vitimas membro a membro, pedaço por pedaço, lenta e quase cientificamente, poupando com cautela os órgãos essenciais á vida, afim de se saciarem, dia a dia, de carne sempre sangrenta e palpitante?

Mataria, oh, sim! Aquele homem... Tudo isso, porém, não fôra tão banal? Que valia esse rival de ocasião? Eliminado da cena, outro o substituiria sem demora.

Por tão pouco não se abate nem recua a perfídia da mulher. Para que, aliás, essa supressão de vida? Em muitos casos não é um favor a morte? Não representa a cessação da dor, do sofrimento, da vergonha? Por ela não suspirava ele, como supremo bem? Sim, também tinha que morrer. No perpassar de todas as odientas combinações, intolerável se lhe afigurava continuar a existir. Reservava essa tortura para Sofia; mas como transmutar tamanha concessão em martírio constante, em angustias sem nome, em indizível suplício, calcando para sempre nos pés o seu orgulho, conspurcando-a perante a sociedade toda, arrastando-a com eterno labéu, imprimindo-lhe na fronte sinal de inapagável ferrete? Como?

Comparava os tempos anteriores ao amaldiçoado amor com tudo quanto ocorrera, uma vez ateadada a criminosa e já tão flagiciada paixão. E a lembrança da esposa, tão boa em sua discreta feição, o enchia de pavor. Fugia de aprofundar consigo mesmo o incerto mistério... aquela janela aberta por noite frigidíssima, em Buenos-Aires, ela a dormir fraca dos pulmões, presa então de perigosa bronquite... depois a pneumonia dupla... as vascas de terrível agonia num estreito quarto de hotel... Que momentos agora tão claros á sua memória... Parecia os estar vendo; bastava fechar os olhos. A pobrezinha, resignada, quase a sorrir, enquanto as lágrimas lhe rolavam silenciosas pelas faces, apertando a mão assassina, implorando proteção contra a morte que chegava... ele, com o pensamento fixo no Rio de Janeiro, ardendo de impaciência, brutalizando-a, doudo por ver tudo acabado, concluso, findo, espreitando, espiando o ultimo estertor, o derradeiro suspiro, a convulsão suprema, que ia desatar as cadeias do abominado cativo... Que indigna contraposição! De um lado tanta pureza e resignação; do outro tamanha maldade, tão satânica e baixa ferocidade. E para que o monstruoso atentado? D'ele agora emergiam obrigatoriamente outros crimes, novas infâmias.

Sentia-se condenado. Justiça inteira havia de ser feita e pela própria mão. Era ponto decidido, indiscutível já no seu espirito. Ficaria, porém, impune a causa de tantos males? Impossível! Para beneficio de todos, cumpria esmagar ente tão pernicioso, inutilizar de vez encantos tão perigosos e letais.

E parafusava, sem se lhe deparar nada que apaziguasse um tanto as iras exasperadas, em fremente ebulição. Depois... serenou. Mostrou-se por toda a parte altivo, calmo e indiferente. Tornou a frequentar teatros e lugares, falando no próximo enlace de Sofia com desembaraço e naturalidade, aplaudindo-o até. Declarou-se curado de mal entendidas e pueris veleidades. Chegou a cumprimentar a moça e, uma feita que se encontrou cara a cara com ela apertou-lhe a mão sem nenhum constrangimento ou perturbação.

A vários amigos falou em próxima partida para terras longínquas, e ás rodas habituais levou um todo, senão risonho, pelo menos de tranquila e digna compostura.

Publicaram-se então os primeiros proclamas do casamento de Lúcio Barroso com Sofia Dias, a qual se supunha afinal livre de qualquer complicação, toda radiante de alegria e felicidade, cada vez mais formosa, faceira e sedutora, nos lábios sempre roscado sorriso sobre nacarados dentes, boca úmida e apetitosa de tentar um santo.

Numa bela manhã, sobressaltou-se a cidade em peso. Acabara de suicidar-se com um tiro de revolver Mario Campos.

Sem declarar o motivo d'esse acto, recomendava que dessem imediata publicidade e pronta execução ao testamento por ele depositado, dias antes, no cartório do tabelião Mateus.

N'esse documento, feito de acordo com as mais restritas formalidades, distribuía vários donativos a institutos de caridade e legava alguns bens a parentes de sua mulher. Terminava, porém, pelas seguintes e terríveis palavras, que causaram escândalo enorme, ecoando por todos os cantos da capital:

“Eternamente grato a não poucas provas de afeição e condescendência, deixo os remanescentes, que calculo em 200 contos de réis, á minha amante D. Sofia Dias, devendo esse legado transmitir-se em qualquer tempo á sucessão legitima ou *ilegítima*, verificada em regra a filiação. Caso não seja a quantia reclamada logo, entregar-se-hão anualmente os juros á Misericórdia.”

Dentro, duas cartas da imprudente moça, que se prestavam a muitas interpretações.

No meio da indignação geral, do profundo abalo de uns, revoltado pasmo de outros, da pungente ironia dos maldizentes e da compungida piedade dos bondosos, rompeu Lúcio Barroso com estrondo o casamento; e a mal-aventurada Sofia, salteada de febre cerebral, por largas semanas esteve entre a vida e a morte.

Rumorejou-se as possibilidades de melindrosa justificação perante os tribunais; mas, afinal, a familia toda, mãe e duas filhas menores, depois de meses e meses de sumiço, partiu para a Europa. Nunca mais se ouviu falar, se não vagamente, em Sofia Dias; parece que por lá se casara.

Ainda não foi até hoje levantada a ominosa herança... Quem nos diz, que será sempre repellido o maldito e infamante legado?

Assim seja!

RAPTO ORIGINAL

CAPÍTULO I

Namoravam-se a valer, de uns meses atras; a vizinhança sabia de tudo, acompanhava curiosa, acesa, as peripécias do derriço e tomava bons regabofes.

Ela, muito nevrótica, atirada a romantismos, exaltada, amiga de leituras violentas, *fin de siècle*, tocando piano de modo quase notável e gostando de despertar, alta noite, o bairro com a valentia dos acordes que deferia, nem bonita, nem feia, com esse viço da primeira mocidade que os italianos espirituosamente apelidam *la beltá del'ásino*, vivendo uma atmosfera de perfumes entontecedores, exóticos, acre, a sofrer, quase todos os dias, de enxaquecas, que a levavam a abusar da antipirina e lhe davam desejos ardentes de se morfinsar, para cair em longos torpões e fruir sonhos paradisíacos.

Filha única de antigo negociante, retirado rico do comercio, o comendador Jacinto Candelária fazia as suas quatro mil vontades, criada, como fôra, sem mãe, e no meio de numerosas mucamas, que beliscava forte, nos dias de mão humor e mais nervosismo. Num só ponto, contudo, e ponto capital, desenvolvia o pai todas as energias de português teimoso e embezerrado. Significara á filha, desde em menina, e incessantemente lh'e repetia, que só ele é que havia de casá-la. Tivesse paciência e sobretudo confiança, pois lhe daria para noivo, não nenhum velho ou qualquer figura estapafúrdia, porém sim rapaz novo, sacudido, de boa presença, latagão de peso e medida, mas que oferecesse, depois de cuidadosas provas, garantias seguras para torná-la feliz no correr da existência.

Também soubera o zelo paterno arredar já não poucos pintalegretes – uma sucia de bilontras! Berrava possesso o comendador, — alguns patrícios até, que lhe rondavam a casa, ou melhor, palacete das Laranjeiras, atraídos pelos dotes da rapariga, entre os quais sobressaía, mais que os seus olhos e apimentado donaire ou o talento do piano, o dote antenupcial, de que diziam maravilhas.

— De duzentos contos para cima, era voz geral, e logo de pancada, antes de se agadanharem, por morte do velho, cobre muito grosso.

Estava, pois, a moça, entre dores de cabeça, noturnos ao piano, bocejos e manifestações históricas, cada vez mais acentuadas, esperando o pretendente *patent*, garantido pelo governo paternal, quando ferrou n’esse namoro muito cerrado e sério — pois os pequenos á janela não contavam — com o Arnaldo Gracias.

Gracias ou Garcia? Não, senhores, Gracias, no plural — d’isso fazia questão — ele, proprietário único do nome. Zangava-se deveras, ou fingia zangar-se, ao lhe não transporem, principalmente, o tal característico, que a todos causava tamanha estranheza.

Boêmio aliás, até a medula dos ossos.

Dotado de muito chiste natural, talentoso, com estupendo poder de assimilação, sabendo tudo, e no fundo ignorante chapado, verboso, e mais que isso eloqüente, com uma frase viva, faiscante, imaginosa, colorida, entresachada de tropos, verdadeiro fogo de artifício, em que, se havia muita fumaceira, fuzilavam, por vezes, alguns clarões.

Tinha a mania de inventar palavras, locuções; e algumas entravam logo em circulação. Fôra quem pusera em giro o estrambótico *de quando em vez*, tão em moda por algum tempo no Rio de Janeiro.

— Não me *banalizem* o nome, costumava gritar nos cafés, batendo com a bengalinha de junco no mármore das mesas, Gracias... Gracias; com mil milhões de diabos! Não sou qualquer Garcia da venda ou da botica. Descendo de guerreiros espanhóis que costearam de rijo os mouros, os infiéis. Atendam bem, tenho que zelar tradições, cousas até de religião.

E nas rodas de estudantes, que aplaudiam e chasqueavam, lá vinham vibrantes narrações das batalhas com a mourama, em que se haviam ilustrado os primitivos Gracias.

E tanto era o fogo que a tudo punha, como se assistira ás tremendas pelejas, pelo que, não raro, palmas rompiam, sinceras, espontâneas.

A todo o instante, contava historias do arco da velha, sua vida em Paris, seus triunfos no *Quartier latin*. Fôra até amigo de Theophile Gautier, a eterna criança, o poeta genial, o estilista impecável, e, com efeito, parecia haver tomado ao mestre e companheiro de troças algumas centelhas do maravilhoso poder descritivo.

Carioca da gema, e votando certa ojeriza á gente nortista — “são trêfegos, invejosos, proclamava sem apelação possível — tinha como obrigatório o ódio ao burguês em geral.

— Miseráveis! Exclamava com indignação repassada de desprezo; *corriqueiraram-me* o sublime Shakespeare! Babujaram-me de ignóbil baba o imenso Dante! Canalhas! Entrego-lhes o *Inferno* e o *Purgatório*, já que não há ,a defesa possível; mas, com mil bombardas e pelas cinzas dos meus avós, o *Paraíso* é meu.

Hei de zelar-lhe a alvinitente pureza, custe o que custar, até a morte. Não consinto que n'ele toquem!...

E olhava para todos com ares de quem acabara de receber a sagrada herança por testamento do imenso Dante, com recomendações expressas acerca d'essa parte da *Divina Comédia*.

Lera ele jamais esse *Paraíso*, por que quebrava tantas lanças, o *Purgatório* ou simplesmente o *Inferno*? Nunca se soube.

Buscando abrigo, em refúgios extremos do gosto e da originalidade, ainda não conspurcados pelo torpe vulgo, entranhara-se, como um perseguido pelas literaturas do Norte e citava com pasmosa profusão os nomes mais arrevesados, apregoando, dos primeiros nos círculos da rua do Ouvidor, Dostoiewski, Pissenski, Arne Garborg, Ibsen, Bjoenstjerne, Bjoernson, Ostrowski, Hastzembusch, Ociendloeger e outros de igual calibre.

Alto, magro, muito claro, com o olhar meio empanado sobre pálpebras empapuçadas, cabelos em continuo desalinho, barba espetada perpendicularmente ao queixo, distinguia-se, mais que tudo, por pés e mãos enormes. Calçava Clark 43 e luvas, letra... não; luvas era superfluidade de que nunca usara. Em compensação, movia essas mãos em gestos contínuos, ora largos, calmos e generosos, ora frenéticos, raivosos, ameaçadores, de quem ia derrear meio mundo, com pancada de moer ossos.

Vivia ao Deus dará, sempre em vésperas de estrondosa colocação, já n'alguma das secretarias de Estado, onde distribuiria o santo e a senha, introduzindo reformas estupendas de mais apurado cunho literário na feitura das peças oficiais, já a frente de uma publicação periódica que havia impreterivelmente de desbancar a *Revista dos Dous Mundos* — nada menos.

— Vocês verão, anunciava exaltado, convicto, como ponho de pernas para o ar o tal Buloz e toda a sua igreja carranca, pedantesca e jesuítica. Será o protesto do mundo pensante contra aquela ridícula camarinha, que pretende avassalar o intelecto universal;. Preparem-se para estourar de tanta gargalhada!

Por em quanto, porém, nem emprego de secretaria, nem revista. Passava os dias a pedir *emprestadas* a amigos e conhecidos umas miseráveis quantias, que considerava favor ir embolsando; hospede dias, semanas ou meses seguidos, aqui, acolá; excelente rapaz no fundo, divertido, serviçal e meigo, em meio de todas as bravatas e objurgações.

Sempre pronto para a pandega. Lá isso, contassem com ele; era dos fieis, dos inabaláveis. Com a breca, até em patuscadas há deveres a cumprir. Demais, a vida foi feita para desobrigar-se com honra e pontualidade dos compromissos tomados; curta e boa – a sua divisa.

E desfiava umas 8 a 10 horas inteirinhas do dia na rua do Ouvidor que, percorria do largo de S. Francisco á ria Primeiro de Março quinze ou vinte vezes, ora ás carreiras como homem atarefadíssimo e que não podia perder um minuto. Ora parando em cada botequim e n'ele chuchurreando café, licores, cognac, leite, sorvetes, sem absintosinho não raro, e quantos líquidos, inocentes ou não, todos de bom grado lhe ofereciam. Pagava tudo com o seu verbo inflamado, multiforme, incansável, já contando anedotas picarescas, engraçadíssimas, já vociferando, sempre em oposição violenta contra os homens do poder; hoje niilista, comunista,

anarquista, amanhã autocrático, déspota feroz na desapiedada repressão e no ilimitado rigorismo, tudo com inabalável convicção e grandes luzes de argumentos.

À noite, teatros, onde achava sempre meios de encaixar-se, sem jamais se entender com o bilheteiro. E, nos entreatos, eram intermináveis catilinárias á propósito da decadência da arte dramática e dos costumes públicos, adubada a preleção com olhares de indignação menosprezo ás petulantes francesas e raparigas que por ali se exibiam espevitadas, provocadoras. Ocasões, porém, havia em que com elas confabulava graciosamente.

— Boas criaturas em suma, estas michelas e marafonas, dizia com um sorriso bonacho, o que não impedia de declarar-se discípulo intransigente de Shopenhauer e de pregar inflexível cruzada contra o *eterno feminino*, a perdição do homem, o seu instrumento de degradação e insanável vailania.

— Tirem-me a mulher do mundo, urrava já muito escaldado com os *bocks* de cerveja e copinhos de cognac *fine champagne*, e faço de todos os homens deuses, estes supernaturais!

Davam-se épocas, entretanto, em que, de viseira alçada, com muita nobreza, relembrando o cavalheirismo castelhano, se batia em prol do sexo fraco, vitima e mártir da prepotência do forte, secularmente tirânico e maldoso, brutal e egoísta. Nessa quadra de reivindicação, exigia. Em nome da justiça ultrajada, que a natureza repartisse com igualdade os gravames da reprodução da espécie.

Bradava então imperioso:

— Uma vez a esposa, outra o marido. Os tais senhores que experimentem o que é bom. Quero vê-los *grávidos*!

E com toda a seriedade chegava a afirmar e prometer, que ele, Arnaldo Gracias, á fé de gardingo e descendente de fidalgos wisigodos, de uma só palavra, de antes quebrar que torcer, havia afinal de pôr cobro a tamanha iniquidade.

Boas surriadas e espirituosos dichotes ia promovendo com tudo isso.

Morava não se sabia bem onde, alcandorado em qualquer pouso mais á mão, quase sempre *republicas* abarrotadas de estudantes, onde discutia ciências, artes, literatura, e lá se deixava ficar mais ou menos tempo, conforme o capricho, não se lhe dando absolutamente com a amabilidade ou os mãos modos d'aqueles a quem dispensava a honra da sua convivência.

É que estabelecia logo incomodativo comunismo, e a aplicação d'esse sistema deveras modificava o prosear de intermináveis e acaloradas palestras, em que gastava tanto fluido vital. Com toda e sem cerimonia, tomava a roupa dos outros, vestindo camisas alheias, quer já servidas, e enfiando-se sem o menor escrúpulo nas calças e nos paletós, que encontrasse mais de jeito.

E por cima, se o apertavam mais seriamente apuros de dinheiro, não punha duvida alguma em passar a mão nos livros dos que o hospedavam, levando velhas gramáticas, compêndios de matemáticas elementares, seletas latinas, ou até obras de preço, que truncava sem o mais leve embaço de consciência, e ia vender a esses modestos belchiores, crismados com a alcunha bem feia de ... *caga-sebos*.

Costumava, entretanto, que incoerência! Esbravejar com sincero furor contra essa tímida classe, tão útil aos seus hábitos, e propunha uma Saint Barthélemi implacável, que extinguisse de vez a abominada raça.

— Há de chegar o dia, olé, se há de! Anunciava ameaçador. Tenho de olho uns cinco ou seis... Já os avisei... Esses ficam por minha conta... galegos todos – uma bela bainha de toucinho para a adaga dos meus avós!

No fundo, incapaz de matar um caçapo.

CAPÍTULO II

Tal era Arnaldo Gracias, por enquanto todo entregue á sua paixão pela nevrótica Júlia Candelária.

Entabulara-se o caso, estando ele de pousada na casa em comum de vários empregados de comercio, seus amigos íntimos dessa temporada, como era de meio mundo em certas quadras, segundo a veneta, pois não raro tinha também acessos de misantropia, e desaparecia, sem que ninguém pudesse atinar onde ia encafuarse.

Metidos a aristocratas e moços de boa roda, habitavam os tais empregados do comercio nas Laranjeiras, perto do palacete Candelária.

Pano para mangas forneceu o publico namoro de Gracias, estampando-lhe as gazetas quase que diários sonetos coruscantes, embora monótonos e impregnados de sentimento todo factício. O autor porém e alguns adeptos fervorosos os tinham em conta de indiscutíveis obras primas.

— É o Petrarca sul-americano, decidia um dos discípulos na arte boemia; assombroso, um abismo!

Não cabia pois Júlia em si de contente, dava escândalo, servindo-se das mucamas e dos molecotes da casa para, a cada momento, enviar cartas e fitinhas, pontas de cabelo e flores alegóricas, ou docesinhos e mais isto e mais aquilo, ao incansável trovador.

Teria, por cento, preferido mais elegância e plástica no seu porte, barba menos hirsuta, cabelos mais disciplinados e principalmente menos surrado um celebre sobretudo, de verão e inverno; mas enfim, com um bocadinho de exaltação muito senão pode transformar-se em qualidade estética.

— Que alma! Exclamava com entusiástico fervor, e que talento, quanta imaginação!

Num belo dia, lembrou-se de autorizar o nosso Gracias a ir pedir ao comendador a sua mão — uma tentativa.

“Perigosa cartada, a que jogamos, dizia ela em carta, mas procurarei por todos os meios e com o maior jeito preparar o terreno. Terei coragem; conto com a sua resolução. Apresente-se afoutamente.”

E por ai ia, numas quatro longas paginas.

Gracias, que não guardava segredos com ninguém, e menos ainda com os amigos íntimos de ocasião, mostrou logo a carta aos companheiros de estadia.

Foi um só brado.

— Olhem o felizardo! Então vai meter-se em cobreira grossa, tornar-se do pá para a mão capitalista graúdo. Que proteção escancarada da sorte! Duzentos contos de pancada!

Quedou-se o nosso herói não pouco conturbado. Deveras a fortuna repentinamente lhe batia á porta, quando menos pensava em dinheiro? Então iam Ter fim todas as misérias que curtira, ainda que o não preocupassem lá muito, mesmo nada?! Duzentos contos? Que faria de tanto dinheiro, de tantas notas de Tesouro Nacional?

Chegou a declarar muito seriamente que, mal entrasse no dote da menina, mandaria construir vasto hospício para cavalos e animais vagabundos, abandonados por doentes e imprestáveis.

— Palavra de honra, gritava, fustigando os moveis com muita força. A humanidade lhes deve isto. Depois, cuidarei de montar a minha grande revista. Preciso, desde logo, dignificar o dinheiro do galego.

E falava já com o entono de um milionário.

Em casa, porém, do comendador, reinava muita agitação. A peito descoberto e com ares de irrevogável resolução, denunciara Júlia a paixão que a dominava, batera o pé, tivera uma série de fanicos, mas nada conseguia senão freqüentes: “Ora bolas! Contenha-se menina!” “Tenha paciência, estou já com noivo quase arranjado!” “Que maluca!” “Não seja tola”, “vá bugiar” e outras frases de invencível resistência, além de muitas descomposturas ao tal pelintra, que viera interpor-se entre pai e filha: “Um valdevinos; conheço-o muito: chupador de cerveja da rua do Ouvidor, batedor de carteira”, e mil outros deprimentes qualificativos, entre os quais voltava a cada passo o de “poeta d’água doce”.

De tudo foi logo informado Gracias, mas lá vinha a recomendação: “Não se importe; apresente-se em casa e peça a minha mão. Precisamos Ter do nosso lado a razão. Papai gosta muito de mim mas lá a seu modo.

E tal a insistência que, numa tarde, ao escurecer, subiu o descendente dos guerreiros espanhóis, um tanto comovido, força é confessar, as escadas do comendador Candelária, enfiado n’uma casaca emprestada que, por sinal, não lhe assentava nada. Logo se denunciava roupa de empréstimo. Casaca só? Qual, camisa, d’este feita bem limpa, colete, gravata branca, calças, *claque* e luvas que segurava da mão desprestenciosa elegância – jamais as poderia calçar. Fizera vir da loja botinas de verniz para essa entrevista decisiva.

— É o meu Covadonga, anunciara ele, vou entestar frente a frente com o sanguinário árabe Alkamah. Pelas barbas dos Gracias, que não me mete medo o bronco Almoravide.

Recebeu-se o Candelária de cara muito amarrada, todo vermelho, quase apoplético. Como, porém, se prezava de muito bem educado — uma das suas manias — fê-lo sentar, empertigado, casmurro, deixou-o falar, expor ao que vinha.

Após breve hesitação, falou, falou o rapaz quase a perder o fôlego, legitima conferencia, como se estivesse de posse da tribuna da Glória. Não poupou os excelentíssimos.

Afinal o velho o interrompeu, todo inchado de ira:

— Tudo isto é muito bom, declarou com solenidade de pessoa de finíssimo trato; mas o senhor, consinta-me a franqueza, não tem nem eira e está perdendo o seu tempo. A minha filha não é para os seus beijos.

— Tenho diante de mim o futuro, exclamou liricamente Gracias.

— Bom, bom, não admito conversas fiadas.

E levantou-se para não arreentar. Fervia-lhe o sangue nas entumecidas veias.

Quis o pretendente replicar.

— Basta, basta, meu rico senhor. Isto aqui não é ponto de bilontras. Queira retirar-se, quanto antes. Pão, pão, queijo, queijo! Por ali é o caminho da rua.

Portou-se Gracias com incontestável dignidade e calma.

— Pois bem, exclamou um tanto melodramático, retiro-me, Sr. Comendador, mas lavro solene protesto. Hei de vingar-me, espera pela pancada.

E descida a escada, ao chegar a soleira da porta, voltou-se, fez das mãos em côncavo sonoro porta-voz e atirou aos ares o mais formal desafio a todos os pais despóticos e da velha escola.

— Ó sujo! Ó pé de chumbo.

Em vibrante epistola, sem mesmo despir a casaca, contou logo á Júlia o resultado da desastrada conferencia. “Fiquei, narrou ele, ofendido nos meus brios mais sensíveis e melindrosos. Tudo suportei por seu esse brutalmente seu progenitor. Fôra outro homem, e a esta hora estaria estrangulado, morto. Imagina quanto não sofri. Houve momentos em que supus perder a razão com o esforço que fiz por me conter e reprimir os marulhosos borbotões do meu sangue espanhol. Ainda estou pasmo de ter tido tamanha poder sobre tantos avós, que, do fundo das minhas entranhas, bradavam ululantes: “Vinga-te, mancebo; lembra-te de nós, não deixes que esse desalmado e vil português zombe de Aragão e Castela!”

E, mais por leviandade, do que de tenção feita, terminava propondo á amada imediata evasão d’aquela sinistra Bastilha: “Fujamos, dizia arrebatado, é preciso pores termo a tão intenso padecer. Tudo tem limites, a resignação, a paciência, a cordura, é doce paloma, estrela do meu amor, vida da minha vida etc., etc.”

“Fujamos”, foi a resposta, sem a menor vacilação.

E os dous trataram da pronta realização do temerário projeto.

CAPÍTULO III

Muniu-se, desde logo, Arnaldo Gracias de desabado *sombreiro* e vasto manto espanhol, que misteriosamente arvorou, fizesse sol ou chuva, como símbolo de graves complicações e perigosas incidências, em sua vida, o que a não poucos comunicou, exigindo, porém, rigorosíssimo sigilo — questão de muito comprometimento.

Cuidou, em seguida, de lançar um empréstimo na praça do Rio de Janeiro, cousa, aliás, bem modesta, uns 200\$, que, entretanto, não lhe foi fácil reunir,

embora oferecesse aos emprestadores de profissão juros positivamente fabulosos. Enfim, já como favor pessoal, já como adiantamento para um livro a sair dos prelos e destinado a estrondosa aceitação — intitulado, ora *Novos aspectos de crítica* — ora *A metempsicose é luz da ciência*, ou então *O euréka nas letras e nas artes* — aos 5, 10 e 20\$ pode arranjar a soma precisa para ajustar e aluguel de um carro de cocheira com cavalos pretos — velozes como o pampeiro, recomendara ele — ter um quarto melhor no *Hotel dos Quatro Cantos* — e outras despesas indispensáveis. Aos, criados, largas gorjetas prévias — era de obrigação no melindroso trecho.

Em poucos dias, tudo ficou minuciosamente combinado.

Com a liberdade de vida que tinha Júlia Candelária, nenhuma empresa difícil, aliás, e menos ainda de assombrar, o sair de casa pelo portão do jardim, das 9 ½ às 10 horas da noite, meter-se n'um carro á espera ali perto e ... *fouete cocher!* Nas vésperas do grande dia, ou antes da noite fatídica, sentiu-se Gracías agitadoíssimo. Não é graça, de certo, proceder-se ao rapto de uma menor, apatacada ou não. E esta idéia de dinheiro pungia até o nosso boêmio de modo especial. Havia momentos em que preferias saber a amada paupérrima, filha de necessitados operários, afim de tirar á ventura em que ia meter-se qualquer caracter de vil interesse, como, infalivelmente, não deixaria a malevolência de assoalhar, pérvida, viperina.

Além disto, por mais leviano e despreocupado que se seja, por menos que se pense, representavam esse feito e as imediatas conseqüências tal modificação de hábitos na sua existência livre e descuidosa, que, de vez em quando, lhe girava a cabeça como se fôra a perder os sentidos.

Mal podia dormir e passava as noites a fumar cigarrinhos de palha, uns após outros, e a beber xícaras de café, concentrado, apesar das reclamações dos donos da casa.

— Você põe-se doudo varrido com esta historia de rapto, gritavam eles.

No dia então aprazado, não teve um momento de descanso o alvoroçado Gracías. Duas, tres, dez, vinte vezes foi ao *tatersal*, repetiu as instruções, descreveu ao cocheiro aprazado os lugares, todas as particularidades do ponto de espera, fez d'ele seu confidente, gratificando-o com toda a antecedência. Do mesmo modo no *Hotel dos Quatro Cantos*.

A rua do Ouvidor percorreu-a febrilmente o dia todo. Aqui, ali, nas inúmeras e vertiginosas passadas, a consultar todos os relógios como se receasse perder a hora solene, foi ingerindo cálices e mais cálices de cognac, kisch e rum e xerez e mais isto e mais aquilo, em numero de todo o ponto incalculável, capaz de encher de alto a baixo todo um obelisco egípcio, consagrado a dados estatísticos sobre consumo de líquidos.

E, entretanto, não dava sinal de ebriedade; a superexcitação nervosa o agüentava com valentia.

Não pôde jantar. Mal lambiscou umas guloseimas.

Também, á hora em que, encafuado no carro, se quedou á espreita da presa, á maneira de artilosa aranha no centro da teia, não podia mais de cansaço, os membros todos alquebrados, numa lassidão inexprimível. Cochilava como um perdido e, embora quisesse impedir a conversa do cocheiro com um caxeirinho da venda próxima á casa do comendador, não se mexia, a cabecear, tolhido, inerte, estatelado, ouvindo, contudo, palavras que deviam tê-lo sobressaltado: espera, rapto, moça de bairro...

Só despertou com a chegada de Júlia Candelária, toda de preto e envolvida em mantilha negra, mas muito senhora de si, alegre, satisfeitíssima da sua proeza. Não encontrara estorvo algum; não suscitara nenhuma desconfiança.

Soavam então 10 horas.

— Cocheiro, bradou Gracias saindo do seu torpor; toque para o ponto que já sabe... Um relâmpago!

E lá se foi em disparada o veículo pelas ruas já silenciosas, com ares de mistério muito chic, baixas as cortinas, fustigados valentemente os cavalos negros, encarregados de representar de pampeiro naquele dramático episódio.

Enfim... enfim... exclamou Gracias buscando chamar a si todo o entusiasmo das traições castelhanas, chegou a nossa hora... chegou... chegou...

Qual! sono invencível lhe prendeu a língua, fechou-lhe a boca com mão de ferro. Grande também o espanto de Júlia, que a pouco e pouco se mostrou amuada, ofendida, e afinal se encolheu mal humorada a um canto do carro.

Ao rápido balancear da tipóia sonhava o mísero com uma cama larga, macia, perfumada, irresistível, em que afinal tomava desforra completa das passadas insônias! Como era bom dormir, dormir a farta, refazer as forças perdidas, estender e desentessar os nervos e músculos, tantos e tantos dias contraídos, repuxados, *hipertenizados!* Não, deveras, nada vale um bom conchego, quando a gente tem sonos atrasados, nada se lhe compara!

De repente acordou.

Era o carro que parava, alcançado o Hotel dos Quatro Cantos.

E o criado á porta, gravibundo, ainda que revestido de certo ar de condescendência, esperava os dous pombinhos e os foi guiando com toda a discrição ao quarto preparado.

Fecharem-se.

Gracias, acabada a momentânea sacudidela da chegada, não compreendia mais onde estava, o que fazia. Tudo entrava no domínio do sonho, E não era que o via realizado? Como que lhe estirava amorosos braços uma cama, a puxá-lo com desapoderada atração na sua brancura, deslumbrante a olhos fáceis, bem duvidosa, entretanto, mão grado todas as recomendações mil vezes feitas. “Um ninho de cisnes!” pedira instante ao hoteleiro, gostando, mais que tudo, da frase.

Como, pois, não se deitar logo e logo a fio comprido? Como recusar-se a tão convidativos e suaves encantos? Impossível, superior a forças humanas... n’aquela emergência!

— Ao tálamo nupcial, balbuciou ele, Júlia... minha celeste Júlia!

E, dando o exemplo, tirou depressa as celebres botinas de verniz e, vestido como estava, embrulhado no manto espanhol, deixou-se ir, sem resistência, a um sono de chumbo, acabrunhador, intelutável. D’ali a nada ressonava como um bem-aventurado.

Estava a imprudente Júlia positivamente atônita, terrificada. Que significava tudo aquilo?

Lembrou-se de gritar, de pedir socorro, bater nas paredes, mas não pode, sentia-se paralisada ao menor movimento, sem voz, sem ação.

Deixou-se cair, envolvida em sua mantilha negra, apatizada, longo tempo, talvez horas, sem saber o que seria d’ela. Olhava sem ver para o singular raptor,

cujo corpo, á luz da mortíça estearina, se lhe afigurava simplesmente o de algum bicho monstruoso, repugnante; e lagrimas compridas desfiavam-lhe amargas pelas faces afogueadas.

Nem de propósito, numa sala próxima, entre grandes berreiros, terminava-se uma ceia com proporções orgiáticas, e os gritos descompassados de homens e mulheres, o espoucar estrepitoso do *champagne*, as saúdes, os *hips* e *hurrhas*, lhe imprimiam ao sistema nervoso contrachocos elétricos, que a punham quase louca.

A pouco e pouco, porém, se iam acalmando e esbatendo todos os barulhos da rua, e múltiplos ruidos do hotel, quando a desventurada verificou, transida de horror, que a vela breve se extinguiria. Como, ás escuras, em tão pavorosas circunstancias? Se aquele homem passasse do sono á morte?

E esta idéia tanto a aterrou, que, fazendo heróico esforço sobre si mesma, procurou na maior ansiedade e por toda a parte meios de prolongar a claridade, prestes a sumir-se.

Foi-lhe de grata impressão encontrar na gaveta do lavatório um pacote de falsificado Clichí.

— Enfim! Não pode deixar de exclaimar.

Recuperando algum alento, depois de reformar a vela, achegou-se a Gracias e chamou-o a principio com meiguice e bem baixinho, depois com força, impaciência e raiva.

— Arnaldo... Arnaldo, estou com medo..., acorda! Sr. Arnaldo... acorde!...

Mal se mexeu o desastrado. Ergueu, n'um gesto inconsciente, as mãos imensas, que puseram temerosas sombras na parede, e murmurou:

— Conversaremos amanhã... temos... muito tempo.

Desanimou Júlia de vez, instintivamente ofendida.

Enfim, não ficaria ás escuras, não era pouco; acendeu até duas velas mais, e, de volta á sua cadeira de braços, com a maior intensidade de luz, contemplou espaçadamente aquele novo Endimion, presa de inquebrável dormir, o ideal do seu romance, o pomo de discórdia com o seu velho pai, tão bom, pronto sempre a lhe fazer todas as vontades, o causador da sua vergonha e irremediável desgraça.

Pois deveras era aquilo?! Que nariz ridiculamente arrebitado, que barbas de piaçava, que cabelos e que tez esverdeadas, baça! E a grotesca saliência dos olhos por baixo das pálpebras inchadas? E as sobranceiras em matagal, unidas como sombria e fatídica linha? Santo Deus, que pés colossais, metidos em meias de branquidão negativa!

Que seria dela, perdida para todo sempre, depois de tamanho escândalo, travados a sua existência inteira, o seu futuro, com o desse sedutor impossível?!

E de novo chorou copiosamente quando a madrugada já vinha colorindo de rosicler uns pontos do espaço, anunciada pelo estrídulo grito dos galhos matutinos.

Sorria-se todo feliz Gracias na sua beatitude de largo repouso afinal conquistado; mas nem por isto se mostrava menos feio e repulsivo, pelo contrario. Ah! Quanto arrependimento, que intenso vexame, no peito de Júlia! Que acerbos reflexões! Que horas ainda! Que anelo, para que aquela noite acabasse e ao mesmo tempo nunca pudesse ter fim, nunca, durasse eternamente.

Afinal, vencida por mortal fadiga e indizível angustia, pegou também no sono, na tal cadeira de balanço.

CAPÍTULO IV

Foi a triste e mesquinha heroína acordada em sobressalto por enorme barulho. De todos os lados inundava o quarto sol alegre, triunfante; deviam ser 8 horas da manhã.

Batiam á porta com desabalada violência, iam arrombá-la .

Gracias nem se mexeu.

Júlia Candelária fez um esforço e, arrastando-se deu volta á chave.

Atiraram-se sôfregos para dentro em bolo o comendador, o delegado de policia, soldados e curiosos. Frutificara a palestra de véspera do indiscreto automedonte, pondo a autoridade na pista imediata e certa dos fugidinhos.

Dominando a imensa conturbação, viu a moça afinal a salvação. Agarrou-se ao pai que, em vão, buscou repeli-la .

— Juro, exclamou ela bem alto e com acento de irrecusável verdade, que passei a noite toda naquela cadeira de braços. Não me acabrunhe mais com a sua justa cólera, meu pai... meu bom pai... minha proteção única nesta terra de misérias. Tenha pena de mim, da sua filha tão infeliz! Fui... muito, muito culpada... mas salvei-me...

E com tudo isso Gracias nem se mexia.

Afinal sacudiu-o umas tres ou quatro vezes o delegado com energia por um braço, e o homem... despertou.

— Bom, disse ele com relativa calma, esbugalhando quanto pode os estremunhados olhos, temos agora historias com o senhora policia... era infalível!

E, sentando-se na cama, pegou com as mãos os pés em atitude de quem estava disposto a encetar conversa familiar e entrar em acordo amigável.

Fossem razoáveis, era só o que pedia.

Não mostrava maior abalo.

— Aliás, continuou já um tanto altivo, acatei esta donzela como se fôra minha irmã. Ela que o diga... Sei portar-me como cavalheiro. Raptei-a, para que o comendador, aqui presente e que me merece estima e consideração, consentisse na eterna união de dous corações leais, que se estremecem loucamente e anseiam um pelo outro!...

Júlia soluçava como uma perdida.

— Que vergonha! Que vergonha!... Como é que se não morre nestes casos?

Candelária mostrava-se muito abatido.

— Deveras, minha... filha? Pode ele a custo perguntar.

Teve a moça uma arrancada de desespero e indignação.

— Casar-me com esse homem bradou estancando de súbito o angustioso chorar, antes a morte, mil vezes antes, na forca, diante do mundo inteiro!

E, numa explosão de bem sincera dor, implorou humilde e meiga:

— Tenha dó, meu pai, da sua desgraçada filha... Leve-me d'aqui já e já... Sofro como jamais pude imaginar sofrer!... Nada lhe ocultarei!... Nunca mais lhe hei de desobedecer, mas vamos nos embora... perdão, perdão.

Quinze dias depois, e muito á capucha, efetuou-se o casamento de Júlia Candelária, com o desempenado rapagão que o comendador tinha desde muito de olho, conforme avisara a filha.

Partiram os ditosos noivos sem demora para a Europa, e, de certo, não acharam motivo algum de estranheza e queixa um em relação ao outro. Fôra, ainda mais, o dote duplicado, acima de toda a expectativa...

Quanto a Arnaldo Gracias, continuou na sua existência desorientada e solta, cada vez mais boemia e mais satisfeito consigo mesmo.

Toda uma epopéia aquele momento físico da turbulenta vida!

Pudera, qual outro arcanjo S. Rafael conculcando aos pés o truculento Belzebu, subjugar vitorioso a animalidade feroz e bramante, amordaçar a turgidez da desencadeada luxúria, agrilhoar pela inacreditável possança do idealismo as tremendas e leoninas investidas da matéria, e arcar, braço a braço, peito contra peito, em esforço titânico, com os ímpetos vorazes da volúpia, tudo para quedar-se imóvel de joelhos, em êxtase de mística homenagem, puro, continente, sem pecha, na mais adorável e santa vigília de amor e de respeito, ante o símbolo da paixão etérea, seráfica, lírio virginal, a flor sublime, que saíra de tão extraordinária prova imaculada, impoluta, intemerata, adamantina, realçado o brilho ofuscador da incomparável confiança, candidez e castidade!

E com todos esses elementos da mais inspiradora subjetividade, em menos de meia hora e entre dous cálices de cognac, compôs, sublimando a virtude própria e o seu heroísmo, esplendido soneto nuns sonoros alexandrinos, muito citados depois, e que, nos grêmios literários da mocidade, provocavam sempre aplausos de fremente entusiasmo e enternecida admiração.

O ESTORVO

CAPÍTULO I

Muito, mas muito, contente sempre de si e consigo mesmo o Amaro Esteves, sobretudo agora que ganhara, por bambúrrio, não pouco dinheiro no encilhamento. Por cima, o prêmio integral de cem contos de reis na loteria da Bahia.

Sim senhor, graças aos inesperados e meigos sorrisos da sorte, se tornara, nada mais, nada menos, um capitalista importante.

E rapaz ainda, bonitão, na casa dos 35, atirado ás mulheres, gostando de roupagens claras, gravatas vermelhas com alfinetes de grande brilhante, pilhérico, metido a contar anedotas engraçadas, picarescas.

A maçada era a Nicota, a mulher, tão franzina, desengonçada, chôchinha, sem carnes, sempre retraída, muito acaipirada, cousa demais. Também fôra aquele casamento uma bobagem, estopada de marca maior.

Mocinho, numa festa de roça, tolamente se embeizara por ela, então rapariga sem graça nenhuma, e, quando dera acordo de si, *záz, traz, nó cego*, estava casado, amarrado para todo o sempre pelo *conjungo* de um vigário de aldeã. Que espiga!

Não era, de certo, mazinha a Nicota, muito acomodada, calada, no fundo nula, absolutamente nula. Dela não vinha nem bem, nem mal ao mundo. Incapaz de matar uma mosca. Servira nos tempos de penúria e miséria, quando vegetara nuns empregos reles, de *cacarcá*; mas agora que pretendia fazer figura na sociedade, frequentar teatros, concertos e bailes, receber e dar jantares, como se avir com semelhante pamonha?

Nada lhe assentava no corpo mal ajorado, sem ondulações nem quadris. Não havia chapéu que lhe quadrasse, e por mais jóias que pusesse ficava até pior.

Metia-lhe deveras vergonha, ela ao seu braço pela rua do Ouvidor afora.

Não sabia nem sequer aproveitar o cabelo que tinha comprido e abundante. Penteava-o á china, puxando-o todo para traz e deixando a testa de bater roupa, com uma cara muito feia, rechupada, faces encovadas, olhos empapuçados, beijos escados em ponta, como bico de chocolateira.

Por mais que lhe dissesse: “arranje-se melhor, Nicota; veja fulana, veja sicrana”, não adiantava um passo, nem cousa alguma conseguia.

Tinha por vezes vontade de lhe empurrar a mão, dar-lhe pancada e até cabo da pele, vê-la morta, metida no caixão e enterrada. Que alívio! Com mil bombas, aquilo não era mulher para ele!

Ah! Fosse casado com alguma desempenada, que vida, que figurão! Alguém que o compreendesse e estivesse na altura da posição conquistada, ele que pretendia agora abrir os seus salões, mandar até comprar um titulo em Portugal.

Vejam, porém, só a Nicota baronesa ou viscondessa; ninguém a tomaria a sério, ninguém; um varapau de saias, sem expressão, sem vida, nem peixe, nem carne. E a abrir a boca, era logo um xurrilho de asneiras “*muié, haverá, promóde, teia, panhou, rancou*”. Mal sabia ler e escrever.

Aquilo nunca se havia de desemburrar, escusado!

Só prestava para pregar botões ás camisas e ceroulas e coser na máquina, assim mesmo tão vagarosa, desconsolada sempre, á mercê do marido, numa pasmaceira enorme, desfibrada, atônica, inerte, atenta só á limpeza da casa, que trazia como um brinco.

Que maçada, que peso, a tal Nicota! Se ela pudesse esticar a canela, morrer de uma boa vez!... Não faria nada por isso, porque afinal não era nenhum criminoso, desalmado e assassino. Só se a natureza se lembrasse de libertá-lo daquela lesma. E devia merecer esse favor, porque estava mil furos acima de semelhante criatura chorótica, esgrovinhada, incapaz de lhe seguir os passos, sobretudo na vida nova que a fortuna le proporcionara.

Com a breca, dispor de centenas de contos e estar de mãos e pés atados, preso a um ente daqueles!

Lá podia pensar em viajar a Europa com Nicota? Por toda a parte provocaria riso e chasco, bem merecidos, lá isso era verdade.

Nunca tivera filhos e felizmente. Haviam de ser uns apatetados da força da mãe.

E de alguns anos a esta parte de continuo achacada; ora disto, ora daquilo outro, umas dores vagas, opressões, faltas de respiração, que a tornavam ainda mais feia, obrigando-a a esturdias caretas.

Falara, um medico em moléstia do coração adiantada até. Qual! Já havia disso um bom par de anos, e nada dela arrebenatar. Mulher doente, mulher para sempre; o ditado tinha toda a razão. Mil raios!

Depois então das historias do *encilhamento*, parecera melhorar, e muito. Não se queixava, nem mesmo o pouco ou quase nada do costume.

Se, pelo menos, mostrasse ufania e admiração pelo marido! Nada! Incapaz de qualquer movimento que não tivesse repetido na véspera, anteontem, uma semana, um mês, dez ou quinze anos atrás.

Também ele a socava sem a menor cerimonia em casa e, em todos os tempos, ia lá fora pagodear á grande. Agora não se fartava de ceiatas com francesas bem pandegas e de cabelo pintado de açafião. E, no dia seguinte das grossas patuscadas, encontrava sempre a mesma fisionomia, fria, impassível, sem a menor alteração.

Deveras atacava-lhes os nervos.

Ah! se a tal moléstia de coração pudesse estar caminhando! Quem sabe? Qual! Às vezes lhe perguntava com ar de interesse: “Então, Nicota, aquelas dores?” “Estou bem *mió*, respondia ela a arrastar a voz esganiçada e chorosa. Nunca mais tive nada!”

Ele viuvo, que vidão! Tudo se havia de transformar, desligado daquela pesada poita. Montara casa rica, cheia de trastes dourados e numerosas criadagem, alguns até franceses. E não é que a Nicota se levantava quase de madrugada, como nos tempos de amanuense da secretaria de policia, em que tinha de ir acender fogo e preparar café?

Que estúpida, afinal!

E não ter animo de largá-la de vez n’algum pasto de Minas ou Goiás! Não se tinha em conta de nenhum bárbaro, sem piedade ou canalha refinado. E que dirão depois?

Só mesmo a morte. Nem podia tardar; tinha ela vivido quanto bastava. Estevão casados, já uns 16 anos. Na tal festa da roça (maldita festa, sua desgraça) contava 20 feitos. Ora, 20 com 16, são 36; a sua idade, dele, vejam só. Que loucura, que asneira aquele casamento! Nem um vintém de dote, nem olhos, nem cintura, nada, nada, um pão seco! E isso era a mulher de um capitalista!

Por esse tempo sofreu Amaro Esteves um desgosto não pequeno; a noticia da morte, em Caxambu, do Pantaleão, seu bom amigo de pagodeiras. O homem, sem saber, padecia do coração; foi ás águas, abusou delas e bumba! Botou-se de repente para o outro mundo! Ora, o Pantaleão, tão belo, moço, alegre e divertido, morrer assim aos 32 anos, quando tinha tanto que gozar nesta vida!

Mas que perigo as tais águas! Qualquer cousa nos pulmões ou coração e toca a fugir. Nada de facilitar. Custa, ás vezes, tão pouco revirar de uma feita os olhos!

Por esse tempo, começara também o nosso Amaro o namoro com a baronesa da Silva Velho, no lírico; uma viuva quase quarentona, toda faceira, um peixão em todo o caso. Chegarão as cousas a dar na vista de todos. “Ah, Sr. Manga não, lhe dissera o Santos Alves, o corretor, lembre-se de que é casado. “Diabo, Ter de lembrar-se logo disso!

Um pobre coitado, um pé rapado poucos anos antes, metido agora em derricho, escandaloso com uma senhora do *high-life*, uma titular! Tivesse a sua liberdade e jogava-se a seus pés, pedindo-lhe humildemente a mão de esposa.

Mas o inferno de Nicota! Que trambolho...

Não, aquilo, não podia continuar assim, indefinidamente, até o demo dar com o basta!

E a idéia de Caxambu não o deixava um instante, não lhe saia mais da cabeça, á toda a hora do dia e da noite, principalmente á noite, lá pela madrugada, durante longas insônias.

Foi afinal consultar o D^f. Maria Meireles, um medico formado de fresco, seu vizinho, muito mocinho; indagou se uma estação de Caxambu não conviria á mulher. Mostrava pouco apetite, supunha-a doente do estômago e fígado. Caxambu? Ótimo, excelente! Não podia haver cousa melhor.

Ai, meio conturbado, falou em pontadas do coração, receios de estar esse órgão afetado.

Então convinha examinar, auscultar. Mas não, coração que dói é como cão que ladra. Ligavam-se os incômodos uns aos outros, e Caxambu daria conta de tudo. Pagou generosamente e saiu da consulta todo alegre, exultante quase. Estava salva a sua responsabilidade. Cobria-o a autoridade daquele profissional, que tinha obrigação de saber o seu officio. Quanto a ele, nada ocultara; fôra até bem claro, pusera os pontos nos ii. Podia lavar as mãos pelo que desse e viesse.

Chegou a se ter em conta de marido exemplar. Afinal, buscava solícito a saúde da mulher, sua companheira de tantos anos. Com certeza, Caxambu lhe faria um bem enorme.

E a pensar em tudo isso, na mais singular amalgama, em que via combinada a vantagem de ambos, divisava futuro todo cor de rosa.

Aliás, com a breca, ainda quando a opinião do D^f. Meireles não o desculpasse bastante aos proprios olhos, absolviam-no plenamente as teorias modernas. Tinha o direito, como homem de resolução, de quebrar com coragem os obstáculos que lhe impediam os passos.

Parafusou, parafusou e, afinal, partiu com a mulher para Caxambu.

E não é que as águas começaram a fazer sensível beneficio á Nicota? Chegou até a engordar, fato que nunca lhe sucedera. Bom, a ele, é que as cousa saião ás avessas. Viera para um fim e o contrario é que se dava. Forte caipora!

E nos seus íntimos frenesins sentia ímpetos de esganar a mulher, ao vê-la dormir com os beijos cada vez mais bico de chocateira. Que cara, que pele amarelada e por cima ainda cheia de sardas! Metia nojo.

Não havia remédio; era resignar-se. Tinha que carregar aquela cruz até ao ultimo dia da vida, seu destino.

Certo dia, porém, á mesa do jantar, Nicota ergueu-se de repente, levou a mão ao peito, soltou um grito abafado de angustia e tombou no chão, redondamente morta.

Causou o caso no hotel imenso alarma, correrias, quedas, desmaios, um horror!

Desfez-se ele num pranto sem fim, consolado pelos amigos de ocasião. "Tivesse paciência, a sorte de todos, D. Nicota fôra feliz até na morte." "Com efeito, mas era tão boa, companheira de tantos anos, assim de repente, agravante á sua dor." E mais isto e mais aquilo.

E, não cessou de chorar e lamentar-se, ora mui leal e convencidamente, ora por simples comedia, até á volta do cemitério de Baependi, pois nesse tempo

Caxambu não possuía ainda terreno para enterrar os seus mortos, ou hospedes, ou moradores do lugar.

Essa volta de Baependi!... A tarde estava tão linda e serena, o céu tão puro e risonho, a paisagem toda tão grata, iluminada pelos últimos raios do poente em fogo!

Amaro Esteves sentiu-se outro, o peito desafogado e dos lábios entreabertos deixou escapar expressivo e misterioso *Enfim!*

E sorriu-se ao recordar-se da baronesa da Silva Velho. Fala-ia viscondessa, não havia duvida.

Recolheu-se, ao chegar, a um aposento qualquer, deitou-se cedo e dormiu largo e tranquilo sono.

De madrugada acordou assombrado, tiritando de horror.

Clamor imenso, sem nome, indizível, enchia aquele quartinho de hotel; mil clarins de Jericó, trompas infernais, repercussões medonhas, ecos terríficos, tudo dominado por uma voz pungente, um uivo de suprema agonia a bradar: *Assassino! Assassino! Assassino!*

Gélido suor inundou-lhe o corpo todo e os cabelos se lhe eriçaram no alto da cabeça...

FIM